

REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

REDACTOR-SECRETARIO: JULIO CESAR DA SILVA

SUMARIO

O CONDE KEYSERLING E A ESCOLA DA SAPIÊNCIA NA ALLEMANHA	H. Fitzler	3
BORGES DE MEDEIROS (II) .	Villar Belmonte	6
MADRUGADA GAÚCHA. . . .	Homero Prates.	9
ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS	José Patricio de Assis . . .	13
MEALHAS ETYMOLOGICAS . .	Francisco Luiz Pereira . . .	17
O ULTIMO DIA DA MOCIDADE	José Mesquita.	20
PASTEUR E A BIOLOGIA . . .	Ulysses Paranhos.	27
O "RUSH" EM NEW YORK. . .	Orlando Machado.	34
A BACIA DO AMAZONAS . . .	A. D. Mirandeira.	38
UMA CAÇADA.	Carlos Kiellander.	45
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS	Arthur Motta	50

BIBLIOGRAPHIA — RESENHA DO MEZ — NOTAS DO
EXTERIOR — DEBATES E PESSALIZAS — CURIOSI-
DADES — AS CARICATURAS DO MEZ

S. PAULO

MONTEIRO LOBATO &c Co. — EDITORES
RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B



REVISTA DO BRASIL - RUA VICTORIA, 47 - CAIXA, 2-B - SÃO PAULO
 Telex. Cidade.
 ASSIGNATURAS: - ANNO 20\$000, EXTRANGEIRO - 25\$000, NUMERO AVULSO - 1\$800
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao Redactor Secretario: Dr. JULIO CESAR DA SILVA 6278

Ultimas Edições da Casa

Monteiro Lobato

j
C.

.IH.

O MACACO QUE SE FEZ HOMEM, contos de Monteiro Lobato	Broch.	4\$000
ATRAVEZ DA EUROPA, de Afonso Lopes de Almeida	Broch. Em papel fofo	5\$000
	Em papel jornal	3\$000
FACUNDO, de Sarmiento	Broch. Em fofo	5\$000
	Em jornal	3\$000
DENTE DE OURO, de Menotti Del Picchia	Broch.	4\$000
MEMORIAS DE UM RECRUTA, de Oswaldo Barroso	Broch. Em fofo	4\$000
	Em jornal	2\$500
NOS CAMINHOS DO NAZARENO, do Padre Heliodoro Pires	Broch.	5\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, de F. J. Oliveira Vianna	Broch.,	8\$000
JOAQUIM NABUCO e MACHADO DE ASSIS, de Graça Aranha	Broch.	10\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra postliuma de Alphonsus de Guimaraens	Broch.	3\$000
RITINHA, contos de Léo Vaz	Broch.	4\$000
SAPEZAES E TIGUERAS, contos de Amando Caiuby	Broch.	4\$000
A MEZA E A SOBREMEZA, de Rosaura Lins	Ene.	7\$000
JUCA MULATO, (4/ edição) de Menotti dei Picchia	Broch.	3\$000
O PRINCIPE FELIZ, de Oscar Wilde, trad. de Rosalina C. Lisboa	Broch.	3\$000
A CURA DA FEALDADE, do Dr. Renato Kehl	Ene.	20\$000
AMOR IMMORTAL, de J. A. Nogueira	Broch.	5\$000
O DRAMA DAS COXILHAS, de Roque Callage	Broch.	4\$000
CARTAS DE UM CHINEZ, de Simão de Mantua	Broch.	5\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, do Visconde de Taunay	Broch.	5\$000
O PADRE EUZEBIO, de Antonio Celestino	Broch.	4\$000
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, por João Leda, br		5\$000
DISSE, por Altino Arantes, edição do Grémio XI de Agosto, br		8\$000
ENCYCLOPEDIA JURÍDICA, por Laudelino Baptista, br		5\$000

Pedidos a Rua Victoria, 47 - Caixa, 2-B - S. MOIO



Holmberg, Bech I Cia. Ltd.

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

Papel,
niateriaes
para
construcção,
ago,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".



J K e g i n a H o t e l

Endereço Telegraphico s "REGINA,,"

Largo de S. Ephigenia, 8 SÃO PAULO

Este novo hotel oferece indiscutivelmente aos Srs. Viajantes optimo conforto. Sua situação é de primeira ordem; os quartos são grandes, ventilados e dotados de todo conforto desejável. Das suas janellas descortinam-se soberbos panoramas. O Hotel possui *elevadores, rêde telephonica para todos os andares*, mais de 60 banheiros, agua corrente fria e quente em todos os quartos, aquecedor central durante o inverno. O pessoal é escrupulosamente escolhido e a cosinha é dirigida por um habilissimo chefe. Preços rasoaveis e ao alcance de todos. O Hotel é dirigido pelos seus proprietários, Srs.

Angelo Gabrilli & Filhos



Canto e Mello

o festejado romancista que com tão bellas
obras tem enriquecido as letras patrias
acaba de publicar um novo romance

^U *Recorclações* ”

que merece ser lido por todas as pessoas
de bom gosto.

Pedidos a MONTEIRO LOBATO & C.
EDITORES - S. I'AÛL, O

I LOTERIA DE S. PAULO 1

—
29 de Janeiro

Terça-feira

20:000:000
FOR \$800

1
à
1

Os Bilhetes já se acham á venda em
toda a parte.



"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Director : SÍLVIO DE ALMEIDA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL :

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS	32\$000
NUMERO AVULSO	3\$000

Pedidos á

NOVA ERA Empresa Editora

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 3.o andar, sala 20

Telephone: Central 1681 — S. PAULO

Vale quem sabe

AOS NOBRES AGRICULTORES DO BRASIL

...Os segredos do bom successo, em criação e em agricultura, consistem, sobretudo, em uma DOCUMENTAÇÃO PROFISSIONAL completa. Por meio de livros agricolas, bem feitos, ponde-vos ao corrente dos methodos modernos e do progresso, que TRIPLICAREIS VOSSAS OPPORTUNIDADES DE SUCESSO...

Alimentação das aves (2. ^a edição)	\$500	Cultura do trigo (Edição Portuguesa)	22000
Cultura da soja.	\$500	Cultura das plantas em vasos	24000
Diccionario das plantas da horta	\$500	Productos hortícolas	25000
Vinhos de fructas brasileiras	\$500	Criação do Gado (Edição Portuguesa)	25000
Cultura da batata ingleza	\$500	Guia e formulário para se obter favores do	
Cultura do coqueiro	\$500	Ministério da Agricultura	25000
Consolida do Caucaso	\$500	A pesca nos rios — Conselhos práticos —	
Craveiro da india	\$500	73 gravuras	25500
Leites medicameptoasos	\$500	Pragas do Cacoeira	26000
Fabrico de productos do porco	\$500	Manual do perfumista	26000
Cultura do cajueiro	\$500	Escritores antigos de cousas agricolas	26000
Plantas que fornecem madeiras	\$500	A sulla ou Sanfeno	26000
Fabricação da manteiga	\$500	Botanica medica cearense	26000
Criação de canarios (4. ^a edição)	\$500	Cultura do arroz — por J. Simões Lopes.	26000
Manual do caçador brasileiro	\$500	Diccionario das plantas forrageiras do Brasil	26000
O pescador brasileiro	\$500	O lar feliz	26000
Criação de pombos no Brasil (2. ^a edição)	\$500	Livrinho das aves	26000
Cultura da canna (2. ^a edição)	\$500	Mammiferos do Brasil — ppjf R. Gliesch	26000
Plantas alimenticias e medicinaes do Brasil.	15000	A enxertia pratica — Broch	26000
Diccionario das moléstias das aves (2. ^a ed.)	15000	Tratado completo sobre a mandioca	26000
Cultura do morangoeiro	15000	Os suinos	26000
Cultura da batata doce	15000	Moléstias do coqueiro — Dr. G. Bondar.	26000
Criação do porco da india (cobaia)	15000	O cavallo crioulo	26000
Cultura das flores annuaes	15000	Ensilagem	26000
Gallinhas de grande postura (2. ^a edição)	15000	Vademêcum do criador de porcos no Brasil	26000
Arte de criar pintos (2. ^a edição)	15000	Como fiquei rico criando gallinhas	26000
Cultura da cebola	15000	Leguminosas forrageiras do Brasil.	26000
Criação de patos, gansos e marrecos.	15000	O cão e seu ensino	26000
Pragas da figueira cultivada	15000	Manual Pratico de Viticultura	26000
Cultura do fumo no Brasil.	15000	Preceitos e conceitos — Dr. Austregésilo.	26000
Cultura da Noz de Kola	15000	Hygiene para todos	26000
Guia dos vinhateiros no Brasil	15000	Tratado sobre o porco — por P. Salles	26000
Febre aphtosa e como curar.	15000	Phraseologia agricola latina	26000
O berne e sua eliminação	15000	Tratado das moléstias das aves.	26000
Vida das formigas — Combate ás saúvas."	15000	Elementos de mineralogia	26000
Combate aos ratos	15000	Informações úteis sobre cafeicultura	26000
Cultura do tomateiro no Brasil	15000	Mechanica geral applicada	26000
Piolho dos vegetaes	15000	Cultura da Alfafa	26000
Cultura do trigo.	15000	A mamoneira e o oleo de ricino	26000
Cultura da caramboleira	U000	Cartilha Avicola (Edição Argentina)	26000
Cultura da jaqueira	15000	Gallinaceos e Columbinos, Dr. D. de Carvalho	26000
Cultura da goyabeira	15000	Aleyrodideos do Brasil — Dr. Bondar — 182	26000
Cultura do marmelleiro	15000	paginas — 84 fig	26000
Incubação natural e artificial (2. ^a edição)	15000	Tratado pratico do queijo e da manteiga	26000
Cultura do mamoeiro	15000	Tratado pratico de lacticinios	26000
Historico do fumo	15000	Pelas industrias da pesca no Brasil	26000
Figueira da india	15500	Café, Juta e Borracha	26000
Praga das jacobiteaberas e outras myrtaceas	15500	Jardim Florido (Jardinagem)	26000
Variedades do cacão — Dr. Bondar	20000	Caças e caçadas no Brasil — H. Silva	26000
Monographia da raça Plymouth Roch Carijó	20000	Exterior dos grandes animaes domesticos.	26000
Calendario do Criador de Abelhas.	20000	Alimentação do gado — 402 pags.	26000
Manual de enxertia	20000	A B C do agricultor	26000
Moléstias dos animaes	20000	Vademecum do horticultor	26000
Laranjeiras e limoeiros	20000	O medico no lar	26000
As raças de gado bovino no Brasil	20000	Hygiene Infantil	26000
Almanak avicola para 1920.	20000	Elementos de Agricultura Geral	26000
Sciencia no lar domestico	20000	Lanigeros — Criação de carneiros.	26000
Os encantos da roça	20000	Jardineiro Brasileiro	26000
Guia botânico dos jardins de São Paulo.	20000	Criação da cabra e industria	26000
A queima e seus efeitos	20000	O coqueiro — por Paschoal de Moraes	26000
Os pequenos amigos da agricultura	20000	Physica — Dr. Padua Dias, 460 pgs., 420 grv	26000
Cultura da bananeira	20000	Medicina Veterinaria	26000
Cosinha Vegetariana	20000	Manual do Algodão... de T. R. Day	26000
O feijão commum	20000	Manual do Viti-Vinicultor Brasileiro.	26000
Cultura e preparo do fumo no Brasil	20000	Monographia completa sobre o arroz	26000
Ensino Agricola	20000	Os eucalyptos — por E. Navarro de Andrade	26000
Criação do búfalo	20000	Manual Pratico de Criação de Gado Bovino	26000
Preliminares das culturas especiaes	20000	no Brasil — Encadernado	26000
Enxugo das terras	20000	Atlas e fauna do Brasil	26000
Cultura das plantas herbaceas	20000	Os pequenos e grandes engenhos, ene..	26000
Gallinhas e ovos	20000	Manual do Turf	26000
Leite e seus productos	20000	Novo Manual de Agricultura Pratica, ene.	26000
Conservação e fiscalisação do leite	20000	Novo diccionario ill. da lingua portugueza	26000
Cultura da terra	20000	Manual de botanica, por A. Lofgren	26000
O Phosph. e Cal na Alimentação do Gado	20000	Standard de Perfeccion — Encad. de luxo	26000

VALES E PEDIDOS AO EDITOR DA "CHA. E QUI." — CAIXA, 652 — S. PAULO





O GADO E' OURO EM PE'

Acaba de sahir a 2.^a Edição do
**MANUAL PRATICO DE CRIAÇÃO
DE GADO BOVINO NO BRASIL**

PELO DR. F. IUFFIER

Eni apenas tres annos exgottaram os cinco mil exemplares da 1.^a Edição deste livro, escripto para os intelligentes criadores brasileiros, e agora publica-se esta 2.^a Edição, revista e corrigida, de mais cinco mil exemplares.

Si ha um livro pratico é este, aonde cada pagina contém úteis informações e conselhos aproveitáveis. O volume consta de 400 paginas illustradas e a capa representa um lindissimo touro de raça, em trichromia de effeito deslumbrante.

Desde que sahiu a primeifa Edição, o competente zootechnista e criador pratico seu autor, tem recebido numerosos dados, consultas e observações de seus collegas de todo o Brasil. Na 2.^a Edição foram assim aproveitados numerosos elementos para tornar mais aproveitável o riquíssimo texto. Alguns capítulos, como o sobre gado Zebú, foram completamente refundidos: novos capitulos foram acrescentados; afinal, este novo volume é de grande interesse e não pôde faltar na estante de qualquer criador progressista e amigo do Brasil.

PREÇO DO VOLUME Rs. 10\$000

(Accrescentar 1\$000 pela sellagem e registro)

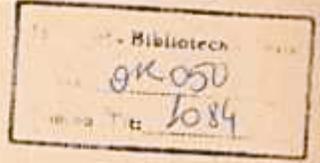
— A quem enviar Seu pedido JAW será abonado o 1\$000 do porte e registro. —
DESCONTO AOS REVENDEDORES

Vales e pedidos á Empreza Editora de "CHACARAS E QUINTAES"

RUA ASSEMBLÉA, 18 — Caixa do Correio, G52 — S. PAULO



REVISTA DO BRASIL



VOLUME XXV

JANEIRO A ABRIL

DE 1924

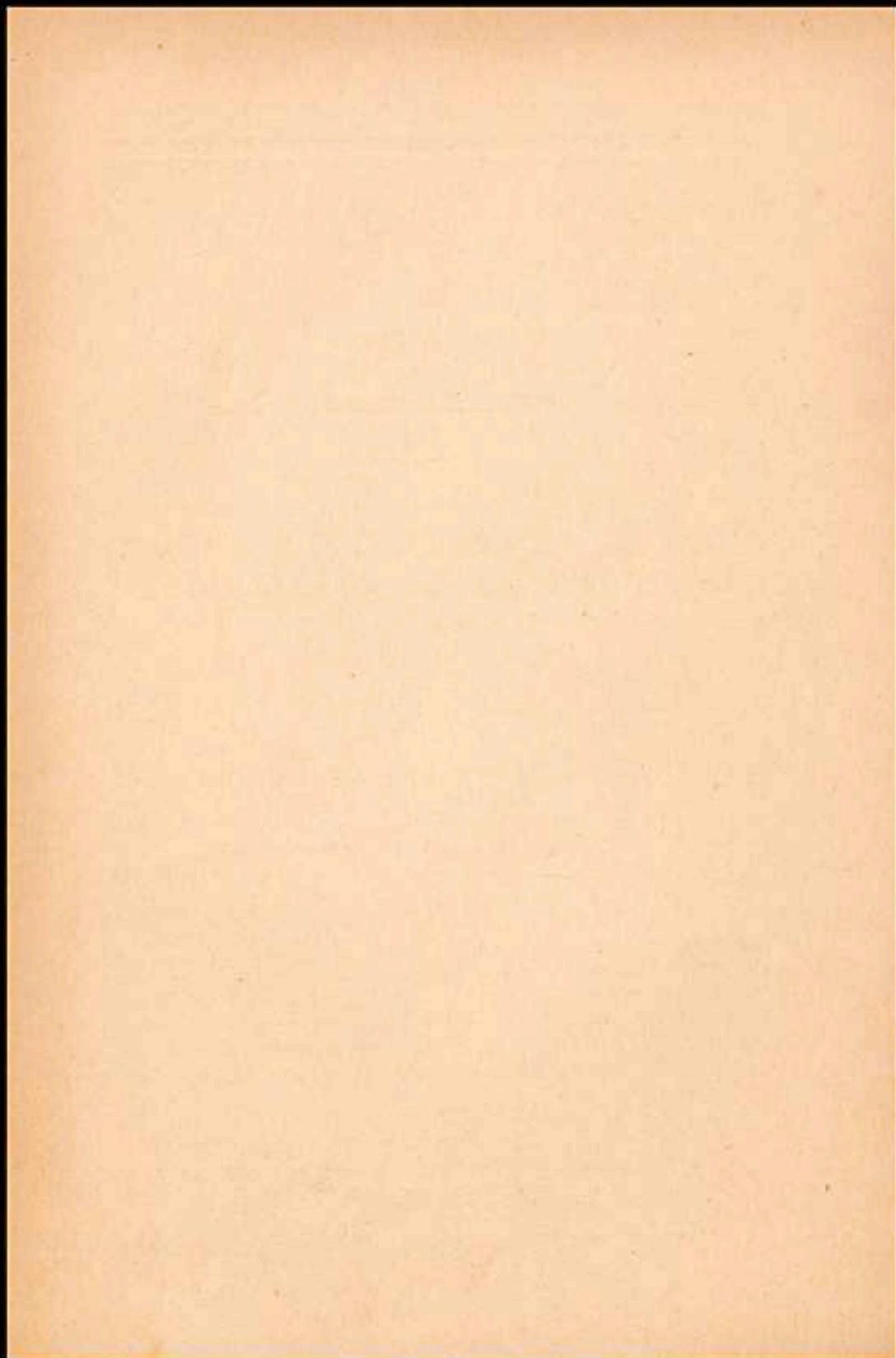


MONTEIRO LOBATO & C.
Editores

São Paulo

20303





REVISTA

DO

DIRECTORES:

PAULO PRADO

MONTEIRO LOBATO

I J I J / V W I I

I J I W I W V J L L - J

REDACTOR

SECRETARIO:

JULIO CESAR D A SILVA.

O CONDE KEYSERLING E A ESCOLA DA SAPIÊNCIA NA ALLEMANHA

A 23 de novembro de 1920 abriu-se em Darmstadt, cidade bastante conhecida da Allemanha, a Escola da Sapiência do Conde Keyserling. Com este passo, o philosopho e letrado Hermann Keyserling poz-se na frente de uma corrente philosophica, que nasceu nas índias, na sapiência védica do grande Rabindranath Tagore, e no centro florido do velho império chinéz.

Tornou-se uma Sociedade de Philosophia Livre que mostra mais laivos de aristocracia do que Rodolpho Steiner podia dar ao seu "Goetheanum" em Dörnach na Suissa. São! duas creações contradictorias este Goetheanum em Dornach e aquella Escola da Sapiência em Darmstadt, mas representam, assim, as duas grandes correntes da philosophia moderna do Occidente, e por isso, merecem o maior interesse do nosso meio philosophico.

Que é, emfim, esta Sociedade de Philosophia Livre que publica mensalmente iima revista de nome promettedor: "Caminho para a perfeição"? Que nos tem de dizer, antes de tudo, o Keyserling, chefe intellectual da corrente? Dar-nos-á a resposta o proprio Keyserling na publicação inaugural da Sociedade:

"Foi o effeito do meu livro "Diário de viagem", quem



criou os planos deste instituto. Fiquei eu bastante contente vendo quantos e quanto a priori já tinham entendido a quinta-essência do meu livro que é a expressão do movimento intimo de um homem, que, sem descanso, da universalidade tende para a perfeição do seu ser individual.

"Nasceu em muitas almas o desejo de receber um adiantamento immediato e moral numa escola philosophica consoante os meus preceitos.

"A Escola de Sapiência, porém, não serve para adquirir instrucção positiva, influencia os seus discípulos de tal modo que reconheçam a verdade de que quem aspira precisa subir ao nivel de um ser superior, a um certo rythmo de vida"

Há reuniões regulares, cujo foco central é, sem duvida, a pessoa do philosopho Keyserling e quem procura mostrar aos discípulos a verdade nestes " colloquios socráticos", imitando um tanto o mestre do Platão.

O Conde Keyserling é um dos poucos, que, sempre Vivendo nas alturas da vida social, nunca acharam obstáculo no gozo de todas os fructos da cultura e civilização européa. Não há muitos que possuem tanta facilidade do sentimento e tanta força da imaginação viva; as exigencias intellectuaes deste gênio não receberam a alimentação necessaria nas theorias, desde há muito, materialisadas e materialisantes do modernismo. Procura a solidão de Rachthnell, torrão da familia na Esthlandia, que só deixa para emprehender uma grande peregrinação no Oriente, cuja cultura não européa lhe parece ser a apocalypse. De exemplos nesta viagem lhe servem os grandes antigos Pythagoras e Platão, e os resultados, as impressões philosophicas publica-os, logo, no "Diário de viagem de um philosopho", livro este, recebido por uns com o máximo applauso, pela maioria, entretanto, com odio e até com desprezo — natural de nossos tempos.

Mas o que é essencial para nós, é que este diário transmite um retrato quasi inturvado do conde Keyserling. Certamente não acharemos muito de commum entre os tsabios da Grécia e o tom mundano do conde — confesso-o — mas não devemos esquecer que este livro foi concebido pela nossa technica de pensar que essencialmente differe da dos tempos de Pythagoras.

Para a Sociedade da Philosophia Livre serve este diário de "biblia" e de guia na comprehensão do mestre, de manual na direcção intellectual. Keyserling recebeu o seu modo de contemplar o mundo dos metaphysicos das índias; considera aquelles sábios do Hindostão os únicos "que tinham sido muito exactos, muito naturaes e muito verdadeiros". De facto, os prin-



cipios ou melhor ainda os fins do buddhismo e do christianismo coincidem: ambos aspiram a um mundo divino-intellectual, a um mundo de sapiência e verdade. Que nas índias estes fins ficaram sempre muito mais em evidencia do que no Occidente, também não podemos negar. Sempre nos veiu toda inspiração religiosa do Oriente e ainda hoje dependemos de lá em certo sentido.

E nessa dependencia baseia-se o Keyserling nas suas maximas, pronunciando, assim, as três formulas capitaes da sua comprehensão do universo do modo seguinte:

- 1.º a relação histórica entre o Oriente e o Occidente.
- 2.º as diferenças entre os methodos orientaes e occidentaes em conhecer no sentido philosophico as coisas.
- 3.º a repartição geographica das culturas, que servem de fundamentos á evolução humana.

O lugar nos prohibe de apreciar minuciosamente as formulas acima dadas. Mas também nós comprehenderemos o valor immenso da cultura das índias antigas, procurando achar a influencia de cada uma das cinco culturas sobre as seguintes e revivendo a historia destas civilisações, isto é, a india, a persa, a egypcio-chaldaica, a grego-romana e a occidental.

Os maiores acontecimentos até agora na Escola da Sapiência foram sem duvida, a "Semana de Tagore" e o "Congresso da Sociedade da Philosophia Livre". Conferenciaram muito interessantemente o Keyserling sobre "a symbolica da historia" e Richardo Wilhelm sobre "a educação chinesa na vida social". Wilhelm significa para Peking na China, quanto Keyserling para Darmstadt. Foi elle quem fundou na cidade de Peking uma escola semelhante á da Sapiência. Em certo sentido representa a ordem social da China o ideal em vão aspirado por alguma parte do Occidente não revolucionário. A priori, porém, encontramos um abysmo insuperável: as relações, que há entre nós e o budhismo, absolutamente não existem entre o christianismo e o confucianismo. Porque já há muito, desapareceram na China aquellas religiões espirituaes do taoismo e do buddhismo, cessando ambos ao confucianismo, que é só uma religião politica.

Voltemos para a escola do Keyserling e para os dogmas do hindu' Rabindranath Tagore cuja personalidade e individualismo fortes, bons e entusiasticos, também nos attrahem e nos vencem, a nós, os scepticos do modernismo: *la critique ria jamais tué ce qui doit vivre.*

H. FITZLER.





BORGES MEDEIROS

ii

DON Quichote? Comico? mas sel-o-á quem não faz graça a ninguém, e hierático se empareda em palacio para viver da renuncia? Um Sancho Pansa — esphyngé? Mas este sustentava que "solo la buena administracion hace la buena politica" Mystico? — talvez... O sr. Borges só acceita um pensador: Comte. Para elle — "governo é o poder espiritual". A moral e os costumes ficam a cargo do "poder temporal" (sic). E' um religioso observador de formulas mecanicas, exteriores: caminha hirto, a passos medidos, fazendo compasso com a bengala e a cabeça. O seu cumprimento é simples, sem affectação, mas geometrico: dá a mão, segundo a technica positivista, em forma de bençã. Calmo, os olhos grandes, magnéticos, porem claros e fixos r.um ponto qualquer, leva a mão dobrada, á altura do peito, e diz quasi paternalmente:

— Como vai, Coronel? Ja sei, vai tudo bem, não é assim?

E tal dominio tem no sublinhar essas palavras, empertigado, l-aixando a cabeça, que o misero interlocutor não tem remedio, sinão concordar. No seu habito duodecennial de mando, adquiriu certo império no dizer coisas triviaes, de modo tal que um seu "Sim, impreterivelmente" tem o dom magno de restabelecer por momentos a *paa* nas consciências afflictas de dois politiqueiros locaes que se contraponham... Um seu discipulo, coronel de Passo



Fundo, interpellado certa vez por sua esposa — uma bondosa camponesa como são quasi todas:

— Fazes mal, Fulano: vem A queixa-se contra B e você diz — *tens toda a razão*; vem B e queixa-se contra A e você repete: *iens toda a razão*.

E o discípulo do sr. Borges respondeu, incontinenti:

— E' verdade, mulher, *tens toda a razão*.

Excusado é dizer que esse chefe politico era rabula...

— "Mas Dr., diz certo juiz a S. Exc." aquelle homem é um perigo, um bandido da peor especie...

— Não faz mal, contesta suavemente, espalmando a mão no ar, sacerdotalmente, "o elemento mau carece de coexistir com o elemento bom..." etc.

Tudo indica que o sr. Borges não se enquadra em nenhuma das categorias cerebraes humanas: nem é matematico, nem imaginoso, nem pensador. Si fôra calculista, outras vantagens teria obtido de sua ascensão... Imaginoso ou phantasia, menos, porque apesar de "protector das artes" (que o é de facto) tem um senso muito vivo das objectividades, dos interesses materiaes, immediatos. Pensador, jamais, porque os fantasmas de palavras, os dogmas de credos, as phrases feitas o perseguem e estorvam em todas as suas concepções. Sectário, tudo que não estiver no breviário de sua doutrina é "anarchico e faccioso", é "moral metaphysica, theologica e caduca..."

Adora, em compensação, as formulas: a "continuidade administrativa", as "injuncções partidarias", a "civilização industrial", os "princípios immanentes", o "poder temporal", etc., são syllogismos que ha vinte annos recheiam, as suas mensagens. Mas fará tudo isso, rabulicamente, por interesse proprio ou fakirisado por um desvio mental de convicções mal assentadas? Pretendemos suppor que as crenças mal assimiladas produzem os fanaticos, em philosophia, politica, arte, religião, etc. E o sr. Borges já se convenceu que o "principio de autoridade tem de ser mantido, custe o que custar."

Si fôra logico o vigentenario presidente — concluiria desde logo que a autoridade ou a gloria crescem por si: não se arrancam ...

Aquelle "custe o que custar" importa em annullação da própria autoridade. Mas o "governo constituido" (por quem?), diz elle, "fará impor sua vontade", esquecido de que a vontade legal está mais em afastar as causas de conflictos do que em reprimir estes.

Francia no Paranguay era um mystico perfeito, asceta do genero dos melancolicos... Balmaceda no Chile — um presidente á Pinheiro Machado, e o governador gaúcho nada tem de sábio



lyranno, nem de caudilho popular. Sua figura é a do conservador feroz de tudo o que tem "a submissão como base do aperfeiçoamento" e o "conservar melhorando" como norma de conducta em todos os actos da vida.

S. Excia. teme os reformadores, e até se horrorisa ante os que se abalançam a organizar as actividades individuaes...

Falai ao Papa sobre a corrupção social e elle, dedinho no ar, do solio pontifício, attribuirá todos os males humanos aos sapatos á Luiz XV, aos decotes amplos, ás pinturas, aos postiços... Falai aos juristas, e elles virão logo com as opposições do código, com as indecisões da Constituição, etc. Ouvi os cathedraicos e elles não irão além das citações latinadas... Ora, precisamos acabar com essa escravidão mental, tradicionalista: a biblia, o decreto, a doutrina mandam assim, mas eu, individualmente, penso *assado!*

Nossa consciência não é pupilla, mas senhora das consciências que se foram, dos que pensaram antes de nós. Não são "os mortos que governam os vivos", os vivos, isto é, os espertos, dizia o saudoso Salvador Pinheiro Machado, é que governam os mortos, isto é, os que se fazem de bobos. O pensamento desse rústico, mas intelligentissimo "monarcha da cochilha" esclarece o nosso conceito, que é o de todo homem sensato, pensador por si, sem apoio de leis, nem apothemas do vulgo.

Já perceberam os leitores que não falamos como parlamentarista nem presidencialista, mas como unitarista — desejando uma União forte, com provincias fiscalizadas e municipios livres. Em cincoenta annos Pedro II, com a sua cordura, afrouxou os nossos laços de federação: as cidades e os povoados coloniaes se isolaram nos sertões e os Estados se tornaram rivaes, entre si... Não temos outrosim sympathias nem malquerenças por Borges de Medeiros: vemol-o, não como politico, que em nada se distingue dos demais..., não como administrador, porque S. Paulo deixa o Rio Grande a perder de vista, mas como Presidente de Estado, como burocrata-mór agindo bem ou mal em sua funcção. — Ahi, nessa face sociologica (e não politica ou administrativa) é que iremos tentar estudar o olygarcha, atravez a legislação do Estado, as suas mensagens, a cumplicidade do Congresso e dos Governos Federaes, etc., etc. Ahi é que iremos ver qual o maior culpado: si o povo riograndense, si o sr. Presidente Federal do Estado, si o poder competente para velar pela exacta applicação das leis de nosso estatuto fundamental.

VILLAR BELMONTE





MADRUGADA GAÚCHA

Ao amigo Luderites Ramos

I

*E' dia de marcação;
e ainda vem longe a alvorada
já de pé toda a peonada
conversa junto ao fogão.*

*Passando de mão em mão,
em cuia e bomba prateada,
de herva bôa e bem cevada
corre a roda o chimarrão.*

*Chia o churrasco em brasa
ainda a escorrer água e sal...
Mais tarde, á porta da casa*

*surge o patrão e, á distancia,
vê partir guapa e jovial
a flôr da gente da estancia.*

II

*E' um prazer vel-a seguir
para o campo, alegremente;
até vontade se sente
de com cila também ir.*

*Todo compadre, sem rir
a essa boa e altiva gente
o capataz vae na frente
mui ancho de a dirigir.*

*Cliapco largo afiando aos ventos,
faca, adaga, tirador
e laço e bolas nos tentos*

*lá vae no seu baio-ruano,
com ares de grão senhor,
D. Peres, o castelhano.*

III

*E o mais alegre e mais prosa
nunca está sem conversar.
Tem sempre algo que contar
de su vida aventurosa.*

*Gaita ao peito e voz saudosa
na estancia, em noites de luar,
é elle quem faz vibrar
dos peões a veia amorosa.*

*E é um gosto ouvir-lhe as paradas
de bisneto de espanhol.
Diz que áe las cosas creadas*

*tiene el alma na garganta.
Nos céos pára o próprio sol
si D. Perez é quem canta!*



IV

*Assim, no tranco no mais
— não são ainda quatro horas —
seguem num tlin-tlin de esporas,
de pratas e de metoes.*

*Logo adiante se dispersa
o grupo de a dois, de a três;
e cada um por sua vez
toma direcção diversa.*

*Este vae para o rodeio
do fundo, e já mal distingo
qual o pêlo do seu pingo
que vae atirando o freio.*

*Esse outro é o pardo Xirú
posteiro lá do "Boi-Preto;
leva um matambre e um espêto
nos tentos de couro crú.*

*Aquelle segue outro rumo;
é o que mais lida e trabalha.
Tem presa á bocca uma palha
ao passo que côrta o fumo.*

*Cigarro de carreteiro
— pois vae ser longa a troteada —
accend-o de uma tragada
com as mãos em concha no isqueiro.*

*Manheiro ou de fino rolo,
chupa-o sempre a sorvo largo,
que após o churrasco e o amargo
sabe bem um bom creolo.*

*Assim vac para o trabalho
o alegre grupo campeiro...
Já se levanta o nevoeiro
dos campos cheios de orvalho.*



*Atalaia vigilante
dos pampas, de quando em quando
um quero-quero, cantando,
vôa e pousa logo adcante.*

*Um pastor gordo e feliz
repona ao longe a manada.
Súbito, meio assustada
ergue o vôo uma perdiz.*

*Desponta aos poucos a aurora
accendendo mil clarões
como innumeros fogões
nataes pelos céos em fóra...*

HOMÉRO PRATES

Rio, Outubro — 923.

(Do livro, em preparo — "Ao sol dos pagos")





ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

SUCCESSO

O reverendíssimo filologo frei Francisco de S. Luís taxou de galicismo ao substantivo *sucesso*, empregado r.a acepção de *bom êxito*, *feliz resultado*, *triumfo*, etc. Disse o douto cardinal de Lisboa que *sucesso* significa *qualquer acontecimento* e que é imprescindível a companhia de algum adjectivo, restringindo-lhe a extensão do significado, desde que se não quer este indeterminado.

Candido de Figueiredo é da opinião do erudito frade.

Sucesso, diz Adolfo Coelho, significa *resultado*, *conclusão*, *acontecimento*; vem do latim *successus*. Santos Valente, *Dicionário Contemporâneo*, dá-lhe semelhantes significados, considerando neologismo o seu emprego na acepção de *acontecimento feliz*, *restdtado favoravel*, etc.

O illustrado Silva Túlio assevera que a palavra *sucesso* tem em português o mesmo significado que lhe dão os franceses, porque a origem é latina e neste idioma se define *sucesso* por *eventus prosper*.

"E tanto que no capitólio havia uma divindade denominada Sucesso, com os emblemas que denotam o jubilo e descanso que se goza depois do triunfo.

Os que têm frequente leitura dos nossos clássicos sabem que eles empregam este vocábulo na acepção que frei Francisco de S. Luís reprova como galicismo; e para não acumular exemplos em ponto de tão fácil averiguação, apenas transcreveremos alguns do padre Antonio Vieira, que si era propenso a italianismos, a galicisms nunca: "Muito lhe doeu a Cristo, gotas de sangue lhe custou, contemporizar com a circuncisão; mas foi necessário dissimular com dor para remediar com *sucesso*." (*Sermões*, tomo XI, 486). — "Mas tempo é já que nos façamos noutra volta, que do sul passemos ao norte, e ponderemos o *sucesso* (a vitoria) do Rio Real." (*Id.*, tomo XV, 2). — "Parece que vejo aqui retratado o *sucesso* dos filhos de Israel, quando venceram aquele grande exercito dos sirios, que capitaneava Georgias, general do rei Antioco." (*Id.*, *ibid.*, 18. — "...e o fizeram (os portugueses) com tanto *sucesso* e resolução." (*Voz Hist.*, 10.)

Si houvessemos de dar adjectivo a este substantivo, teriamos de dizer *bom successo*, *mau successo*, o que causaria um equivoco tão obvio que escusamos declara-lo." (*Bstudinhos da Língua Patria*, p. 32.)

A figura simbólica do *Sucesso* (ensina o venerando Rafael Bluteau), era um homem com uma taça numa mão, uma espiga na outra, com uma papoula. Na taça se significava a alegria com que esta deidade convidava, a espiga denotava o proveito, e na papoula se mostrava o descanso, que se logra depois de conseguir um bom successo.

O nosso eminente e muito erudito filologo Mario Barreto, em sua antepenúltima obra *Novísimos Estudos da Língua Portuguesa*, ps. 276 a 278, estudou inteligentemente o caso, precisando o seguinte:

"*Sucesso* originariamente é uma palavra de sentido neutro: de si não significa senão *acontecimento* ou *coisa sucedida*, ou seja favoravel, ou também desfavorável, condição que ha de ficar determinada pelo adjectivo particular que com *sucesso* vai conjunto: *feliz*, *afortunado*, *prospero*, *bom*, etc., ou ao contrario, *infeliz*, *mau*, *desgraçado*, etc.; mas, empregado de modo absoluto, sem mais aditamento, toma-se sempre em boa parte, no sentido de *êxito afortunado*, *feliz resultado*, *triufo*, *vitoria*.

Silva Túlio defendeu o uso da voz solitaria *sucesso* contra o parecer de outro grande averiguador de vernaculidades, o ilustrado frei Francisco de S. Luis que a condenou por galicismo quando empregada absolutamente, isto é, sem os correspondentes adjectivos *prospero*, *bom*, *alegre*, *feliz* *acertiuio*, *favoravel*, etc.; e citou, para legitimar tal emprego, suficientes textos do grande Vieira.

Sucesso, absoluto, por *bom successo* já o tinham os latinos, e dentre os exemplos citados no dicionário de Freund, baste aquela verdadeira sentença com que Fedro termina a fab. 3 do liv. II: *successus improborum plures allicit*. Venha-nos dos latinos este sentido absoluto ou, como querem os puristas, venha dos franceses, que fizeram até o negativo *insuccês*, o certo é que são communs hoje em dia frases como estas em que *sucesso*, absolutamente, tem o sentido de *bom*, *favoravel*: *Teve successo nos jornais*. *Sucesso imenso*. *Livros que lograram um successo extraordinário*. *Fello com pouco successo*.

Os vernaculistas acham que o melhor de tudo é determinar o significado com a adjunção de *bani*, *alegre*, *feliz*, e semelhantes, ou de *mau*, *triste*, etc."

Registam-se abaixo vários exemplos, em que o substantivo *sucesso* é empregado na acepção absoluta, nalguns com o significado de mero acontecimento e noutros com a significação de *feliz resultado*, *triufo*:

"... aonde prouvera a Deus que não fôra, já que tal *sucesso* havia de ter minha ida." (Fernão Mendes, *Peregrinação*, p. 41).

"... si dermos o verdadeiro valor a vários *successos* daquelle tempo." (A. Herculano, *Composições Varias*, p. 8).

"... grande abalo político, precursor e anuncio dos *successos* extraordinários de 1640." (*Id. ibid.*, p. 89).

"... aludia aos últimos *successos*, e dizia cousas meigas e graves." (Machado de Assis, *Varias Historias*, p. 110).

"O livro terceiro — contendo em 718 versos uma variedade estupenda de *successos*, tanta moral e tantos rasgos sensiveis." (Odorico Mendes, *Virgilio Brasileiro*, p. 324).

"Estas são' conclusões universais, que eu rudemente tiro de meus *successos*." (D. Francisco Manuel de Melo, *carta de 3 de agosto de 1649*)



"Tinha-se assentado que, para festejar o *sucesso*, haveria um jantar de núpcias..." (Carlos de Laet, *Microcosmo* publicado no *País*, de 21 de agosto de 1912).

"Sobre ieste interessante objecto veja-se também o Relatório de..., dando conta dos *sucessos* da embaixada..." (Gonçalves Viana, *Palestras Filológicas*, p. 81).

"Este *sucesso* já tu o sabias..." (Camilo C. Branco, *Anatma*, capítulo XX, p. 364).

Registam-se agora outros exemplos, em que o vocábulo *sucesso* é acompanhado de adjectivos, determinando-lhe a extensão do significado:

"...ele teria visto coroadas de *bom sucesso* as suas diligencias." (A. Herculano, *O Bobo*, p. 10).

"Este *sucesso* *desastrado* arrancara da boca do arrais..." (O mesmo, *Lendas e Narrativas*, tomo II, p. 318).

"Que pesar ou alegria com os *bons* ou *maus sucessos* públicos?" (O mesmo, *Composições Varias*, p. 158).

"O *sucesso* *pavoroso*, o linchamento atroz do feiticeiro..." (Julio Ribeiro, *A Carne*, p. 186).

"Na China, quando é ocasião de se darem parabéns a alguma pessoa, por algum *bom sucesso*, quem os dá veste-se de festa." (Padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, tomo IV, p. 4).

"Eu e os meus desejamos e nos alegraremos sumamente com todo o *bom sucesso*..." (Padre Antonio Vieira, *carta de 1 de julho de 1686*).

"... a certeza do muito contentamento com' que recebi a noticia do *bom sucesso*." (D. Francisco A. Lobo, *carta de 20 de setembro de 1827*).

"... demandava, para a segurança e *bom sucesso* da viagem, tempo limito, céu claro e mar bonança." (R-ui Barbosa, *Réplica, Rev. de Ling. Port.*, tomo I, p. 39).

"Que mais fadados auspícios, ou mais seguro abono para o *bom sucesso* da nossa façanha?" (Castilho, *Quadros Historicos*, vol. II, p. 12).

"... vinte anos depois dos *trágicos sucessos* que rememorámos..." (Euclides da Cunha, *Os Sertões*, p. 160).

"... e já antes deste termo tinham profetizado o *mau sucesso*..." (Antonio Vieira, *carta de 11 de fevereiro de 1660*).

"Ou qual é o que espera *bam sucesso*? (Padre Manuel Bernardes, *Últimos fins do homem*, p. 128).

"... resolveu que em todo o caso se acometesse a cidade, com esperança em Deus que daria vitoria e *bom sucesso*." (Frei Luis de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, parte II, liv. II, cap. 20.º).

"O sr. D. Pedro, concio do *mau sucesso* que tivera o troço do seu diminuto exercito..." (Camilo C. Branco, *As tres irmãs*, p. 229).

"Senta-se e *bom sucesso* aos deuses roga." (Odorico Mendes, *Virgilio Brasileiro*, p. 153).

"Parece-me que melhor armado vas para um *mau sucesso*." (Rodrigues Lobo, *Pastor Peregrino*, jorn. II, p. 20).

"Em caminho, á proporção que me ia aproximando, recordava o *trisi* *sucesso*." (Machado de Assis, *Varias Historias*, p. 184).



"Gil Vicente, coevo dos mais *brilhantes e espectaculosos sucessos* da historia de Portugal..." (Mamalho Ortigão, *Literatura d'hoje*, p. 19).

"...porque não pôde deixar de ter *bom sucesso* o que em Deus e com Deus se começa." (Frei Tomé de Jesus, *Trabalhos de Jesus*, p. 377).

"Trata-se do sermão pelo *bom sucesso* das armas de Portugal contra as de Holanda..." (Ernesto Carneiro Ribeiro, *Revista de Lingua Portuguesa*, tomo VI, p. 92).

O vocábulo *sucesso*, empregado de modo absoluto, r.a significação de *mero acontecimento*, é lidimo vernáculo.

Não obstante os exemplos de alguns escritores clássicos, preferimos determinar o significado do substantivo de que se trata, com a adjunção de *bom, mau, feliz, triste*, etc., como fizeram respeitabilissimos mestres, embora Silva Túlio a isto se oponha, pudicamente.

Belo Horizonte.

JOSE' PATRICIO DE ASSIS.





MEALHAS ETYMOLOGICAS

O Sr. Francisco Lub Pereira, autor deste artigo, é um notável philologo português, ha muito residente no Brasil e por todos os motivos merecedor da attenção dos estudiosos. Tem publicados dois magistraes trabalhos, "Glosas", onde faz a critica da reforma ortographica portuguesa e "Ortographia Usual Portuguesa", magnifico estudo onde, em 25 lições, se estabelecem pela primeira vez e com grande clareza as leis da nossa ortographia, deduzidas da evoluçSo •» do gênio da lingua.

Apresentando aos leitores da Revista este eminente philologo temos a certeza do proveitoso que serão para nós as lições de tão abalisado mestre.

PROEZA

TODOS OS léxicos portugueses registram este vocábulo, dizendo-o derivado do francês *prouesse*, ao passo que os léxicos franceses, registrando este outro, o dão como de origem desconhecida.

O proprio A. Bracket, no seu "Dictionnaire E'tymologique de la I-angue Française", o ennumera entre os 650 vocábulos franceses cuja origem, ainda até hoje, não foi possível averiguar.

Parece-nos que nem uns nem outros teem razão, isto é, que nem o vocábulo português provem do do francês, nem o etymo deste é tão abstruso que resista por muito tempo a regulares investigações.

Para bôa compreensão do que sobre tal assumpto pensamos convém notar, preliminarmente que a preposição latina *pro* (por,



a favor de, a bem de, por interesse de, em beneficio de) passou para todas as linguas romanas, assumindo em todas ellas também a categoria de substantivo (proveito, honra) e a de adjectivo (honrado, nobre, bom, favoravel, valoroso, util).

Em todas estas linguas existe também o suffixo *eza* (no Ital. *czza* e no Francês *esse*), que, aggregado á raiz ou thema de adjectivos, forma substantivos que, em abstracto, representam a mesma ideia que, em concreto, exprimem os correspondentes adjectivos.

Assim, aggregado este suffixo ao adjectivo *pro* (na significação particular de *valente*, *esforçado*, *intrépido*), formar-se-á o substantivo *proeza*, representando, em abstracto, as qualidades *valentia*, *denodo*, *intrepidez* e, extensivamente, uma acção reveladora daquellas qualidades.

Cf. hesp. e port.	italiano	irancez
<i>justeza</i>	<i>giustezza</i>	<i>justesse</i>
<i>fineza</i>	<i>finezza</i>	<i>finesse</i>
<i>delicadeza</i>	<i>üclicatezza</i>	<i>délicat esse</i>
<i>gentileza</i>	<i>gentilezza</i>	<i>gentilessc</i>
<i>proeza</i>	<i>prodczza</i>	<i>prouesse</i>

O *d* medial do italiano *prodezza* não é simples letra euphonica como se poderia suppôr. Elie pertence ao thema da palavra, pois que é *prod* a primitiva forma de *pro*, a qual, no *Latim*, era preferida na composição de palavras cujo segundo elemento começava por vogal: *prod-ire*, *prod-esse*, etc.

Della formou também o Italiano o seu adjectivo *prode* (valente, forte, denodado), que, tanto pela forma, como pela significação, confirma quanto fica expendido sobre a origem e formação do vocábulo *proeza*.

A transformação do *o* /atino de *pro* em *ou*, no Francês, nada tem também de extraordinário: ella é frequentissima, como se verifica em *farouche* (de ferozem), *roue* (de rota), *couleur* (de colorem), *dévouer* (devotare), *fourmi* (de formica), etc.

Enganam-se, pois, igualmente, os que suppõem que *prouesse* vem directamente de *preux*, cuja etymologia dizem também ignorada, sendo, aliás, bem fácil de fixar, como vamos vêr.

Do mesmo vocábulo *pro* (*prod*), substantivo, com aggregação do suffixo *osus*, que ao radical acrescenta a ideia de abundancia, ter-se-á formado o adjectivo hypothetico *prodosus* (bravo, valente, denodado).

A queda do *d*, intervocalico e a crase dos dois *oo* successivos originou a contracção de *prodorus* em *prosus*.

Ora, o suffixo *osus* latino dá, invariavelmente, *eux* no Francês; cf *amoureux* (de *amorosus*), *rigoureux* (de *rigorosus*), *en-*



vieux (de *invidiosus*), *épincux* (de *spinosus*), etc. Logo, *prcux* (de *prosus*).

Parece-nos assim demonstrado não só que não é do *proussc* francês que derivou o português *proeza*, como erradamente consta dos léxicos, mas que os dois vocábulos tiveram a origem common acima indicada, tomando cada qual a forma consentanea á índole do idioma a que pertence.

Sendo, porem, commum a todos os dialectos da familia romana a palavra de que agora nos occupamos, e, não sendo muito provável uma coincidência de formas idênticas, é de presumir que ella provenha de outra existente no Latim vulgar embora se não encontre registada pelos léxicos, o que em muitos outros casos se dá.

Ora o suffixo português *eza*, equivalente de *dadc*, com o qual muitas vezes alterna, como se verifica em *belleza* e *beldade*, *clareza* e *claridade*, *fereza* e *feridade*, *aspereza* e *asperidade*, etc.; corresponde ao suffixo latino *itia*, que, por sua vez, alterna com *itas*: *mobilitia*, e *nobilitas*, *cupiditia* e *cupiditas*, *larffitia* e *largitas*, *puritia* e *puritas*, etc.

E' de notar que destes era o primeiro (*itia*) o que mais voga tinha no B. Latim.

Aggregando-o, pois, ao thema *prod*, temos assim formado o vocábulo *proditia*, ao qual perfeitamente se ajusta o português *proeza*, assim como todos os seus correspondentes nas outras línguas, acima indicados.

S. Paulo, Dezembro de 1923.

FRANCISCO LUIZ PEREIRA





O ÚLTIMO DIA DA MOCIDADE

O relógio sobre a mesa de mogno bateu lentamente as nove horas da noite. Gontran teve um ligeiro sobresalto tia ottomana em que estava sentado, ao fundo da sala meio escura e silenciosa. Olhou o seu relógio de algibeira como para certificar-se da hora e continuou na mesma posição, a fumar o seu cigarro quasi consummido.

Aquele aposento quieto e deserto, isolado do resto da casa pelas pesadas persianas verde-escuras, condizia bem com o estado de sua alma naquella instante. Viera ha poucas horas do cemiterio aonde fôra acompanhar um velho amigo, quasi um irmão, tão longa e estreita fôra a camaradagem que, em toda a mocidade, os unira. E, de volta, o movimento nocturno que começara, na tristeza vaga daquelle crepusculo de maio, lhe infundiu na alma uma profunda e desanimada melancolia. Jantou pouco, quasi nada, e enquanto a familia palestrava ainda na varanda, num recolhido e calmo serão de intimidade, elle se recolhera, ao seu gabinete a remoer consigo mesmo a sua dolorida tristeza.

Pobre Eduardo! E á lembrança do amigo que lá ficara, sob os chorões solitários — naquella eminencia que, como uma ilha fúnebre, parece dominar o oceano revolto que aqui embaixo se agita, nos vagalhões convulsos da vida — Gontran evocou, num relance, toda a sua mocidade em que o outro tivera tão grande parte e tamanho ascendente.

Sentia-se acabrunhado, apprehensivo, presa de um abatimento que lhe não era possivel dominar, nem sequer esconder aos demais. Olhava em rôda de si e dentro de si e, pela primeira vez, parecia-lhe



faltar-lhe aquella serena confiança que lhe animava os actos mínimos da existencia e sentia-se incapaz de comprehender a razão por que vivia. Tinha Gotran chegado, sem o perceber, a esse passo trágico da vida, de que uns se aproximam mais cêdo e outros mais tarde, hora de desillusão entediada e amarga em que o vivêr principia apparecer-nos muito vario no passado e muito incerto no futuro. Vivêra, emtanto, até ali quasi sem o notar, gosando a juventude sem siquer cuidar na sua ephemeridade, procurando delia tirar o maior numero de prazeres possível, sem mesmo reparar nas dores que passavam ao seu lado. Só agora este golpe inesperado na sua sensibilidade affectiva viêra despertar-lhe a idéa dolorosa da situação em que se achava de par com a sensação angustiosa de vêr-se tão isolado nas vesperas da velhice. Tinha outros amigos, parentes, mas, a despeito do muito que lhes queria e era por elles querido, sentia a falta de alguém que lhe comprehendesse a alma pela intelligencia mais do que pelo carinho. Via que lhe era mister o affecto de uma pessoa que lhe fosse ligada pelos laços indestrutíveis de uma dessas affinidades espirituaes solidamente radicadas no mutuo entendimento das almas, amizade mais intellectual que affectiva, e na qual entrassem, de metade, semelhanças de caracter e paridades de gosto esthetico. Tivera um grande amigo que lhe dera, por vezes, a illusão de ter encontrado essa alma gêmea da sua, feita para entendel-o naquillo que de intelligivel possuia a sua complicada organização psychica.

Esse amigo fôra Eduardo — alma simples de bom, espirito culto, forrado de uma sadia intelligencia. Eil-o, porem, arrebatado ao seu convívio, numa dessas bruscas sorpresas com que a morte nos fére, dando-nos, ao vivo, a real noção de nossa fragilima contingência! E a Gontran não lhe parecia possível acreditar ainda na realidade e com ella conformar-se. Pobre Eduardo! repetia-se, uma, dez, cem vezes, de si comsigo, numa lástima inconsciente, pois, no seu intimo, á mais acurada analyse, não via porquê deplorar assim os que morrem, parecendo, em rigor, que, nessa separação, mais infelizes são os que ficam... Pobre delle, sim, que ficava só, justamente agora ao abeirar-se dos 50 annos, quando a mocidade lhe fugia, apezar do apego desesperado com que tentava prendel-a e prolongar por mais tempo a doce illusão de felicidade que ella léva comsigo.

Os seus parentes, todos collateraes, irmãos e irmãs casados, não lhe bastavam, embora numerosos e unidos, a satisfazer esse appetite de affecto que lhe devorava a alma naquella tarde sombria da vida... Demais, a só presença dessas novas familias que se formaram da sua, novos ninhos que se enfloraram em verdores e cânticos, emquanto elle permanecera solitário no velho



tronco já resequido do lar paterno, lhe trazia maior pezar e angustia, frisando o contraste de sua solidão em meio á alegria gárrula dos demais. A estes a vida sorria, decerto, e, apesar dos inevitáveis dissabores e contratempos domesticoss, sentir-se-iam confortados pela doce solidariedade da familia, profundamente egoistica dentro dos seus muros, que mesmo querendo fazer delia participar um extranho, difficilmente lhe poderá transmittir, em toda a sua pura effusão, a calidez dos affectos em que ella se apura.

Das suas irmãs e irmãos em numero de oito, todos dispersados em busca de novos ideaes, apenas elle ficara, guarda do lar antigo tão cheio de reminiscências, tendo agora, de uns mezes atraz, a minorar-lhe a solidão, a companhia de uma irman viuva, que, á mingua de recursos que lh'os não deixára o marido — um perdulário — viéra abrigar-se, com os seus cinco filhos, á sombra patriarchal do solar da familia.

Esse velho casarão, typo das antigas propriedades brasileiras, grandes como as virtudes dos que as habitavam, vinha despertar-lhe a evocação da vida commum em familia, dos seus dias de menino, tão felizes quão distantes. Tudo daquelle tempo ia se acabando, quando já não havia acabado... E Gontran sentia-se muito só e fatigado como após uma longa viagem. A idéa da velhice, em que jamais até ahi attentara, infundia-lhe um instinctivo horror, F., com essa idéa, outra entrou de esvôaçar-lhe no espirito — a da morte, corollario fatal da primeira.

Apesar de sua tradicional calma, gabando-se mesmo de ser um espirito educado á inglêsa, tendo da vida uma intuição lógica e uma concepção quasi mathematica do destino, Gontran sentiu um calafrio de pavôr ao pensar em morrer... Mas era cêdo ainda para preoccupar-se com isso... — reflectiu buscando dar novo rumo ás suas idéas em risco de um desvio da sua róta commum. — Nunca é cêdo para morrer, redarguia-lhe, de dentro de seu *cu*, outra vóz mysteriosa. O teu amigo Eduardo era bem mais moço que tu, tinha quasi dez annos menos e, por certo, ainda hontem a esta hora, bom, robusto, alegre, nem lhe passava pela mente a idéa que ora te agita o cerebro... Gontran levantou-se, num Ímpeto, irado contra si, contra aquelle "outro", aquelle "intruso" que lhe pretendia, á viva força, subjugar a consciência e dominar a vontade. Estava moço ainda, embora os seus 47 annos e o muito que lhe parecia haver vivido nesses intensos dias da mocidade tão cheia! Sentia-se ainda estuante de vida, de desejo, de esperança...

Que cousa horrivel deve ser a velhice! Que triste vêr apagar-se a fébre dos sentidos e bruxolear o lume da confiança no futuro! Mas a elle ainda lhe faltava muito para chegar a esse ponto... O',



seguramente, muito ainda lhe restava prelibar no cálice dourado da existência! Mas, então porquê se sentia tão outro, tão diverso do que fôra antes, *tão estranho a si mesmo*? Fazia-se, dia a dia, mais egoísta, mais sceptico, mais sem ideal. Não era isso o amortecer da mocidade, com as suas belas qualidades características, a bravura, o sonho, a crença em si e nos outros, a confiança no viver? E ao vêr-se tão só, naquella idade sombria, pensou si não fôra melhor que se se tivesse casado... Gontran atirou o cigarro sobre o cinzeiro de prata velha, com esmaltes que representavam uma nympha perseguida por um satyro capripede e sensual... Vendo consumir-se lentamente o resto do cigarro pareceu-lhe estar ali symbolisada, numa imagem viva, a lenta e dolorosa extincção de sua mocidade. Pois que, perguntou-se, numa ancia, era do destino que tudo acabasse e se consumisse assim miseravelmente, como aquelle tóco de cigarro a esfazer-se em cinza, em poeira subtil, em nada?

O *tic tac* monotono do velho relógio começou a impressional-o, íasendo avolumar-se-lhe n'aima toda a sombra e todo o silencio de emtorno. Através dos vidros esmerilhados das janellas a paisagem se abria no desconsolo infinito de uma noite de inverno. Ouvia-se, de instante a instante, o barulho surdo dos carros e *tranwaís* que passavam, abalando o lagedo. Gontran sacudiu a cabeça, num gesto enérgico de reacção, desses com que, por vezes buscamos afugentar certos pensamentos importunos, que nos perseguem, mau grado a nós mesmos. Sem o notar puzera-se a recordar o passado, a recapitular a sua vida que lhe apparecia qual uma região distante, ennevoadá, estranha, como a da paisagem nostálgica que via enquadrada entre os caixilhos da janella.

Perdera o melhor de sua mocidade num vago sentimentalismo doentio que o fizera desejar todos os gozos sem a coragem de os acometter... Mesmo depois que começara a viver não lhe lembrava ter pãssado por nenhuma emoção forte, pois que, tímido e de um fundo romântico invencível, fugira sempre a todas as situações violentas. Os seus amores foram, a principio, doces idílios, breves e apagados, dessas curtas ligações sentimentaes que o tempo se encarrega de fazer e desfazer...

Gontran não se recordava realmente de haver amado, de ter sentido essa necessidade imperiosa de amar, que os poetas, como os psicólogos, proclamam como uma das funcções psychicas do homem. Instintivamente evocava, numa longa sériação mental, as que se haviam ligado á sua vida sentimental, desde os 15 annos... Claras e louras, de lábios desabrochados em sorrisos que eram promessas de beijos; morenas e languidas, de olhos dormentes e



cheios de mysteriões e ardõres; meigas ou sensuaes, submissas ou caprichosas, risonhas ou melancólicas, constantes ou volúveis, resolutas ou tímidas, fortes ou frágeis, — todas as que o tinham amado, em meia hora de *flirt* ou em longos mezes de convivência amiga, todas desfilavam ante os seus olhos d'alma, cheias do mesmo encanto que a saudade lhes emprestava, na idealisação phantastica em que as revia... A conta delias nem eile mesmo o sabia: fôram tantas, mas todas vieram, detiveram-se, em mudos colloquios, em olhares furtivos, em idyllios deliciosos, um dia, um mez, um anno, e depois, partiram... Demais ficára-lhe apenas na lembrança a florescência espirital de um sorriso ou a reatea luminosa de um olhar; outras ligaram-se mais de perto á sua vida, fôram suas, deram-lhe essa vertiginosa illusão da ventura amorosa, mas também, em lhes chegando a hora da partida, o abandonaram... Ah! pensou Gontran, é preciso sentir passada a mocidade para se comprehender todo o bem e todo o mal de viver! No silencio do quarto ouviu-se de novo o surdo ruido do relógio a sôar pausadamente as dez horas... Gontran não deu pelo tempo que fugia, e continuou a revivêr sósinho, no silencio sombrio do aposento, numa saudade dolorosa, a sua mocidade quasi extincta. Uma singular voluptuosidade lhe vinha dessas recordações. Elie vivia integralmente o seu passado e sentia, na nitida flagrancia das cousas reaes e presentes, velhas emoções de vinte e trinta annos atras.

A sua memória fluctuava deliciosamente entre essas reminiscências. Praser virgem dos primeiros encontros, aventuras duvidosas e incertas, lances imprevistos, acre sabor de desejos irritados e frustres, aneios desfeitos ante o impossível, voluptuosidades imaginadas e, ao cabo, cheias do travo amargo da desillusão... Gontran se agoniava ao pensar que tinha perdido voluntariamente, o melhor de sua vida, nessas aventuras sem alcance, nessas peripécias de novella, nesses trechos de um grande romance a que faltassem os mais bellos capítulos... Não, nada perdera, sussurrava-lhe outra vóz, pois que, de par a tanto desejo mallogrado, quanta hora feliz essa evocação lhe vinha avivar! Sim, mas, ao cabo de tudo isso, que lhe restava agora, ante a chegada fatal e dorida da velhice? Um enorme, invencível desânimo tomou-o, varrendo-lhe a alma como um vendaval repentino... Accordado da meiga illusão da saudade, Gontran olhou, com espanto e horror, a realidade que o cercava. Velho... Não, eile não era propriamente um velho... Aos 47 annos, muitos ainda começam a vivêr. Mas Gontran sentia que já vivera muito, que a existencia, dahi por diante, já lhe não poderia offerecer nem o encanto do imprevisto nem o incentivo do desconhecido.

Tudo para eile era gasto, vasio, sem expressão nem sentido



preciso. O que, porventura, emprehendesse para o futuro já traria, no fundo, o vago receio do insucesso, o saibo envenenado do receio, a vermina roaz da desillusão. Vivêr mais seria sentir diariamente, constantemente, o antegosto da morte, e provar, numa longa agonia, o travo doloroso da desesperança. Ouviu vózes na sala de jantar, ruído de crianças que corriam, numa alacridade, brincando e cantando...

"Ainda, dança a róda..."

ou

é uma dança *cspandogada*
que põe o joelho em terra
e o povo fica pasmado..."

Agora era a sua irman que ralhava com a Ninita, a caçula, de 3 annos, por haver partido uma faiança que a copeira, sempre desleixada, collocára á beira da mesa... Para aquelles a vida sorria, a esphinge da existencia era facilmente decifrável... E para elle? Eevantou-se, meio tropego, e encaminhou-se até a janella.

Garóava. O céu escuro lucilava de vagas pontilhações e, na noite fria, os combustores ardiam ao longe, no largo deserto... Cuidou ouvir um barulho de passos na calçada e viu, rentes com a parede, muito embuçados e encolhidos, dois vultos, provavelmente, um joven casal que, de volta do seu passeio, se recolhera á casa. Cm automóvel passou, numa corrida desabalada, rumo da Avenida... Gontran, aborrecido, fechou a janella e tomou um livro que um amigo lhe trouxera na véspera. Era uma obra de um poeta novo que, na cinzeladura das estrophes de ouro, cantava os enleios da paixão nascente... Nervoso, entediado, Gontran atirou o livro sobre a secretaria. Procurou accender outro cigarro, mas Ires vezes o phosphoro se lhe apagou nas mãos sem que pudesse transmittir ao cigarro o seu lume.

Urna forte contrariedade nervosa o tomou diante daquelle incidente sem importancia, mas que á sua imaginação vibratil se deparava o prologo de uma série de desastres. Estendeu-se de "ovo na ottomana larga, macia, convidando a um bom somno... Não tardou que se erguesse, num estado nervoso mais pronunciado, com uma sensível e crescente opressão no peito, a garganta resequida, a respiração entre-cortada e difficil... Sentia um frio enorme percorrer-lhe o corpo e um tremor convulsivo lhe agitava os membros. Quiz ainda ir até a varanda, conversaria, talvez se distrahisse.

Não teve tempo. Unia afflicção maior o invadiu e Gontran,



apoiando-se á secretaria de mogno, com os olhos dilatados pelo terror, pôz-se a gritar:

— Acudam! Acudam! Eu morro!

A irman e os sobrinhos acorreram, numa ancia, e encontraram-n'o cahido ao fundo da ottomana, muito pallido, com as mãos ambas a suster o coração, a dizer-lhes, baixinho:

— E' a morte!... Não! Não! Eu não quero ainda morrer!

JOSE' MESQUITA





PASTEUR E A BIOLOGIA

(Conferencia proferida na sessão solemne da Sociedade de Medicina de São Paulo, realizada em comemoração ao Centenario de Pasteur.)

Estudando a influencia de Pasteur na biologia, podemos sem receio de errar, repetir a celebre phrase que a respeito de Claude Bernard, proferiu, em certa occasião, um sábio do seu tempo: "Pasteur não é unicamente um biologo é a própria biologia."

Realmente, antes dos memoráveis trabalhos de Pasteur, a biologia era apenas uma sciencia em formação; existia envolta numa nuvem de inoertesas reflectindo, aqui e acolá, as idéas philosophicas e religiosas da época, e o estudo dos phenomenos essenciaes da vida mostrava-se eivado de tantas difficuldades e de tanto obscurantismo, que parecia que o problema da existência nos escapava, como o horizonte que nos foge sempre.

Quando, porém, Pasteur provou, com as suas pesquisas sobre as fermentações, que esses phenomenos eram devidos á presença de agentes vivos e que cada fermentação era determinada por um microorganismo especial; quando demonstrou, com as suas investigações, que o fermento não surge expontaneamente nas cubas de experiencia, mas procede do ambiente, em que nos encontramos, *fiat* eterno de milhões de vidas, as sciencias biologicas alcançaram maioridade, libertando-se das velhas concepções, que a prendiam a hypotheses sem fundamentos e começaram a trilhar um roteiro mais seguro, fecundo e firme, capaz de produzir os resultados admiraveis, que actualmente presenciámos, nos maravilhando com suas conquistas, que vêm melhorando, sensivelmente, a nossa existencia sobre a terra.

Baseado na lógica, esta sciencia das sciencias, "*ars artium*" como a chamava Bacon, escudado na experiencia, que, no dizer goetheano, é a única mediadora que existe entre o sábio e os phenomenos que o cercam, Pasteur, fazendo tabula rasa nas velhas theorias, creou uma nova dou-



trina das fermentações, esclarecendo este ponto obscuro da biologia, cuja real interpretação trouxe uma verdadeira revolução nos domínios da ciência, remodelando com os novos dados, doutrinas até allí tidas como inabaláveis, indiscutíveis e classicas.

A fermentação é velha como o mundo, e os primeiros homens, preparando o vinho com o succo da uva, se impressionaram com este interessantíssimo phenomeno, que, elles, na sua ingenuidade empírica, consideravam como semelhante á ebulição.

A despeito da curiosidade que a fermentação produziu sempre nos espíritos cultos, ninguém procurou, entretanto, interpretal-a até o século XI.

Nesta occasião os arabes Geber e Avicenna, obsedados com as idéas alquimicas do tempo, compararam o fermento ao pó de transformação, o sonho ambicioso dos alquimistas, o qual se ajuntando a uma substancia sem valor, ao ferro, por exemplo, o transmudava em ouro, dando-lhe brazões e nobreza heraldica!

As cousas ficaram, durante séculos, mais ou menos, neste ponto, com variantes mais ou menos phantasistas, até que Lewenhoeck, em 1680, descobriu no levedo globulos microscopicos com os caracteres de seres vivos.

Essa idéa precursora foi abafada pelas correntes doutrinarias e só voltaram a tona, em 1835, com os estudos de Cagniard de Latour e Schwann, que, embora sem provas certas, affirmou, numa visão prophetica, "*ser o levedo um ente vivo*".

Todas essas idéas representativas da verdade morreram, porém, no seu nascedouro, afogadas pelas affirmações categóricas e auctoritarias de Libieg, que sustentava não existir fermentação sem matéria azotada, sendo a missão do levedo simplesmente fornecer os necessários albuminóides.

Pasteur, estudando a fermentação alcoolica, que é a transformação dos assucares em álcool e gaz carbonico sob a influencia dos levedos, patenteou, com a maior evidencia, que a despeito da acceitação unanime dos sábios, a doutrina de Libieg estava errada e no caso cabia razão a Cagniard de Latour e Schwann e por intermedio de famosas investigações provou, com uma clareza meridiana, que a deslocação dos corpos assucarados é correlativa á vida dos levedos e não consequência de um phenomeno occulto, mysterioso, especie de acção catalytica, como proclamava, sem razão, o celebre chimico allemão Libieg.

Estes estudos iniciaes sobre a fermentação levaram Pasteur, por uma continuidade de idéas, á resolução de um outro problema de philosophia biologica da mais alta relevancia scientifica, a questão da *geração espontâneo*.

Os seres procederão espontaneamente da matéria morta, por uma metamorphose regressiva, ou se originarão necessariamente de um sêr semelhante a elles?

Estas interrogações que, presentemente, nos parecem pueris, respondi-veis, portanto, por qualquer pessoa possuidora de uma instrucção elemental, foram motivos de discussões ardentissimas, durante séculos e séculos, e ainda não ha cem annos, originaram debates tempestuosos, dos quaes a fi-jgura admiravel de Luiz Pasteur sahiu aureolada por um nimbo luminoso e puro, que os annos ainda não conseguiram apagar, e que se grava em nosso espirito, atravez do tempo, que tudo dilúe, como se fosse os círculos dourados, que, nas cabeças divinas das suas figuras immortaes, desenhou o suave e incomparável Fra Angélico.

Aristóteles, o maior philosopho da Hellade acreditava que as enguias se originavam da fermentação do limo e que as borboletas de azas multico-res, palhetas ambulantes, que decoram, na sua passagem, a corolla poly-



chroma das flores, provinham do beijo do orvalho no limbo verde côr, das folhas e dos galhos.

Virgílio cantava o nascimento de um enxame de abelhas na carcassa apodrecida de um touro: — a vida despontando, em bandos alados, do meio da podridão. E tudo isso passava por exacto, por absoluto, até o dia em que Redi, em meio da Academia dei Cemento, provou que os vermes nascidos na carne putrefacta não passavam da transformação de ovos de moscas, nella depositados, e que, encontrando um ambiente favoravel, desenvolviam-se e proliferaram. Bastava resguardar o local, contendo a carne, com um pedaço de gaze, para que o phenomeno r.ão se operasse.

A despeito, porem, desta demonstração de Redi, a despeito das investigações do Abbade Spanllanzani e de muitos outros, a questão da geração espontanea mantinha-se de pé na arena da biologia, quando, em stguida á publicação de um trabalho de Pouchet e da sua discussão na Academia de Sciencias de Paris, Pasteur proclamou que a geração espontanea não existe e que todo o sêr vivo só pôde ser oriundo de um sêr vivo seu semelhante.

Estas constatações apresentam valioso interesse em biologia, modificando-se, com o seu conhecimento, de uma maneira positiva e incontestável o velho aphorismo de Harvey: "*Omnis vivum ex ovo*", para este outro, que até agora possúe honras de cânones na physiologia: "*Omnis vivum ex vivo*" e que despiu, de uma vez, a questão da origem da vida das roupagens falsamente scientificas e transcendentaes, que ainda envolviam, e que procuravam affirmar que a vida se fabricava, como num cadinho mysterioso, no fundo dos mares, por transformação de *monéras* hypotheticas, que não passavam de precipitados calcareos, sem nenhuma importancia morphologica nem dynamica.

Estudando ainda as fermentações, a fermentação butirica, Pasteur chegou a descobrir uma verdade surprehendente: — a vida sem ar.

Para esta especie de microorganismo que elle proprio baptisou com o nome de anaerobios, o oxigénio do ar não só é dispensável, como pôde ser mesmo nocivo á sua existencia e multiplicação.

O oxygenio necessário, para estes microbios viverem, elles retiram dos corpos com os quaes se encontram em contacto, donde a intensa deslocação, que produzem no ambiente aproveitado para a sua nutrição.

Esses factos inesperados, objectivados com provas de laboratorio, com experiências mathematicamente realisadas, abalaram extraordinariamente o espirito dos biologos. Eram velhas cathedraes, que se derruiam; preceitos scientificos, que se fragmentavam; leis, que se desarticulavam; era, emfira, todo o trabalho de Bordeu, Flourens e Berzellius, que se dissociava, não resistindo a invasão das idéas novas, que, como as grandes enchentes, tudo destroem, para, depois, sobre o solo fecundo fazerem florescer uma vegetação forte, moça, representativa da verdade e da cultura moderna.

Descobertos os anaerobios, conhecidos os seus hábitos, e o seu modo de vida, Pasteur abordou o estudo de uma série de phenomenos desde muitos annos identificados aos das fermentações, — a putrefacção.

Um meio putrescivel artificial, um pouco de caldo por exemplo, ou natural, sangue humano, permanecerá inalteravel durante tempo indeterminado, desde que o mantivermos ao abrigo das contaminações. Deixe-se, porém, nelle penetrar o ar exterior, sem precauções especiaes, e esses liquidos turvam-se logo, mudam de côr e de cheiro; alteram-se, putrefazem-se, emfira.

A causa efficier.te desta putrefacção era mal conhecida até antes das pesquisas de Pasteur. Foi elle quem demonstrou que a putrefacção é causada pela acção dos microbios sobre a matéria morta, da qual elles libertam, por simplificações moleculares, os seus elementos componentes, restituindo-os ao solo, ás aguas e á atmospherá.

Essa transformação da materia morta é producto da collaboração dos microbios anaerobios com os aerobios; de cada grupo fazem parte especies differentes, que entram em acção successivamente, encarregando-se cada uma delias da sua tarefa, d'uma divisão de trabalho que maravilhará o mais exigente economista.

Os trabalhos de Pasteur sobre as putrefacções são fundamentaes.

As investigações posteriores de Gayon e Dupetit, de Van Shiegen e de outros tantos não fizeram mais que retocar o esquema genialmente traçado pelo Mestre, que se torna admiravel por ter elle feito tanto com tão escassos recursos. F. terminados os seus celebres estudos sobre a putrefacção, Pasteur poudo escrever as seguintes palavras, que mostram o valor extremo dos microbios na vida do homem, dos animaes e das plantas e na sanificação do meio.

"A vida, escreve Pasteur, preside ao trabalho da morte. Os princípios immediatos dos corpos vivos seriam de algum modo indestruetiveis, se nós suprimissemos, de repente, o conjuncto de seres, que Deus creou apparentemente os mais inúteis e os mais pequenos. E a vida tomar-se-ia impossivel, porque o regresso ao reino mineral e á atmosphaera de tudo que cessasse de viver seria subitamente suspenso."

Seria a destruição da criação, a volta aos primitivos tempos do globo, o desapparecimento de tudo, que pulsa e sente na superficie da terra, desde a modesta e rudimentar ameba, que passa os seus dias agarrada á superficie dos nenuphars dos lagos, até ao homem, o coroamento admiravel e pasmoso da cadeia vital, que começa na massa amorpha do protobio e se plasma, se amolda e se divinisa no cerebro luminoso de um Luiz Pasteur.

Os estudos das fermentações e da putrefacção abriram, ao espirito predestinado de Pasteur, horizontes mais amplos e mais largos; o circulo da sua actividade dilatou-se e as suas notáveis pesquisas sobre as doenças do bicho de seda, a *pebrina*, evidenciou-lhe a existencia de um parasita puro, desenvolvendo-se, quasi sem nenhuma reacção sobre os tecidos.

Sob a influencia da *pebrina* a forma do animal persiste, porém, mirrada e emmagrecida, apresentando-se o seu corpo coberto de pontos negros — os corpusculos pathologicos. A funeção dos seus orgãos se realisa, mas reduzidissima, e, pouco a pouco, as cellulas organicas são substituídas pelos parasitas, que se multiplicam até que a morte venha por atrophiamiento e por marasmo.

De pesquisa em pesquisa, com uma paciência benedictina, Pasteur chegou á conclusão de que os corpusculos microscopicos por elle descobertos nos pontos negros contidos no corpo do animal, eram a causa principal da *pebrina*, e que esta doença era *contagiosa, epidemica e hereditaria*.

Não liavia, no caso, *genio epidemico, miasmas*, nem *gênio dcletrico*, palavras essas vãsias e sem sentido que só serviam para acariciar ouvidos e para encobrir, com'um manto illusorio, a nossa ignorancia no assumpto.

Havia, aper.as, um ser microscopico evoluendo-se sem interrupção, e, transmittindo-se do vermie doente a outro são; deste á borboleta; delia ao ovo, e se adormecendo, durante todo o inverno, para se despertar, finalmente, aos albores da primavera, infeccionando o pobre animalsinho, apenas elle nascia.

Era, pois, necessário combater, aniquilar e não deixar evoluer o parasita, que disseminado, iria destruir, como um rastilho de polvora inflammada, porvoações numerosas do bicho de seda.

Essa tarefa gigantesca Pasteur conseguiu realizar após inauditos esforços, salvando, deste modo, a industria leonesa das sedas e prestando á França serviços, que só ella pagará com a moeda da gratidão nacional.

Os factos expostos serviram como cje chave para se resolver o mysterio da pathologia das affecções microbianas e constituíram a matriz para se moldarem os fundamentos da prophylaxia aggressiva.



Pasteur realizou todos os seus bellos estudos sobre a doença do bicho de seda, em poucos mezes, elle, que ao inicial-os, nem sequer conhecia de vista, um desses animaes.

Fabre, o entomologista incomparável, narra este facto, num dos seus livros, com um sentimentalismo tal, que, sem esforços, nos vêm as lagrimas aos olhos.

As pesquisas a proposito do bioho de seda levaram Pasteur a formular a seguinte proposição, que serve actualmente de roteiro a numerosas campanhas de biologia e de sociologia: — *"Melhore-sc a semente para se salvar a raça."*

E' agindo d'esta maneira e cuidando da saúde da infancia, que teremos homens robustos e úteis á Patria: é amparando a mocidade dos perigos dos desregramentos da juventude, que conseguiremos que ella gere filhos sem taras nem meoprarias; é seleccionando a semente, que encheremos os nossos campos de rebanhos sadios e fecundos e os nossos cafesaes e cannaviaes de plantas seleccionadas e capazes de augmentar o patrimonio e a riqueza nacional.

Bemdicto seja, pois, o génio, que de um canto de um modesto laboratorio, numa simples cidade de provincia na França, estudando uma moléstia de um insignificante verme, espalhou a mancheias, por todo o globo, beneficios infinitos, tal qual os raios do sói, que não. escolhem a quem devem illumir.ar e que douram, com a sua emanação carinhosa tanto a cabana do pobre como o palacio do rico.

Chegamos ao limiar da microbiologia.

Antes de Pasteur o mundo dos infinitamente pequenos era uma incógnita para os sábios, como era o nosso continente para os navegantes pre-colombianos.

Vivendo em meio dos microbios, que se multiplicam no solo efn que pisamos, na agua que bebemos, nos alimentos que ingerimos, no ar que respiramos, nós ignoravamos, no emtanto, por completo, sua existencia e ficavamos cegos dearte delles como deante de um panno negro, que nos escondesse um palco de theatro.

Pasteur nos fez cahir a venda dos olhos, com a sua clarividência, c_y como um guia dantesco, elle nos introduziu no mundo dos infinitamente pequenos, ensinando-nos a conhecer as suas especies, nos mostrando, entre ellas, as que nos são úteis e as que nos são nocivas.

Desvendando os mysterios da vida microbiana, Pasteur resolveu questões vitais, referentes á nutrição cellular e, pela primeira vez, com seus estudos, na sciencia, a physiologia derrocou victoriosa a morphologia.

Sêres rudimentaes, os microbios permittiram, em sua simplicidade organoleptica, estudar as mais delicadas questões, relativas á sua existencia e, neste ponto de vista, são singularissimas as obslervações de Pasteur sobre a vida microbiana nos meios r.aturaes e sobre a electividade dos infinitamente pequenos para certos elementos nutritivos.

Neste particular elle demonstrou que certos levedos só fazem fermentar assucares em cujas moléculas os átomos de carbono sejam em numero de tres ou múltiplos de tres !!!...

Num outomno fecundo, Pasteur enriquecia, sem cessar, a sciencia de factos novos e, com seus discipulos, fundava, em alicerces graníticos, a biologia contemporânea.

Parecia que, no seu cerebro, se formara um novo centro de percepção, um centro personalissimo, só próprio dos super-homens e que permittia dividir e achar verdades, que se tinham escondido numa ganga impermeável aos mortaes, que, até alli, as haviam procurado com perseverança, fé e desejo do acertar.



Senhor da maioria dos segredos da microbiologia, Pasteur, levado por uma curiosidade insaciavel e por um sentimento de doce piedade, tentou vêr se conseguiria penetrar, como biologo, nos dominios da pathologia, buscando esclarecer certas questões attinentes ás doenças infectuosas.

Na época ante pasteuriana, a etiologia das affecções contagiosas balouçava-se em dubiezas sem limites.

Nada se sabia de certo, como se transmittiam e se propagavam as moléstias infecciosas e a prophylaxia das epidemias se resumia, tão sómente, nas fumigações de chloro, aconselhadas por Guy Lussac, num isolamento mal feito e nas famigeradas quarentenas e cordões sanitarios.

Pasteur remodelou todos esses antigos conhecimentos e nos legou noções, que só por si o tornariam um sábio immortal e um credor do agradecimento eterno dos seus semelhantes.

Os seus estudos sobre doenças infecciosas começaram pelo carbunculo bacteriano, essa epizootia terrível, que devastava os rebanhos e tornava maldictos certos campos de França.

A origem microbiana do carbunculo foi presentida, é verdade, por Davaine, que havia registado, com frequencia, a presença de bastonetes particulares no sangue dos animaes atacados dessa infecção, mas a demonstração experimental e positiva de que os bastonetes de Davaine eram, realmente, os agentes do carbunculo deve-se seguramente a Pasteur e aos seus collaboradores.

Foi Pasteur quem determinou o poder especifico da bacteridia, reproduzindo, em série, por inoculações de culturas, a moléstia nos animaes de laboratório; foi Pasteur quem esclareceu os pontos obscuros referentes á transmissão da doença e foi em seguida aos seus bellos trabalhos que se soube organizar a prophylaxia da infecção carbunculosa pelas vaccinações fundamentadas no principio das attenuações do virus, que tão relevantes serviços iria prestar á hygiene, abrindo no livro da biologia um novo e glorioso capitulo, — o da immunidade.

Ainda deve-se a Pasteur a descoberta do germen da cólera das gallinhas, que, a principio, era considerado sem maior importancia, simples agente de um moléstia aviaria, mas que, com o tempo, tornou-se o proto^typo de um grupo de affecções caracterisadas, clinicamente, por uma septicemia hemorrágica, e, reunidas hoje em um só feixe com o nome expressivo de Pasteurellóses, cujo interesse, em pathologia geral, é immenso.

Além destes, é devedora a microbiologia de outros relevantísimos serviços a Pasteur: — o isolamento do estaphilococco, a descoberta do pneumococco, por elle encontrado no sangue de um coelho inoculado com a saliva de um menino raivoso, e a identificação do estreptococco deparado num caso de febre puerperal.

Isso tudo ainda se destaca mais, quando nos lembramos que, na época pasteuriana, a technica estava em pleno A B C. Durante a marcha das investigações tinha-se que inventar e fabricar tudo: apparatus, instrumentos, retortas, ser-se, finalmente, vidreiro, mechanico e engenheiro.

Era como se atravessassemos, sem recursos, uma floresta virgem, descoñhecendo-se os perigos da jornada para a qual se tornava preciso improvisar domicilio, installações, defesa, o necessário para que a viagem chegasse ao seu bom termo.

A vida de Pasteur, no seu humilde laboratório da rua de Ulm, onde elle realisou os seus principiaes estudos, foi uma odysseá e um martyrio; uma odysseá, porque, no socego de sua tenda de trabalho, elle gosou as emoções mais suaves do universo, vendo ao seu aceno descobrirem-se mundos e acontecimentos desconhecidos; de martyrios, porque, a todo instante, o feu ideal



se esbarrava em dificuldades enormes, em óbices terríveis, em muralhas quasi intransponíveis, que só a paciência, o labor e o génio poderiam triumphar e vencer. Era a luta do homem com o ignoto, da intelligencia com a natureza revoltada, que não deixa, sem rebeldia, violar os seus segredos e as suas verdades!

Aqui ficam em largos e desbotados traços, o que foi, em biologia, a obra pasteuriana.

Na historia das sciencias nada existe de mais bello, nem de mais palpitante do que ella.

Encarando-a, nas suas minúcias, como deante de um espelho, nós vemos que, no seu evoluer, ella reflecte a propria imagem da vida, enraizando-se em suas fontes elementares, expandindo-se pouco a pouco, atravez do espaço, para, com o vigor da sua seiva, espalhar benefícios a todos os povos, a todas as raças, e a todos os seres, como uma benção de Deus, que não escolhe eleitos e que derrama os seus benefícios a todos aquelles que nascem e morrem e que, no tempo, mantém luminosa a fagulha da existencia, que se aninha em toda a parte, na corolla dos lyrios, na aza dos condores e no cerebro dos génios.

Recolhidos, pois, enviemos do recinto da Sociedade de Medicina de São Paulo, deste recesso de intelligencia e de saber, situado, como um ninho de energia, no alto da Serra do Mar, que attesta, na sua grandesa, o valor da latinidade, ao génio immortal de Luiz Pasteur, que descança na capella bissantina do seu Instituto, a admiração e o respeito do nosso espirito, reverente e agradecido.

E que a sua memoria, tenha sempre a acariciar-lhe, atravez dos séculos, como agora, a gratidão dos homens e as bênçãos constantes da posteridade!...

ULYSSES PARANHOS





O "RUSH" EM NEW YORK

UMA das coisas que primeiro impressionam o estrangeiro que salta em New York, é a neurose do movimento de que se acha possuída a população dessa cidade. Nas ruas, nas praças, nas avenidas, nas esquinas, nos jardins, não se vê ninguém parado: todos andam, caminham, correm — é a caricatura da Pressa na ansia do "Time is money", por toda a parte.

E como ha sempre, nas horas do "business", verdadeira multidão nas ruas; e como o transito a pé só pode ser feito pelos passeios, devido ao grande transito de vehiculos, a necessidade impoz ao newyorkino a absoluta observancia do "conserva a sua direita". A consequência disso é formarem-se em cada passeio duas correntes opostas, atritando-se, ao deslisarem-se, uma ao longo da outra. A' mingoa de separação material entre ellas, a zona a cada uma destinada oscila aos lados de uma linha media, ao sabor e ao vigor das hombradas dos transeuntes.

Essa linha de contacto entre os que trotam em sentidos opostos, bem podia chamar-se linha do rodopio, pois não é raro ver-se nella um pobre diabo rodopiar, até que nova hombrada o detenha no seu movimento de rotação, que nam sempre se realiza em torno de eixo bem vertical.

Mas o que encanta em tudo isso é ver-se a naturalidade com que tudo isso é feito; é ver-se o ridiculo em que cairia quem quisesse protestar contra essa coisa cuja naturalidade parece excluir a ideia de brutalidade.

Si porém a nossa indiscrição de estrangeiro curioso, nos leva a verificar a utilidade de tal "rush", chegamos a conclusões que nem sempre o abonam muito.

Perdoem-me a franqueza e a fraqueza, mas a minha curiosidade, a minha admiração, e porque não dizer tudo? a minha inveja por esse "rush" em massa ou por essa massa em "rush", por essa operosidade por atacado, aguçou-me a curiosidade a ponto de levar-me a seguir, por varias vezes, alguns dos mais azafamados "rushmen". Não raro tive a oportunidade de verificar que toda a azafama tinha por único fim matar o tempo.

O assassinato do tempo é o único que em toda a parte é praticado com calma e vagar; em New York porém, terra da cadeira electrica que assassina instantaneamente, é natural que o tempo seja assassinado em "rush", porque a fulminancia do "rush" é vagarosa e calma diante da fulminancia da celebre cátedra em que a Electricidade pontifica.

Em todo o caso, matar o tempo é para nós uma coisa agradável, e uma alma entregue á ansia do "rush", não poderá saborear devidamente uma coisa agradável, sinão alojando-se no corpo de um newyorkino.

Essa consideração forçou-me a procurar a causa provável ou possível desse "rush" tão inherido á alma newyorkina.

New York é uma cidade a "soi mème", como diriam os Franceses. A area sobre a qual ella está edificada é constituída por longa e estreita nesga de terra comprimida entre os rios East e West. Á sua edificação começou no extremo sul dessa nesga, e nesse ponto, como em geral acontece, ficou localisado o certro commercial da cidade. Assim, New York, mesmo sem permissão dos géometras, tem o centro num dos extremos, facto esse que reduziu de muito a area central da cidade, valorizando-a exorbitantemente, e fez com que ella ficasse sendo uma cidade que tem o centro muito distante, para a maioria dos seus habitantes.

Desses factos nasceu certamente a ideia dos "arranha-céus" que dão á cidade a impressão desagradavel de desmedida aglomeração de caixões estantes, em cujas prateleiras repoisam os seus habitantes, devidamente arrumados e catalogados.

A construcção desses famosos "arranha-ceus", fez de New York uma cidade completamente anormal: a area habitavel, ganha ao espaço com essa construcção, não foi compensada proporcionalmente com o aumento da area transitavel, representada pela area das ruas, praças, avenidas, etc.; daí, o adensamento anormal e prejudicial da população, sempre que ella se desarruma das suas prateleiras e desce para as ruas.

Para bem se avaliar dessa falta de proporção, consideremos um dos "arranha-ceus" mais celebres dessa cidade, o Wollwarth Building. Tem esse edificio, 42 andares; suponhamos que cada um desses andares, tenha mil metros quadrados de area e seja habitado por cem pessoas. Numa cidade normal, o edificio da mesma categoria, construído num terreno da mesma area, não teria mais que cinco ou seis andares. Teriamos assim que: um terreno de mil metros quadrados de area, que numa cidade qualquer produziria seis mil metros quadrados de habitação e acomodaria seiscentas pessoas, em New York, produz quarenta e dois mil metros e acomoda quatro mil e duzentas pessoas.

Eis pois as razões pelas quaes, durante as horas em que a população dessa cidade se desarruma das prateleiras, as suas ruas e praças ficam fantasticamente congestionadas.

No meio do ondular dessa vaga humana, não se pode deixar de experimentar certo desconforto, acompanhado do desejo de voltar á sua prateleira, o que conduz inevitavelmente ao "rush". Do facto de ser o centro da cidade muito longe, a necessidade de diminuir o tempo da caminhada; do grande acumulo de gente, a impressão de que o restaurante já está cheio, de que já não ha mais "coca-soda" no "refreshing-room"; de que o cinema já está completo, de que a casa annunciada já foi alugada; de todas estas coisas, resulta para o newyorkino a impressão viva de que os outros já chegaram primeiro.

Essa preocupação dominante de disputar a preza, de chegar a tempo, sob que vive hoje todo o bom newyorkino, gerou essa neurose conhecida



com o nome de "rush", moléstia que não pode deixar de se agravar de geração para geração.

O mais interessante porém, é a singularíssima propriedade de que parece gosar esse mal, qual seja a de se transformar em "noise", a de se desmanchar em bulha, quando sofreado bruscamente, do mesmo modo que em calor se transforma o movimento de um projétil, quando sustado instantaneamente por uma chapa de couraça.

E' esse um fenomeno fisio-psiquico muito semelhante ao fenomeno fisico acima citado, e constitue mais uma prova da harmonia que a Natureza soube imprimir á criação das íuas coisas.

Tive a oportunidade de observar essa transformação varias vezes: melhores oportunidades que tive para isso, foram durante algumas excursões que fiz pelos rios, passeio muito querido desse povo.

O newyorkino desarrumava-se da sua prateleira e descia para a superficie da terra, em verdadeiro estado de "rush"; caminhava pela rua em fora, até o caes, comprava a sua passagem, corria pela ponte, entrava na barca, apoderava-se do seu logar, em completo estado de "rush" — apreenhivo, azafamado, irritadiço, economisando tempo e urbanidade, e devorando espaço, distancias e obstáculos. Logo porém que se apropriava do seu logar e que nelle se aboletava, desmanchava-se em bulha, desfazia-se em "noise", como que por "enchantement". Era então outro homem — aliviado da preocupação de chegar primeiro, de chegar a tempo, tornava-se alegre, bulhento, e, tão pouco irritável que até se tornava um tanto irri- tante.

Aqui mesmo no Rio, na nossa avenida Niemeyer, tive a oportunidade de observar um caso tipico de transformação dessa natureza.

Caminhava eu distraidamente por essa avenida, quando vi ao longe um individuo economisando tempo e urbanidade e devorando distancias e obstáculos. Elie caminhava em sentido oposto ao meu, quasi trotando; de vez em vez, conseguia meios e modos de combinar o "rush" em translação, com uma rotação em "rush", durante a qual parecia observar o lindo cenário oferecido pelo mar e pelas praias e pelas ilhas., algumas das quaes projetavam-se ao longe, onde o azul de um ceu egypcio, caia sobre um mar ainda espalhado, que mal começava a se encrespar ao sopro suave de branda brisa de sueste.

Ao passar por mim, reconheci nelle logo um newyorkino. Um homem em "rush", com as calças prezas á cinta por correa de fivela niquelada, com o paletó dependurado ao braço, com a boca ruminando uma bala ou bola de goma, economisando tempo e urbanidade, devorando distancias e obstáculos, contemplando lindos cenários em centesimos de segundos — só podia ser um newyorkino e dos bons, dos "chewings", dos ruminantes.

E acertei, como veremos.

Fiz meia volta e puz-me a observar o "rushman". Elie passou na sua avareza de tempo e urbanidade, na sua voracidade de distancias e obstáculos; ao defrontar com a gruta da Imprensa, nella entrou, examinou-a e saiu, tudo em 53 segundos. Depois de 71 minutos de "ruhs" em translação, entremesados de dez ou doze rotações em "rush", entrava o nosso herói no Country Club, onde se desmanchava em bulha, revelando-se um verdadeiro newyorkino, de dentes cerrados e nariz falante.

A civilização do dólar, (Civilização ou religião? creio que religião ex-prime melhor), está a se estender pelo mundo — talvez nenhum país venha a sofrer tanto a sua influencia como o nosso. New York é a Miecça dessa nova religião. Talvez seja mais elegante e mais de acordo com a exegese



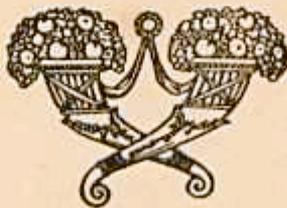
dessa nova religião, a vida em prateleiras, como vive o espírito, tanto o do livro quanto o da garrafa; mas, é certamente mais livre e mais da natureza, a vida esparramada pela superfície da terra, vivida pelas plantas e pelas flores.

Tratando-se de escolher o que invejar ao estrangeiro do dólar, podemos escolher muita coisa sem nos despessoalermos, pois infelizmente temos muito o que invejar d'elle. Afigura-se-me porém, que nem o "rush", essa neurose da ansia, incompatível com os deveres de complacência e tolerância para com outrem; nem a vida aglomerada em prateleiras de "arranha-ceus"; nem o paletó dependurado ao braço; nem a ruminação da bala ou bola de goma, que nos aproximaria tanto dos nossos irmãos bovinos, dos quaes já nos separamos ha milhares de séculos; nem a transmissão ao nariz da faculdade de falar de que gosa a boca, sejam, coisas dignas da nossa inveja.

Detenhamo-nos diante do bello, não centesimos de segundos, mas horas inteiras; compenetremo-nos de que mais vale um acto de urbanidade que um melhor logar no bonde; prefiramos a nossa bala de ovo a essa bola de goma; esparramemo-nos pela superfície da nossa adoravel Rio de Janeiro, andando mais no sentido horizontal que no vertical, segregando mais a nossa vida intima, como meio de darmos mais consistência ao fundamento da sociedade, isto é, a familia; ocultando mais o nosso sofrimento, para que elle não perturbe a alegria dos que gozam; sendo mais discretos nas nossas alegrias para que ellas não aumentem a aflicção dos que sofrem; sejamos o que somos e como somos; procuremos pensar e agir com pureza, isto é, sem sotaque.

Rio, 12 de Outubro de 1923.

ORLANDO MACHADO





A BACIA DO AMAZONAS

O primeiro d'estes artigos que sahi no numero 93 d'esta revista, tratou da bacia do Amazonas de um modo geral e da formação da região dos *yungas* em particular; terminou no ponto onde estes valles morrem e se encontram vastos campos, cuja extensão vai do 3.º grau de latitude N. ao 17." do S. e do 50." ao 75º longitude O. Esta area enorme contem, além dos *llanos*, algumas regiões de montanhas secundarias marginando os grandes rios, e onde ha bosques de madeira grossa. Nos principaes ha, nas margens respectivas, vastas florestas; mas por emquanto, sômente madeiras de lei é que de lá são extrahidas; as commons ficam á espera que a sua vez se aproxime.

Os seringueiros também vão até lá exercer a sua industria, lucrativa mas arriscada.

Ha ainda algumas planícies cobertas de arbustos silvestres, marcados aqui e allí por pequenos bosques de madeira aproveitável.

A região dos *yungas* está para a região aqui descripta como um ri-beirinho, cristalino, murmurante e sinuoso está para o alto mar. Elles são uma collecção enorme de estreitíssimos valles, rochosos e profundos quasi sempre, formando os ângulos mais caprichosos e vestidos de mattas densíssimas; rios, ribeiros e regatos de tamanhos variadíssimos varam-nos em todas as direcções. Os *llanos* são descampados; descampados imensos; descampados infindáveis; ás vezes se vislumbra, lá bem ao longe, a linha das serranias que os limitam; depois é a amplidão com o horizonte por limite, quer se olhe para a direita quer se olhe para a esquerda.

Com difficuldade se poderá encontrar contraste mais completo; mas esta transcontinental travessia tem contrastes taes que teem que ser vistos para serem devidamente apreciados.

Imagina-se que uma linha cruzando o Sul America no tropico de Capricornio atravessará sempre regiões de calor excessivo e de excessiva humidade; certamente que algo ha d'isto, mas muito longe de ser geral.

Partindo de Antofogasta ou de Mejillones, no lado Sul do tropico, as aguas azues do Pacifico são trocadas por um deserto abrasador, onde



não ha agua nem chove. Dois productos apenas esta região ingrata produz: borax e salitre; r.ada mais.

Os ventos são tempestades de areia; e a vida só é possível mandando vir de muito longe tudo o que ella requer.

Antigamente, antes das estradas de ferro palmejarcm estas trezentas milhas de areia fervente, ellas eram crusadas por bestas de carga que para os habitantes do interior transportavam tudo o que lhes era possível obter para gosarem o escasso conforto que taes meios permittiam.

N'aquelles tempos, muitos animaes e não poucos conductores de tropas por lá perderam a vida e os seus ossos foram consumidos pelo tempo depois de embranquecidos, calcinados pelos raios inclementes do sol; ou então, foram apanhados pelas grandes columnas de areia que o vento n'esses desertos arrasta pelo ar como se fôra uma tromba d'agua gigante: e, quando afinal ella pára e cae, fôrma uma montanha capaz de soterrar uma caravana inteira.

As tropas de bestas foram agora substituídas por três estradas de ferro, cujos capitaes reunidos vão muito além de dezoito milhões de libras esterlinas. O inicio, construcção e estado d'estas estradas é assumpto de que mais tarde nos occuparemos; por agora esta referencia é apenas para que se saiba como da ccsta occidental se pôde penetrar no interior.

Ellas cruzam a cordilheira principal dos Andes em altitudes varias, entre quatorze a quinze mil pés acima do nivel do mar; uma, porém, ficou com o seu ponto terminal a oito mil pés: é a que foi directa á cidade de Cochabamba, e cujo clima é dos mais deliciosos da terra; tem duzer-tas e cincoerata milhas.

As outras alcançam a alta planície e terminam como já vimos á altitude respeitável acima referida.

Até agora a jornada tem sido bastante interessante; é, atravez d'um paiz pouco conhecido ainda, mas os irens são confortáveis: teem vagão leito e carro restaurante, um e outro nos dando o conforto que em taes casos se pôde desejar. De Cochabamba em diante, porém, o único meio de transporte é a besita de carga, vagarosa e paciente.

E' aqui que se deve comprar uma tropa de viajar, devidamente aparelhada o arrieada; o custo não é tão grande como se pode imaginar.

As provisões para dois viajantes, um arrieiro e um ajudante, pôdem ser transportadas por três mulas; quatro de sella perfazem sete animaes; convém, porém, que a tropa tenha ainda a madrinha que, com o tocar do chocalho, mantém sempre os animaes juntos na propria direcção, e, ao mesmo tempo, serve para conduzir um rapaz ou restos de provisão. E' mais que sufficiente n'este caso, uma tropa de oito cabeças de gado.

O custo da jornada da ultima estação de estrada de ferro em Cochabamba á Estrella, no porto de Santa Cruz de las Sierras, na margem do Rio Grande, ultimo porto que o systema de navegação de barcos a vapor na bacia do Amazonas alcança n'aquella direcção, custará dez libras por animal, não contando a madrinha.

O arrieiro prepara os fardos e os pacotes da carga; os viajantes compram as sellas e os arreios necessários.

As despezas pelo caminho são pequenas. Os artigos alimentares são conduzidos pelas bestas de carga; e, consistem de carne secca, sal, pão bem tostado, e as conservas que julgarem convenientes, não esquecendo que estas pesam muito mais do que alimentam.

Quando se fazem viajens d'estas pela primeira vez, tem-se sempre vontade de levar muitas coisas dispensáveis, especialmente no que diz



respeito a comer: simplicidade, porém, é essencial em excursões d'este typo.

Se a viagem é para ser feita vagarosamente; se se têm que fazer observações; se se pára para caçar ou para colher amostras de plantas, de animaes, ou de mineraes, é muito melhor comprar a tropa no inicio da viagem e vende-la no fim; os camaradas contratam-se também. Este systema autorisa-nos a seguir a rota mais conveniente a nossos fins, porque não temos que de antemão ter que combinar com os proprietários dos animaes o que d'elles se exige, nem que obedecer às ordens da marcha que por elles os arrieiros nos podem dar.

No fim da viagem, os animaes são facilmente vendidos e alcançam sempre preços razoaveis.

Usualmente, é necessário dormir-se em tendas de lona: peças de panno, oblongas, de vinte pés de comprido o doze de largo. A tenda é supportada por uma especie de forçado, de cinco a seis pés de alto ao centro e os extremos são amarrados a uns ganchos apropriados que se espetam no chão para esse fim; a tenda fica tão grande quanto o tamanho do panno o permittir.

Para não sermos importunados pelos mosquitos, demasiadamente, levamos também um cortinado para d'elles nos livrar quando dormimos. A lona de vellas de navio é preferivel á que se emprega nas tendas militares; mas nem isto é preciso: quasi sempre se usam tendas de riscado de algodão; são o sufficiente e porque são levíssimas, desarmam-se e dobram-se com mais facilidade. A comida deve de ser bem simples; se se viaja com pressa, não se deve contar com caça: ao contrario, raras vezes faltará carne fresca.

Apenas deixamos as altas altitudes, não se obtém mais batatas; mas encontramos mandioca, bananas, palmito e arroz; a mandioca pôde comer-se, cozida ou assada. E, como alimento, ella deve de ser preferida ao arroz e ás bananas.

Armas de fogo são indispensáveis n'estas viagens; devem de ser preferidas as que mais fáceis de municiar sejam. E' bem desagradavel uma pessoa se achar r.o meio d'uma floresta longínqua, armado de uma bonita carabina mas cuja carga é tão extraordinaria que só se encontra nos grandes centros. A arma que mais se recommenda é a espingarda Winchester 44; e ella se recommenda porque tanto pôde usar carga de chumbo para caça fina, como de bala para defesa pessoal de toda a ordem.

Outra arma indispensável é o facão; e quanto melhor for sua qualidade, tanto mais util se torna no seu uso.

A melhor época para estas viagens na região que aqui se descreve, é a que fica entre Maio e Dezembro, porque a estação das chuvas principia em Janeiro e vai até Abril; viajar n'esta estação é difficil e é penoso.

A demora varia segundo o objectivo da viagem; se se deseja apenas fazer a travessia, trinta milhas por dia podem ser palmilhadas; contudo, a media de vinte e uma é a que mais convém. Se está no programma caçar ou pescar; se se deseja visitar as missões que ficam em pontos mais ou menos afastados mas accessiveis pela eslrada escolhida; ou ainda, percorrer alguns pontos do interior ou vêr velhas missões abandonadas, então ha que reduzir esta media a quinze.

Antigos viajantes preferiam para dormir, maca; a rede é preferivel: é além de tudo, muito mais fácil de conduzir: pôde ser conduzida na garupa do animal que ao mesmo tempo pôde carregar também a tenda e os lençóes; e até, o alimento do cavalleiro, se elle quizer viajar só.

E é viajando só, que se aprecia bem o que ha de vasto e de agradável nos campos e nas florestas que atravessamos.

No Canadá, os descendentes dos caçadores francezes dizem: "só gosa bem na floresta quem n'ella penetra só". E' preciso ter viajado só em noite longa e caminho mysterioso; marchar, marchar horas e horas n'essas veredas estreitas e marginadas ora por um bosque de arvores gigantescas, ora por matagaes impenetráveis e perigosos, certo de que não ha ninguém em dezenas de milhas em redor, para avaliar como este dizer é verdadeiro.

Porque, não são os perigos previstos e conhecidos que nos assustam; são os que se não conhecem e que por isso não se preveem e cujas causas nem sempre satisfatoriamente se explicam.

N'uma noite da argentino luar, cuja luz dando em cheio nas arvores produzem sombras imponentes, bizarras, caprichosas, fazem a nossa imaginação crear phantasias taes, que só quem por isto passou o pôde calcular. Não ha duvida, porém, de que é preciso ter um systema nervoso extraordinário, para vagueiar n'esses virgens matagaes uma semana inteira.

N'estas condições a paisagem tem para nós uma importancia diferente e a vida e os movimentos dos passaros dos animaes interessam-nos infinitamente mais.

Acontece muitas vezes que os animaes em que montamos escapam-nos enquanto dormimos; quando isto ocorre, tem-se certeza absoluta de que elles recuaram; nunca avançam; os arrieiros acreditam que o animal que n'estas circunstancias foge, só pára no ultimo lugar em que tiver alimentado. Mas nem sempre panam lá a comer o retracão do alimento que se lhes dera; quantas vezes uma semana não chega para os reconduzir ao ponto de onde haviam fugido. Se só ha duas pessoas, uma tem que ficar junto ás cargas e a outra marchar á cata dos arimaes que fugiram; havendo provisões e tendo á mão uma espingarda de confiança, bem municuada, tudo irá bem, salvo se for impaciente. Paciência n estes casos é a única virtude requerida.

Agua não deve de estar longe; caça ha sempre em abundancia: á falta de outro, o chá de folha de coca é menos mau; e... codornizes, patos e perus são alimento bem bom. N'estas occasiões as florestas são preferiveis aos campos; aqui, as distancias são enormes e parecem-não ainda mais.

Quando, nas estações chuvosas, as estradas se transformam em lamaças medonhos, os cavallos e as bestas de cargas tornam-se quasi inúteis; « então, nós trocamos-los por bois ou vacas, os mais fortes para sella; os outros para transportar as provisões. Só assim se podem transpor os atoleiros, os lamaças e paues de lama liquida ou não, de vagar sim, mas com segurança.

O boi, com o seu corpo enorme offerece á lama uma superficie tal, lue n'ella jamais se submerge: boia.

Depois, gradualmente, firmemente, este utilíssimo animal avança, avança, avança, até se livrar do marnel; no seu lugar, outra qualquer especie de animal de carga se atolaria de tal forma, que só rebocado a Pau e corda de lá se salvaria.

A marcha dos bois de sella é muito variavel; um que marche bem é raro e custa caro.

Os outros modos de transporte n'estas regiões alcançadas assim, são da maior importancia, deixando de lado embora e por enquanto, as estradas de ferro.

Os rios, grandes ou pequenos, são navegados mais ou menos, desde o tempo das explorações hespanholas e portuguezas; e, já antes d'ellas.



os índios o faziam n'essas aguas solitarias, com canoas que elles faziam a fogo do tronco de grandes arvores.

Agora, a bacia do Amazonas apresenta um movimento de navegação fluvial tal, que no mundo não tem rival. Não ha especie nenhuma de locomoção maritima que aqui não esteja representada, desde o transatlantico moderno que chega a Iquitos, no Perú, quinhentas milhas apenas do Oceano Pacifico, até á casca de nós em que as crcanças indianas se mettem para pescar, zombando alácremente dos jacarés, dos tubarões e <le outros bicharocos ferozes que a agua lá produz.

E entre estes limites, que variedade enorme de navios, vapores de navegação fluvial de todos os tamanhos: alguns a rodas; outros com helice; numerosíssimos. Variam tanto em tamanho como em conforto, desde o melhor typo de embarcação, deslocando milhares de toneladas, accomodações e alimentação a bordo, de primeira ordem, até á humilde falua, um barco de fundo chato, sem conforto, sem cosinha, onde os passageiros d'estas gaiolas alimentam-se do que pôdem obter nos siitios que marginam o rio ou na villa distante e que n'este mundo tem outra especie de via communicativa.

Dos moradores de taes regiões, poucos se interessam pelo que fóra d'ellas occorre; os povoados ficam, quasi sempre, com vários dias de viagem er/tre si, quer esta seja por mar quer seja por terra. O advogado, o medico, se o ha, alguns funcçionarios públicos, fazem uma viagem ás vezes, á capital do distrieto; e, uma vez ou outra, por qualquer motivo muito extraordinário, chegam a ir á capital do paiz.

Outros, índios barqueiros quasi sempre, também passam a fronteira de taes dominios, mas somente para ficarem fóra do alcance da autoridade fiscal ou policial; cumpre porém dizer que nem sempre é assim; algumas tribus teem muitos membros que só vivem nos rios.

As missões dos padres salesianos teem muitos *teams* de remadores perfeitamente adestrados; são índios que manejam admiravelmente grandes canoas e que navegam dia e noite, porque a cada canoa são dadas duas guarnições. Quando trocamos de embarcação, deixando a canoa atraz descripta, encontramos um barco bem différente d'ella.

E' um batel a que localmente chamam gaiola.

Todos do mesmo feitio, differem só no tamanho. São modelos largos, com pôpa e prôa bem altas; n'esta ultima vive o proprietário com a mulher e os filhos, se não é solteiro. A capacidade d'estes barcos varia desde cinco a vinte e cinco toneladas. A guarnição é de dezesseis homens a trinta: indígenas quasi sempre. Se ha vento favoravel, ás vezes usam vela para apressar a marcha. Participam da propriedade d'estes barcos os negociantes estabelecidos na região e os proprietários de fazendas marginaes.

Não é fácil de calcular a distancia que este systema de navegar abrançe: mas é, com certeza, de muitos milhares de milhas. A mesma coisa se dá a respeito do rendimento; calcula-se em mais de três milhões de toneladas annuaes as cargas que descem pelo rio principal; dezessesse milhões em toda a região amazônica, para o que desce e o que sobe.

Vimos até agora os productos naturaes; a terra; os meios de communicação; resta verificar se as outras condições indispensáveis nos são assim favoraveis.

A primeira é a de se saber quaes são as garantias que o governo da região dá ao capital. A este respeito, poucos paizes ha na America do Sul, onde a vida e a propriedade não sejam garantidas; e os que governam na região amazônica não pertencem a este lote.



Para adquirir terras ha dois meios: a)—comprar as que já são possuídas por particulares, b)—obte-las por concessão dos governos da respectiva região, mediante as condições que a lei já em vigor impõe. Convém notar que as condições impostas para obter doação de terras de agricultura são muito diferentes das que se obtem para extrahir borracha.

Quando se compram propriedades privadas, o dominio é absoluto; não ha fóros nem ha vínculos. E estas propriedades teem vantagens especiaes sobre as que dos governos se podem obter, além de serem sempre muito mais bem situadas. São mais fáceis de explorar; a maior parte já foi ou é habitada e tem servido de fazendas de criação. Se não é um lugar saudavel, se verifica desde logo. Usualmente estes domínios são já servidos por linhas de navegação e teem á mão indígenas para iniciar ou continuar a industria que se deseja explorar. Já ha muitas propriedades d'esta especie; nunca teem menos de quatrocentos e cincoenta milhas quadradas e ás vezes chegam a ter três ou quatro vezes este tamanho. Compoem-se de terras montanhosas para extrahir madeiras; campos para forragens a dois ou trez mil pés de altitude; campos para criação: estes campos adaptam-se maravilhosamente á agricultura em larga escala também.

Marginando os rios, ha ainda bosques com com madeira util e fácil de extrahir.

Depois da necessaria inspecção, verificação das divisas, etc., só falta que os peritos honestos atestem a legitimidade dos titulos de posse que o vendedor apresentar para que o negocio se possa concluir.

Para se obterem do governo terras devolutas ha vários processos, porque vários são os governos que mandam n'esta região immensa. Um exemplo se pôde dar demonstrando o que importa fazer para se obterem terras devolutas nas margens dos rios Mamoré, Beni e Grande. * Aqui, qualquer adulto, nacional ou estrangeiro, pôde obter até mil hectares de terras para agricultura ou florestas, seringaes exceptuados, apresentando ao respectivo ministério uma planta do lugar escolhido. Logo que a comissão technica approve a planta e o ministro decrete a concessão, o diploma de posse obtem-se immediatamente.

As despezas feitas n'esta operação é ao comprador que cabe satisfaze-las. Para que nas repartições publicas os documentos sejam regularmente attendidos, é indispensável um advogado; as despezas de compra, são, pode-se dizer, uma taxa que se deposita: é fixa e é de um penny por acre; isto é — uns duzentos réis se o cambio ainda está abaixo de seis.

Os governos insistem vigorosamente com os concessionários para que cada um valorise as terras que respectivamente usufruem, povoando-as se lhes é possível; e, se não, que as encham de gado ou que plantem canna de assucar e façam industria de todos os productos que d'ella é possível obter-se. Recommerdam também a cultura do algodão, do café ou de outro qualquer producto similar, adaptavel á terra possuida. E isto em escala tal que justifique a razão da concessão em termos tão vantajosos.

Se se desejam concessões de mais de dez mil hectares, juntam-se varias pessoas e dividem a região desejada de fôrma que a cada uma não caiba porção maior do que esta.

Quando uma empresa de grandes capitaes péde concessões d'esta ordem, os governos não só se apressam a satisfazer taes pedidos como também por todos os modos possíveis e razoaveis as favorecem no seu inicio, para tornar a empresa feliz proveitosa para o paiz.



Posto que lentamente, nota-se comtudo que a situação de hoje é muito différente do que era ha vinte annos atraz. Mas é ainda muito notável o numero de indivíduos que occupam grandes areas de terras úteis sem titulo algum que legitime tal posse. As terras devolutas são tantas e ainda, que ninguém pensa em requerer as concessões respectivas. Sem embárgo, grandes firmas, syndicatos e velhos e ricos proprietários, teem-se garantido contra surpresas imaginaveis; não tardará muito, porém, que os descuidados se apercebam da sua situação e procurem fazer o mesmo.

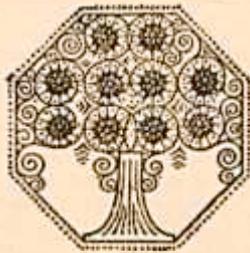
O melhor typo de propriedade, n'esta região, deve de ter quarenta léguas quadradas, incluindo campos e florestas que tacs domínios exigem. Deve de ter acesso para um rio navegavel, mas, perto do rio não deve de ser a sua maior parte, porque quasi sempre as terras ribeirinhas são um lugar insalubre, baixo e por isto cheio de mameis, Terras altas, campos e montanhas, devem existir n'estas concessões ou ser obtidas de qualquer outra forma, porque uma troca de clima de trez ou quatro mil pés para cima, actua como um sanatorio, tanto para os moradores como para a creação.

Devem-se evitar visir.hos creadores se se vai crear também; a cerca ainda lá não é conhecida e os rebanhos devem de estar muito longe uns dos outros por vários motivos que se subentendem.

Domínios vastos só devem de ser outorgados a poderosas empresas que tenham grande capital á sua disposição para organizar tudo de modo tal, que até os serviços de transporte fluvial sejam de sua propriedade.

Traduzido do "*The River Plate Observer*" por

A. D. MIRANDEIRA





UMA CAÇADA

Este conto, de Carlos Kiellander, obteve o primeiro premio, em 1918, num concurso de historias de caçador, aberto pelo antigo "Estadinho". Primoroso como documento do linguajar e da psychologia dos nossos caboclos, realça-o ainda um vivo e sadio humorismo. Merece, pois, ser tirado do esquecimento e vir enriquecer as paginas da "Revista do Brasil".

Acasinha de barro era plantada á beira do capão de matto virgem que, a estas horas, delicia as vistas de s. exa. o sr. Presidente do Estado, mostrando-lhe um pedacinho dos encantos de Minha Terra.

O Zé Lino fez sua morada alli naquelle casebre coberto de capim, por amôr da visinhança do Quartel, o ribeirão de fundo de granito e aguas aniladas que, circumdando a Estação do Prata, dava de beber ao gado dos Rabellos e aos *conservas* do ramal de **Caldas**.

Mas, o Zé Lino que não era boi nem trabalhador da linha de ferro, bebia na venda do Pimenta, naquella taberna em que — pontual e religiosamente — toda a gente dos arredôres, á bocca da noite, vinha molhar o paladar.

Faz quinze annos.

Por esse tempo, não se haviam inventado as aguas medicinaes do Borba e do Pereira Ignacio. A *milagrosa* vinha em pipas do Campo Triste e a civilização ia se lavar nas aguas sulfurosas de Poços de Caldas.

Entretanto, ninguém soffria do estomago. O rim e o figa lo

eram trastes desconhecidos na engranagem do corpo humano. O aparelho digestivo se resumia em uma só peça — o funil.

II

Irmão da ópa, uma noite fui ao Pimenta. Foi então que dei de cara com o Zé Lino, a quem não via ha quasi um século.

O caboclo estava mudado. Perdendo a *costélla*, a róda lhe desandara e acontecera para o bom do Zé aquillo a que a gente chama — descer da sella para a cangalha. O ex-administrador se via rebaixado a simples feitor de turma e isso mesmo em atenção aos bons serviços dos tempos idos.

A vendinha formigava. Cachaceiro que nem cisco. O ambiente saturado de pinga e de /tabaco.

O Bernardo Pé de Porco arrotava grandeza:

— Paca tem medo de mim que nem rato tem de gato.

G Ogenio Bento, fumeiro do Zóte, abria a boccarm e mer. fa corno uma égoa. O João Camillo, esse então era só goêla.

— Vão *queiniá campo* no inferno...

Afinal, chegou a vez do Zé Lino. Houve um movimento de atenção. Caboclo verdadeiro, não mente nem para contar caçada. O Pimenta veio se collar no balcão afim de não perder uma syllaba da interessante narração; e o outro tanto fez a sua creançada — quasi vinte cabeças, entre homens e mulheres — todos bar-rigudinhos, opilados e ramellentos.

O Zé Lino ia começar. Era justo o interesse do auditorio. O homem fallava como um doutor, lia e escrevia regular, fazia as quatro contas e até regra de juros. E, além do mais, tinha sido *juiz de pais* na cidade de Caldas...

— Em negocio de caçada, eu carrego ôsseis todos dibaixo do braço. Nb tempo do bodoque, nunca ninguém *não* me venceu. Quando eu pegava no meu saquinho de pelota e enfiava a cabeça na capoeira, minha mãe já dizia: Stamo comen'ô passarinho. Depois que appareceu a Laporte de um cano, si as "FFF" não me fartasse e o mustardinha huvésse cum fartura, este mundo 'tava sem bicho de penna.

Mais porém, a minha miór caçada foi semp'e a de armadi'a.

E, a proposito de armadi'a, escuintem esta:

Quando eu tava toman'o conta do Dôradinho, todos sabe! — eu tinha minha patrôa a quem Deus haja na sua santa gloria, tinha meu ranchinho — de pobre, é verdade — mais bem arrumadinho, tinha meus cabrito e meus carnêro e, além dos filhinho, que hoje tão criado, ua porcadinha de primêra agua.

Home! Só as plantação dava p'ra i viven'ô: a terra era róge...

E, além disso, o ordenado que sêo Bié me fazia...



Eu trabaiava que nem ua egoa, mais tameim quando deitava p'ra dormi, era ua pedra.

Ua noite eu tava ferrado quando sinh'Anna mi accordou :

— Escuite : veje que brutta buia tá no chiquêro. A cabritada tão berran'o...

Assim que cabei de accordá, sartei da cama, peguei na boc-cuda de dois cano e bati p'ra jinélla que dá p'r'o terrêro:

Nossa !... Ua mula duma pintada. Nunca vi bicho tão grande. A canáia ia corren'o c'ua leitôa nos quêxo...

Num fiz projecto. Levei a espingarda na cara e carquei fogo.. A bicha deu um corcóvo, largou o bejêto no chão e socou no matto...

Despois que manheceu, sór queren'o sahi, fumo vê os rasto. Um mundão de rasto. O chão tava coaiádo de saingue.

P'ra chumbo fino, eu tinha feito muito.

Era dia de Santa Cruis. Toda gante que desceu p'o Alegre, viu com seus ólho, os signar da broáca. Os visinhos... Os musico do Bié Garcia... O bumbeiro teve até medin'o o tamanho das pata...

O tempo foi passan'o. A diaba não vortou.

— Dicérto sentou bicho e...

— Foi o que eu entêiei, mais me deixe continuá...

Eu já tava esquicido. Um dia de manhã bem cedinho, vou no chiquêro e dou farta da miór das minha pórca : a vermêia de brinco qu'eu tinha 'panhado do compad'e Joaquim Martim. Saingue tã'lli esparramado. O'ihô p'r'o chão e quase derrubo os quêxo. Os rasto... Cada rasto mãe ! Duas vêis maior do que os daquella qu'eu tinha barreado de chumbo.

Passado três dia, outro sumiço : o carnêro de guia do Bastião-sinho. E semp'e os rastos que se sumia allí mesmo. Outros dois-dia, e a sorte bateu no bôde pastor — um animar que mi tinha custado vinte sete mi-réis e meia arroba de fumo.

Mais uma, e duas, e três semana, e a criação ia in'o...

Fiquei de tocáia: nem signar. Os camarada qu'eu punha de vigia, todos vortava xavié, nem chêro...

Eu itava c'o diabo na casa do terço. No dia que todos dormia, ^ se ia um cabrito, um carnêro, uma leitôa e semp'e dos mais nutrido.

Sifih'Anna me deu uma idéia. Muiér intilligente !...

Armei mundéo e fui mi deitá.

Si a bicha vortasse, o negocio pretejava. Si a pancada da armadi'a não dêsse para alinhavá co'a péste, do buraco cavucado no chão, ella num iscapava...

Passáro duas noite e nada !...

Mais é bem certo o dictado — um dia é da caça, outro dia é do caçado...

Eu tinha vindo esbandaiádo da roça. Já tava noite fechada-



Passei ua agua nos pé, bati minhas duas tijélla de leite e cahi na cama. Foi o tempo de deitá: fechei um ôio e num pude abri o outro.

Bem mais -tarde, noite arta, sinh'Anna tá me socando:

— Oia, escuite: o mundéo desarmou. A féra ta bufan'o que nem um leão. Parece o fim do mundo...

Pulei da cama, espichei o braço p'ra tráis, garrei na ispin-garda e quiz sahi corren'o... Sinh'Anna m'imbargou:

— Ossê tá lôco ? pêra manhecê!...

Eh, minha gente! Dalli té clareá o dia, parece que passou um séc'lo. Carreguei seis cartucho de chumbo grosso. Perparei minha garrucha bocca de sino... Molei meu facão lapeano, dobrei dois laço, bibi café uas coárenta véis — e escuridão ta'hi...

Quando a barra do dia tava queren'o vermeiá, corri na túia e dei duas pancada no sino p'ra chamá os camarada do terrêro. Quando elles chegáro — o Juca da Generosa, o Istaquio e o Zico Pórva Sêcca — batêmo p'r'o mundéo. Cada um co'a sua arma.

O Juca tava fezen'o bocca no côro...

— Cá de longe, bateu chêro!

— Oh bicho catingúdo! Isso num é onça, disse o Zico.

O Iataquio tinha um faro damnado:

— Esse fedô, sô Zé Lino, c'o perdão da palavra, é de barro gallego...

E era mesmo: depois é que nós vimo.

Cheguêmo no mundéu. Arribamo a tampa e descobrimo o bichão:

Um cabellão vermêio que nem cabellêra de leão. Dois óio arregalado feito duas braza de fogo. Um buta lanho nã testa! As venta escorren'o saingue e mardade. E os bigodes — duas mula de bigode espetado — tudo lambuzado de ranho!...

Era o Fidirico — aquelle colonh'a'lemão, que tocava clari-neta na banda dos intaliano. Canáia!...

Na gibêra das carça do marvado encontrêmo um aparelho de pau, cheio de ponta de prégo, cum que elle impresáva no chão os rasto da pintada que mi tava dan'o cabo da criação.

Mandei chamá o Lôriano, que era o quarteirão, e entreguei o péste p'r'a justiça.

Fi'a da mãe!...

III

Quando o Zé Lino terminou, a assistência rompeu numa gar-galhada, como que nascida de uma só bocca.

E eu?

Respondam os meus olhos que se cobriram de lagrimas. Por •certo que não nascêra para viver naquelle meio.

Enojado, deixei a vendinha. Cá fóra, sob o clarão da lua cheia, ás minhas vistas empannadas, parecia que o céo peneirava prata sobre a (terra).

Trilhando rumo de casa, encontrei o meu único companheiro de solidão. Embevecido, cabeça alta, elle fitava as estrellas que o luar empallidecia.

Nessa madrugada, o bom amigo se fez surdo ás minhas cor-tezias e cumprimentos.

Estaria absorvido pelo encanto da noite sublime ou reprovava o meu passatempo de horas atraz, que elle testemunhára?

Nunca o soube.

Esse optimo camarada, de quem — até hoje — tenho fundas saudades, é Garibaldi — o meu cavallo preto.

CARLOS KIELLANDER



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

CLÓVIS BEVILAQUA

Fundador da cadeira r.º 14. Nasceu em Viçosa, no Estado do Ceará, a 4 de outubro de 1859.

BIBLIOGRAPHIA

- 1 *Viglias litterarias*, colaboração de Martins Júnior, de pag. 1 a 40 — Recife, Typ. Industrial — 1879.
- 2 *Discurso* pronunciado no sarão litterario do Gabinete Portuguez de Leitura, commemorando o tricentenário de Camões — 13 pags. — Recife — 1880. (Era o autor, 3.º annista da Faculdade de Direito e foi eleito orador pelos collegas da turma).
- 3 *O escalpello* — Colaboração de Martins Júnior, estudo critico de politica, letras e costumes — 3 fasoiculos — Recife — 1881.
- 4 *O crime da Victoria*, opusculo — Recife.
- 5 *O Stercographo* — colaboração de Martins Júnior — estudo de critica genetica — 34 pags. — Recife — 1882.
- 6 *A philosophia positiva no Brasil* — 130 pags. — Recife — 1883. Possuo o ensaio no livro "Esboços e fragmentos".
- 7 *O theatro brasileiro e as condições de sua existencia* — Recife — 1884 — Possuo o estudo em "Epochas e individualidades".
- 8 *Jesus e os Evangelhos* — Colaboração de Martins Júnior — traducção da obra de Jules Soury — 1886.
- 9 *Estudos de direito e de economia politica* — 220 pags. — Recife, Officina Typographica — 1886. Também possuo a 2.ª edição — 270 pags. — Rio, H. Garnier — 1902.
- 10 *Traços biographicos do Des. José Manoel de Freitas* — Recife — 1888.
- 11 *Epochas e individualidades* — 1 milheiro — Recife — 1889. 2.º milheiro — 212 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1895.
- 12 *A hospitalidade no passado* — traducção da obra de R. Ihering — 84 pags. — Recife, Typ. Economica — 1891.

- 13 *Lições de legislação comparada sobre o direito privado* — Recife — 1893. Possui a 2.* edição — 295 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1897.
- 14 *Phrascs e phantasias* — 126 pags. — Recife, Hugo & Comp. — 1894.
- 15 *Direito das obrigações* — Bahia, 1896 — 2." edição de 531 pags. Bahia, Livraria Magalhães — 1910.
- 16 *Direito da família* — Recife, Ramiro M. Costa & Cia. — 1896 — 3." edição, 653 pags. — Recife, mesmo editor — 1908.
- 17 *Criminologia c Direito* — 245 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1896.
- 18 *Juristas philosophos* — 143 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1897.
- 19 *Direito das successões* — 463 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1899.
- 20 *Esboços e fragmentos* — com um prefacio de Araripe júnior — 294 pags. — Rio, Laemmert & Comp. — 1899.
- 21 *Guerras e tratados* — memoria histórica no livro do 4." Centenario — Coll. do Cel. Dr. Thaumaturgo de Azevedo — Rio 1900.
- 22 *Projecto do Codigo Civil Brasileiro* — com os trabalhos da Comissão especial da Camara dos Deputados — 8 vols. encadernados em dous — Rio, Imprensa Nacional — 1902.
- 23 *Sylvio Romero* — 64 pags. — Lisboa, Typ. d'A Editora — 1905.
- 24 *Direito internacional privado* — 368 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1906.
- 25 *Em defesa do projecto do Codigo Civil Brasileiro* — 538 pags. Rio, Livraria Francisco Alves — 1906.
- 26 *Litteratura c direito* — coll. de Amélia de Freitas Bevilacqua, 114 pags. — Bahia, Livraria Magalhães — 1907.
- 27 *Tkcoria geral do Direito Civil* — 433 pags. — Rio, Livraria Francisco Alves — 1908.
- 28 *Discurso de recepção do Sr. Pedro Lessa, na Academia B. de Letras* — 53 pags. — Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1910.
- 29 *Direito publico internacional* — 2 vols. — 546-576 pags. — Rio, Livraria Francisco Alves — 1910-1911.
- 30 *O Brasil rui legislação penal comparada* — traducção da obra de F. von Liszt — 68 pags. — Rio, Imprensa Nacional — 1911.
- 31 *Madeira-Mamoré, parecer* (junto ao de Ruy Barbosa) Rio, Typ. do Jornal do Commercio — 1913.
- 32 *O Direito no Brasil* (a sua feição particular, os seus grandes interpretes) — 24 pags. — Rio, Typ. Besnard Freres — 1914.



- 33 *De la non existence d'un droit international américain* — 8 pags. Caracas, Typ. Americana — 1916.
- 34 *Estudos jurídicos* (Historia, Philosophia e Critica) — 300 pags. — Rio, Livraria Francisco Alves & Comp. — 1916.
- 35 *Codigo Civil dos Estados Unidos do Brasil* — commentado — 6 vols. — 516, 477, 448, 453, 376, e 364 pags. — Rio, Livraria Francisco Alves — 1916 a 1919.
- 36 *Manual do Codigo Civil Brasileiro* — vol. XIV: Do direito das obrigações — 438 pags. — Rio, Jacintho Ribeiro dos Santos — 1918.
- 37 *L'évolution du Droit Civil du Brésil*, de 1869 a 1919, no livro "Transformation du droit", com que a "Sociedade de Legislação Comparada" celebrou os seus 50 annos de existencia. Paris, 1923.
- 38 *Projecto do Codigo Penal para a Armada*. Publicação official.
- 39 *Project, d'organisation d'une cour permanente de Justice Internationale* — opusculo.
- 40 *O Direito como sciencia positiva* na obra scientifica de Pontes de Miranda, coll. com Nuno Pinheiro, — 34 pags. — Rio, Liv. Scientifica Brasileira — 1923.
- 41 *Soluções praticas de direito* — (Pareceres) vol. I Direito Civil — 522 pags. — Rio, Corrêa, Bastos Ltd. — 1923.

Quando estudante de preparatórios, escreveu em "Labarum" de que foi reporter, com Silva Jardim e outros, no "Nova Aurora" de Quissaman (Estado do Rio de Janeiro); quando académico, redigiu o "Republica", em 1882 (seu 5.º anno de curso juridico); escreveu ainda no "Archivo Brasileiro" (1887), com João Freitas; na *Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife* (1891—93) — 26 vols.; *Revista do Norte* (1891); *Jornal do Commercio do Recife* (1892); *Revista Contemporâneo* (Recife, 1896); *Almanach liticario pernambucano*; *Revista do Brasil*, de Cunha Mendes, em São Paulo, *Revista da Academia Cearense*, onde começou a publicar o estudo sobre Franklin Tavora; o pão da padaria espiritual do Ceará; *Blaetcr* (da União Internacional de Legislação Comparada); *Jahrbuch* (da mesma sociedade); *Archiv* (da União Internacional de Philosophia do Direito, Economia Politica e Problemas de Legislação de Berlim, sociedade de que é membro); na *Revista do Instituto Historico do Rio de Janeiro*; *A Cultura Acadêmica*: As successões em direito internacional privado; *Annaes do Congresso Juridico Americano*: Direito privado (these V); *Revista Brasileira* (3.* phase): Tobias Barreto como jurista, tomo XI, pag. 70; A interpretação sociologica do governo federativo, tomo XV, pag. 10; *Sciências e Letras*, sob a direcção propria e de sua esposa, a Sra. D. Amélia de Freitas Bevilaqua; *Almanach Garnier* (1904): Sob que ponto de vista podem os brasileiros ser considerados latinos; (1909): O poeta da religião e do amor; (1914): A origem do direito.



Encontra-se a sua photographia reproduzida na "Bibliotheca internacional de obras celebres", na "Littérature brésilienne", de V. Orban, no Almanach Garnier (1905) e na "Renascença".

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 *Araripe Junior* — Movimento litterario de 1893, pag. 163.
- " " — Introducção dos "Esboços e fragmentos".
- 2 *Souza Bandeira* — Estudos e ensaios, pags. 23 e 125.
- 3 *João do Rio* — Momento litterario, pag. 104.
- 4 *Heraclito Graça* — Revista Brasileira, vol. VI, pag. 426.
- 5 *Sacramento Blake* — Diccionario Bibliographico.
- 6 *Laudelino freire* — *Noticia biographica* (Almanach Garnier, 1905).
- 7 *Affonso Claudio* — Bosquejo biographie» do Dr. Clóvis Bevilaqua, na Revista do Instituto Historico do Ceará e em separata.
- 8 *Eugénio IVerneck* — Anthologia brasileira, pag. 217.
- 9 *Victor Orban* — Littérature brésilienne, pag. 326.
- 10 *Pereira de Carvalho* — Os membros da Academia Brasileira em 1915.
- 11 *Carvalho Mourão* — Criminologia e Direito (Rev. Brasileira, tomo XIII, pag. 120).
- 12 *Lacerda de Almeida* — Juristas e philosophos (na Revista Brasileira, tomo XIII, pag. 293).
- 13 *Amélia de F. Bevilaqua* — Encyclopeda e Diccionario internacional.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSÍDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

RARAMENTE a natureza nos depara exemplo tão invejável e suggestivo, de capacidade de trabalho intellectual como em relação a Clóvis Bevilaqua. E' assombrosa a sua actividade e prodigiosa a sua producção juridica e literaria, só comparada á de Ruy Barbosa. Com 63 annos de idade, apresenta-nos 35 livros, alguns de folego e outros de tomo, todos reveladores de erudição e de muito labor.

Classifica-se a sua obra vasta e eclectica, em: trabalhos de cultura juridica — o principal contingente — de critica literaria e de ensaios philosophicos.

Na parte referente ao estudo do direito, abordou quasi, senão todas, as especialidades conhecidas. Escreveu sobre direito civil, a parte mais importante: "Theoria geral do direito civil", "Direito de familia", "Direito das obrigações", "Direito das successões", "Projecto do Codigo Civil Brasileiro". "Em defesa do projecto do Codigo Civil Brasileiro "Codigo Civil dos Estados Unidos do Brasil" (6 vols. com a parte histórica, os confrontos e commentarios) e do Direito das obrigações (vol. XIV do Manual do Codigo Civil Brasileiro).

E' unanime o juizo dos competentes em louvar a iniciativa do autor,



ao compendiar as partes constitutivas do direito civil, precedidas da theoria geral, com a introducção onde estabelece as noções geraes e as fontes de direito subjectivo e objectivo, de leis e sua exegese; examina escolas e systemas, theorias e classificações, esboçando os princípios philosophicos fundamentaes. E' depois o assumpto explanado nos tres volumes referentes á familia, ás obrigações e successões, com a orientação vigente, filiado á doutrina dos mestres, e precisando as relações entre as formas jurídicas e o influxo da civilização. Nessa obra de summa importancia, Clóvis Bevilacqua, guiado pelos processos da critica moderna, busca as origens no direito romano e segue a marcha histórica, sempre a confrontar o direito pátrio com o estrangeiro, adstricto á evolução da sciencia e á jurisprudência dos tribunaes.

O justo renome grangeado nos centros das faculdades de sciencias jurídicas e sociaes, e o apreço merecido entre os cultores do direito, influíram no espirito do Dr. Epitácio Pessoa, então ministro da justiça, para incumbir o seu collega, em 1899, de elaborar um novo projecto de codigo civil. Pouco tardou o desempenho da missão, pois no anno seguinte Clóvis Bevilacqua apresentava o seu trabalho que despertou a critica de Ruy Barbosa e Inglez de Souza, sendo submettido ao exame de vários jurisconsultos.

A historia da celeuma que provocou o projecto, da evolução por que passou e das accusações e defesas, consta dos preliminares á obra commentada pelo proprio autor que teve oportunidade de escrever um grosso volume, defendendo-se da critica, principalmente da que lhe fez Ruy Barbosa, no celebre "Parecer" e na "Replica" notável, quando sustentou polemica com o seu antigo professor Carneiro Ribeiro.

Assim, o trabalho de Clóvis Bevilacqua, relativamente á codificação das nossas leis civis, deu-lhe ensejo de escrever: "Projecto do Codigo Civil Brasileiro", "Em defesa do projecto" e "Codigo Civil Brasileiro", commentado, em seis tomos.

Ainda, concernente á cultura jurídica, escreveu o notável jurisconsulto as "Lições de legislação comparada sobre o direito privado", professadas na Faculdade de Direito do Recife; "Criminologia e Direito", livro de ensaios anteriormente publicados em algumas revistas: "Direito internacional privado" e "Direito publico internacional".

Revelou-se um internacionalista de mérito, elle que se havia distinguido como professor da cadeira de legislação comparada, como tratadista de direito civil e autor do projecto do nosso codigo. Valeu-lhe tal circumstancia ser convidado pelo Barão do Rio Branco para desempenhar as funcções de consultor juridico do Ministério das Relações Exteriores, cargo que ainda exerce com brilho, além da indicação do seu nome para membro do Tribunal permanente de arbitramento em Haya.

O critico literário revelou-se no inicio de sua carreira, quando publicou as "Vigilias litterarias", "O escalpello", "O Stereographo" e "Epochas e individualidades"; e assumiu feição distincta, em tempos mais recentes, com "Juristas philosophos", o "Discurso" de elogio de Pedro Lessa e o ensaio sobre Sylvio Romero. Nesse genero revelou perfeita orientação, compatível com a sua erudição philosophica, e é lastimavel que outras especialidades o absorvessem por completo, determinando o abandono da critica literaria, cujas amostras conhecidas são muito apreciaveis.

A parte philosophica está comprehendida em "A philosophia positiva no Brasil", "Estudos de direito e de economia politica", "Litteratura e Direito", "Esboços e fragmentos", "Estudos jurídicos" e outros trabalhos incluídos em volumes já citados, publicados em folhetos ou esquecidos nas collecções de revistas.



No genero ficção, só escreveu "Plirases e phantasias", livro de primicias, dos verdes annos, impregnado de ternura e dedicado á esposa, D. Amélia de Freitas Bevilaqua, escriptora de mérito.

Em critica, como em philosophia, e principalmente na especialidade que preferiu e em que se tornou um dos mais conspicuos autores de literatura juridica no Brasil, adopta Clóvis Bevilaqua, simultaneamente, dous methodos poderosos de estudo e exposição: o comparativo e o de filiação histórica.

Resume elle a sua biographia e a confissão do seu credo e preferencias, na resposta que deu ao questionário de João do Rio, no "Momento Literário".

Nasceu em Viçosa, Estado do Ceará, a 4 de outubro de 1859. Estudou preparatórios em Fortaleza, até aos 16 annos de idade, e os concluiu no Rio, matriculando-se, em 1878, na Faculdade de Direito do Recife, onde se bacharelou em 18—11—1882.

Ainda no Ceará, despertou-se nelle a curiosidade pela literatura e leu romances de Dumas pae e os "Varões illustres do Brasil" de Pereira da Silva. No Lyceu de Fortaleza, travou relações com os principaes poetas românticos do Brasil, manifestou predilecção pelas obras de George Sand, Th. Gautier, Byron, Alencar, A. Herculano e se deixou empolgar pelo movimento reaccionário operado por Capistrano de Abreu, Rocha Lima, Araripe Júnior, João Lopes e Amaro Cavalcanti. Inspirando-se na attitude de Rocha Lima, dedicou-se á critica, lendo Taine, Theophilo Braga, Quinet e Luciano Cordeiro. No Rio, teve Feijó, Paula Ney e Silva Jardim como companheiros; entregou-se á leitura desordenada, e interessou-se pelo positivismo, atravez dos escriptos de Miguel Lemos. Mas só em Recife leu as obras de Littré, Comte e dos proselytos da philosophia positiva, até substituiu-os, no fim do curso juridico, por Haeckel, Spencer, Soury e mais tarde por Schopenhauer, Bain, Stuart Mill e Wundt.

Foi companheiro de Martins Júnior, Arthur Orlando, Clodoaldo Freitas, João Freitas e José Carlos; acompanhou a evolução litteraria com os naturalistas e parnasianos, e escreveu trabalhos de critica. Só depois de formado começou a interessar-se particularmente pelo estudo de direito, procurando familiarizar-se com os autores de notoriedade. Condensa as suas preferencias nos seguintes autores: Tobias Barreto, Ihering, Post, Savigny e Glosson; em literatura resume a predilecção em Alencar, Taine, Sylvio e Zola; e em philosophia, nos próceres: Comte, Littré, Spencer e Haeckel.

Das próprias obras que mais lhe merecem estima, destacam-se: "Direito da familia" e "Criminologia e direito"; a primeira pela natureza do assumpto — questões de ordem social — e a segunda, por lhe accentuar melhor a individualidade do espirito. No emtanto, julga "Direito das obrigações" a mais synthetica; "Juristas philosophos" a de melhor estylo ou maior correcção de linguagem; "Direito das successões" a de character mais technico. •

Dou o meu voto a "Juristas philosophos" por todos os motivos: — reflectir a individualidade do seu espirito, definir a sua orientação, synthetizar o seu modo de pensar e condensar os seus processos de critico e publicista.

Especializou-se no direito, principalmente no civil e internacional. O maior o mais importante quinhão de suas obras está subordinado á parte jurídica.

Desempenhou as funções dos seguintes cargos: promotor publico de Alcantara, no Maranhão (1883), bibliothecario da Faculdade de Direito do Recife (1884), professor de philosophia no curso annexo á mesma



Faculdade (1889), lente de legislação comparada, em Recife (1891). Com a proclamação da Republica, foi exercer o logar de secretario do governo do Piahy, sob a direcção de Thaumaturgo de Azevedo, sendo depois eleito para o Congresso Constituinte do Ceará. Teve, além, disso, as commissões, já referidas, de Epitácio Pessoa e Barão do Rio Branco, e exerce o cargo de consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores.

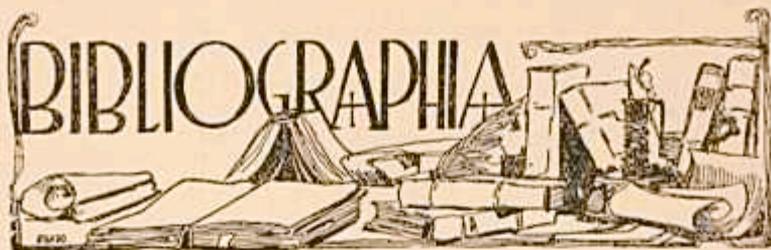
Jurisconsulto notável, ainda prestará relevantes serviços ao Brasil.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Primeiros influxos no Ceará — A orientação na corte — Influencia decisiva da Faculdade de Recife — Na imprensa — O critico literário — O jurisconsulto em formação — Episodios da sua vida — O professor de direito — As obras de direito civil — Ideias philosophicas — O Codigo Civil — Methodos chronologico e comparativo — Ultimas obras de critica — No dominio do direito internacional — O escriptor — O jurisconsulto.

ARTHUR MOTTA





MONTEIRO LOBATO — *O macaco que se fez homem* — Monteiro Lobato & Comp. — S. Paulo, 1923.

Parece que deste grande e popular novellista a única obra que lhe vae perpetuar o nome são os "*Urups*", obra pujante, sem duvida, e uma das mais originaes da nossa literatura. Entretanto, nesta ultima collecção de contos, as suas extraordinarias qualidades estão reveladas com mais nitidez e com um brilho mais intenso. "*O macaco que se fez homem*", é, ao nosso ver, a melhor das suas obras. Neila ha effeitos de expressão surprehendentes: o estylo é tratado com largueza de mestre, a sua observação ganhou um extranho apuro de agudeza, e a linguagem é sempre correcta, de um colorido forte e em que ha, por vezes, tonalidades fugitivas, riquíssimas de suggestão.

O conto que abre o volume e lhe dá titulo, é uma caricatura á theoria do transformismo, mas uma caricatura que faz pensar, ao mesmo tempo que faz rir. E' um conto bellissimo. Como elle são todos os de que se compõe o precioso livro, que é um dos mais solidos das nossas letras.

EGAS MUNIZ — *Relatório sobre a instrucção na Bahia* — Bahia — 1923.

E' um dos estudos mais completos, mais ricos em informações e mais reveladores de competencia que conhecemos, feitos entre nós sobre o problema da instrucção. O Dr. Egas Muniz não só estuda o assumpto sob as luzes theoricas, com muita universalidade, como analisa tudo quanto se tem feito no Brasil para organisar o ensino. E chega a conclusões dolorosas. Todas as reformas falham, todos os systemas, por mais bem architectados, nada dão de si, em virtude de uma falha do caracter nacional: ausência da noção do dever. Que valem leis se os homens não trazem dentro de si o escrupulo do seu respeito? Qualquer das reformas por que passou o Ensino nos serviria — qualquer, contanto que houvesse nos homens, professores, directores e cathedricos, o fogo sagrado pela causa da instrucção. Dá-se o contrario. O scepticismo reinante e a frouxidão, a instabilidade do nosso caracter impedem-nos de colher fructos de qualquer organização systematica de ensino, por mais sabia que seja. Desnaturamol-a logo, falsificamol-a e a culpa vae para o costado da reforma, "que não presta". Do estudo do Dr. Aragão, embora elle não o conclua assim, concluem os leitores: o que nã: presta são os homens.



Num dos capitulos faz o autor interessantissimo estudo das chamadas raças latinas, entre as quaes, com muito orgulho, nos collocamos nós.

E prova, com extrema clareza, que somos tão latinos, nós aqui e os da Europa, como a gralha da fabula é pavão. Isso quanto á latinidade racial, sanguinea, que a outra, por affiridade de lingua, legislação, costumes, etc., é um facto. Mas por ter um povo instituições e lingua oriundas das romanas poderá dizer-se pertencente á raça latina?

O dr. Egas Muniz é talvez o mais alto espirito da Bahia contemporânea e aqui neste cantinho rendemos preito de admiração ao seu grande valor, infelizmente menos conhecido no paiz inteiro do que lhe seria devido.

DOMINGO SARMIENTO — *Facundo* — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1923.

Dando inicio ao seu já anunciado programma de lançar uma bibliotheca americana, onde figurem as obras mais representativas publicadas em nosso continente, a casa Monteiro Lobato & Cia. acaba de expor á venda o *Facundo*, de Sarmiento.

Esta obra monumental, simples pamphleto ao tempo, mas que o tempo consagrou como obra de gênio, dessas obras capitaes onde a alma das nacionalidades se revela em projecção immorredoura, foi escolhida com muito acerto para inicio da bibliotheca.

Sarmiento é mais que argentino. E' americano. Transcende das fronteiras patrias e pertence á America, da qual foi o primeiro a perceber, com sua visão genial, linhas estruturales communs.

Era imperdoável que uma obra destas inda não estivesse incorporada em traducção ao nosso patrimonio literário, no lugar que lhe compete, ao lado dos *Sertões*, de Euclides da Cunha.

Fazemos votos para que a Bibliotheca Americana não fique nisso e r.ão se aparte do critério que presidiu á escolha do volume inicial. Todos os altos espiritos são concordes em que, os resentimentos, as rivalidades mesquinhas entre os povos sul-americanos provêm da falta de conhecimento reciproco. Ora, este conhecimento só é possível e efficaz por meio da vulgarisação das obras d'arte de bom cunho representativo, de modo que será uma tarefa de tradutores e editores a obra de paz e conciliação da America.

Todos os males provêm da incomprehensão e como se comprehenderem os povos sem que os expdentes da alma de cada um circulem atravez das suas obras e- digam, e repitam mil vezes, e provem a grande verdade de que somos irmãos?

Facundo foi vertido para o portuguez por Carlos Maul, esse formoso espirito e essa grande alma em que brillia a flamma de um nacionalista de larga envergadura.

GRAÇA ARANHA — *Machado de Assis e Joaquim Nabuco* — Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1923.

A correspondência que nos legaram estes "accidentes" máximos da nossa intellectualidade, tão diversos um do outro mas tão próximos em sua qualidade de pincaros, teve a sorte de encontrar r.o Sr. Graça Aranha um carinhoso organizador e um precioso commentador. O prefacio que abre o livro e onde, em 96 paginas, Graça Aranha, com a teia de ouro do seu estylo magico, evoca os dois vultos, define-lhes as características essenciaes, e acompanha o "a dois" em que se conduziram ambos pela vida ein fóra, desde a



•cartinha que Nabuco aos 15 annos ingenuamente dirigiu a Machado, a proposito de uma referencia deste a seus primeiros versos, até a carta final do Mestre remetendo-lhe O "Memorial de Ayres" — este prefacio, podemos •dizer sem medo de contestação, constitue o mais bello e penetrante estudo que sobre os dois grandes vultos ainda se fez.

Graça Aranha encontrou-se perfeitamente á vontade no assumpto, já pelo conhecimento intimo que tinha de ambos, já pela sympathia amorosa que lhes consagrava — elementos estes únicos capazes de resultar em comprehensão perfeita.

E assim é tal prefacio um thesouro de "corrpreherjsões". O Nabuco politico — de uma politica só accessivel aos Nabucos, e o Machado amargo — de um amargor só acceito nos Machados, exhibem-se alli, translúcidos, com a alma revelada em flagrantes vivíssimos.

Tal é a força do gênio que a estudal-os o commentador guinda-se á mesma plana e, procurando revelar dois, revela três.

Enriquecem a obra vários retratos preciosos, dois autographos, alguns artigos de Ruy sobre a missão Nabuco e a resposta deste, correspondência entre Nabuco e Graça Aranha, um estudo de Emile Faguet sobre os "Pensamentos" de Nabuco, a conferencia de Graça Aranha "A mocidade heróica •de Nabuco" e mais coisas relativas aos dois grandes commentados.

A edição é perfeitamente bella, não conhecendo nós nenhuma que se lhe avanteje em primor.

MANUEL GALVEZ — *El cântico espiritual* — Buenos Aires
— 1923.

De Manuel Galvez podemos dizer o que se disse de Zola — que é um formidável *abatteur de besogne*. Está construindo uma obra de grandes vultos, dessas que requerem pulso forte, musculos de aço e energia moral indomável, o que é raro na America do Sul onde Rodó já observou a debilidade e o pouco folego dos artistas. Temos no velho mundo exemplos famosos, Camillo, Zola, Balzac, e tantos outros; mas cá na America escriptor que ergueu uma dúzia de blocos já se esfalfa e não prosegue na construcção.

Galvez foge á regra. Apesar de não dedicar-se exclusivamente á literatura, pois que o meio não lhe permite essa especialização (que explica muita coisa no velho mundo), vae levando por deantfc sua formidável empreza, que é fixar em romances alentados toda a vida actual da Argentina. "El car.tico espiritual" vale pelo 17.º bloco que ja ergueu á força de talento.

Apesar do titulo mystico, "El cântico" é um panorama de almas e typo3 fixados com o mais flagrante relevo, em nada desmerecedor de obras magistraes como "La maestra normal", "Nacha Regules", traduzida em varias linguas, "El mal metaphysico", "La tragedia de um hombre fuerte" e tantos outros romances que se impuzeram e são o que existe hoje na America de melhor em matéria novelística.

Em traducção brasileira existe deste escriptor apenas uma obra "O mal metaphysico", que por circunstancias alheias ao valor da obra foi mal diffundido. Sabemos, entretanto, que a casa Monteiro Lobato & Cia. vae dar a "Nacha Regules", e fazemos votos para que, afinal, o grande romancista da Sul America obtenha do nosso publico a victoria que merece e que já obteve nos Estados Unidos e na Allemanha.



HORÁCIO QUIROGA — *Historia de um amor turbio* —
— Buenos Aires — 1923.

Quiroga habituou-nos a ser lido em contos, dos mais palpitantes de vida, dos mais arejados que conhecemos. Sabe como ninguém apanhar ao vivo um flagrante e sabe compol-o e emoldural-o á maneira dos grandes mestres modernos, Kipling e Hansun á frente. Mas na "Historia de un amor turbio" muda de feição. Não faz conto, faz novella, e novella de cidade. Percebe-se que o autor foi parte na historia — historia vera enredo, historia de todos os dias, historia de todos os homens. Mas com que penetração desenvolve seu thema e com que simplicidade de meios pinta as almas indecisas, pouco marcadas, sem vincos violentos que denunciem tragedia! Não desfecha em tragedia a novella. E' a simples historia de um pequeno amor que nasce, *fait trois pctûs tours* e morre.

Justamente por isso, mais nos encanta o autor, porque é na pintura dos quadros de poucos contrastes que mais árduo se faz o trabalho do artista. Tudo são alli tons leves, e esfumaturas, e horizontes psicologicos — e Quiroga vence essas difficuldades com extrema galhardia.

Que pena para o Brasil o mundo ser a França e só a França! Como nos vicia da vesguice da uniliteralidade esta tolice visceral que nos deixa sem olhos para ver e admirar grandes obras tão superiores á quinquilharia literaria que Paris nos impinge e que nós macacalmente sorvemos, sem o menor discernimento critico... Não conhecemos Quiroga no Brasil por uma razão apenas: não nos veio de Paris, não se chama Horace Quirot...

ED. NAVARRO DE ANDRADE — *Café, juta e borracha* —
S. Paulo — 1923.

Encarregado pelo governo federal duma missão ao oriente, para estudo da cultura da juta, do café e da borracha, Ed. Navarro dá conta neste relatorio do seu trabalho.

Começa, em prefacio, explicando o calote que lhe pregou o governo, calote duplo, pois que não lhe pagou parte dos vencimentos a que tinha direito e inda por cima lhe trancou durante quatro annos o luminoso relatorio, revelando assim mais uma vez os altissimos dotes de imbecilidade que caracterizam o governo central.

Em seguida expõe com o desembaraço, a paixão e a segurança a que já nos habituou o estado do café nas índias Hollandezas, concluindo' a nosso favor, visto como "o fazendeiro paulista consegue o milagre de produzir o café mais barato do que nas índias, o que, verdade seja, de pouco lhe vale, porque as estradas de ferro, as taxas das Docas, o preço do sacco e os impostos de exportação e das valorizações escangalham-lhe a igreja".

Trata depois da juta e apresenta um trabalho magistral, sufficiente para propulsionar entre nós o cultivo dessa preciosa fibra com a mesma segurança com que a sua monographia sobre o eucalypto propulsionou no paiz inteiro o plantio da maravilhosa arvore australiana.

O valor dos trabalhos de Ed. Navarro reside na circumstancia de que faz fé o que elle affirma. Quem vae por elle acerta, pois não sabemos de ninguém mais methodizado cm seus estudos, mais cauteloso no generalizar e, quando affirma, mais seguro no affimar.



Lê-o, ou cor.hecê-o através das suas magníficas realizações, uma das quaes, a victoria do eucalypto, já representa para o Brasil um augmento de riqueza que ascende a *várias centenas de milhares de contos*, é sentir a verdade do grito d'alma de quantos visitam as culturas da Companhia Paulista:

— Si os nossos ministros da Agricultura valessem uma unha do Navarro...

*PADRE HELIODORO PIRES — Nos caminhos do Nazareno
— Monteiro Lobato & C. — São Paulo — 1923.*

Religioso, o sr. padre Heliodoro Pires consegue, quando escreve, interessar os que não o são. Dissinta-se de seus credos embora, prazerosamente se lhe deletreiam as paginas. E' que, ora eruditas, ora imaginosas, ora commoventes, são escorreitas sempre, vasadas em linguagem que, vestindo galas, não é o que se convencionou chamar "difficil". Prova-o este volume — "Nos caminhos do Nazareno". Lê-o qualquer, de uma assentada.

Ensaio de literatura religiosa, dominados pelos anseios de uma alma de mystico, dizem-nos não só da sinceridade de sua fé, como também de um escriptor em que se concentram attributos de poeta e critico. Más, nem só. Seus trabalhos, como o diz em prefacio J. A. Nogueira, "são também grandes brados de amor á nossa terra e á nossa gente. Movido por estas duas fortes paixões — a fé religiosa e o enthusiasme pela Patria, Remonta-se muita vez a magníficas alturas. Justificam e nosso asserto as paginas ardentes, cortadas de imagens relampagos, em que nos dá as suas impressões do Congresso Eucharistico ha pouco realizado no Rio, por occasião dos festejos do centenário. E' esse, a nosso ver, um dos escriptos mais "vividros" de todo o livro. Não é propriamente um ensaio. E' um hymno ardente, quasi extase, vôo em plena luz, com arremessos de alma tão fundamente sinceros, que enleva e transporta o mais frio dos leitores. E que esplendida theophania entre religiosa e patriótica, quando nos mostra a bandeira nacional a envolver o ostensorio! Ahi a sua voz toma accents de psalmista, para dizer as glorias da divindade de mistura com as glorias da raça e da Patria. E exclama num impeto de amor e enthusiasmo: "Jesus é meu concidadão!"

"Ha nesse grito de fé e de patriotismo todo um bellissimo programma de acção e uma larga visão dos nossos destinos de povo catholico. Fraca, muito fraca seria a nossa campanha nacionalista, se o ideal que ella encerra não se dilatasse e elevasse de sorte a poder confundir-se quasi com esse ideal christão de fraternidade universal que acode ao espirito e domina o coração ao só nome de Jesus. A cidadania com o fundador do Christianismo é a maneira mais encantadora e profunda de alargarmos os âmbitos do nosso nacionalismo como o exige a grandeza e amplitude do nosso futuro. Todos os grandes brasileiros que procuraram previver, em pensamento e amor, o porvir longínquo deste immenso paiz vieram a pojar, por assim dizermos, num mesmo sonho vastissimo: — a nossa Patria ha de ser para todos os povos uma como Terra da Promissão, uma Chanaan esplendida, Torre de Babel sem confusão de linguas, prazo dado universal para quem quer que deseje trabalhar e viver pacificamente debaixo do sol..."

Mais não seria preciso pôr. A palavra do illustre escriptor basta a recommendal-a, si de recommendação carecesse a obra. Queremos, porém, destacar ainda um dos ensaios — o em que a percuciente analyse do A. se volta



para os "esplendores do paraíso dantesco". Publicado por ocasião do centenário do Altíssimo Poeta, não foi atôa que elogiosas referencias lhe fez Ruy Barbosa. E' trabalho completo.

De tudo se infere a justiça com que se arrola o nome do A. entre os mais lidimos representantes da moderna geração de sacerdotes catholicos brasileiros, também empenhados na obra de construir o tão preconizado "Brasil maior".

FERNANDO DE AZEVEDO — *No tempo de Petronio* —
Irmãos Marrano, editores — S. Paulo — 1923.

O poeta e escriptor romano, Petronio, foi posto em fóco por Henrik Sienkiewicz, no seu romance "Quo Vadis?", que, vulgarisado no Brasil por numerosas traducções, se tornou o romance predilecto de toda a gente. E desde então não houve quem se não interessasse pelo favorito de Nero, pelo "arbitro das elegancias", pelos seus amores, pela sua escrava Eunice, pelo seu poder e pelas suas fraquezas, e não lhe dedicasse uma sympathia toda especial, feita de commoção e de admiração. Petronio, hoje, no Brasil, é synonymo de elegante, como Brummel o era antes.

O sr. Fernando de Azevedo, que é um notável latinista, tendo obtido em brilhante concurso, a cadeira de latim da Escola Normal de S. Paulo, e é um finíssimo e correcto escriptor, enamorou-se também da figura do poeta romano, e enfeixou, num farto volume, um estudo pormenorizado e encantador sobre a sua obra e seu espirito. A figura do poeta resalta, atravez do estylo seductor do sr. Azevedo, cheia de uma intensa vida espiritual. Os que, pois, conhecem Petronio pelo desenho que delle traçou Sienkiewicz, devem ler este livro, para cor-heckel-o melhor.

O autor, com graciosa habilidade, vai illustrando o seu estudo com pensamentos e conceitos tirados ao "Satiricon" e a outras obras, tecendo uns e outros de interessantissimos commentarios. Eis alguns desses pensamentos:

"A felicidade, longe de consistir em mergulhar os flancos em almofadões de pluma, assentar-se sobre a purpura, beber em vasos de ouro ou carregar a mesa de pratos régios, está em não temer a adversidade, desdenhar a popularidade vã e não se perturbar diante da espada nua..." "Vem sempre travada de azedume a maior doçura." "Esta torre, que se mostra quadrada vista de perto, vista de longe, quebrados os seus ângulos, não parece redonda?" "A religião não passa de uma criação supersticiosa do temor dos homens." "O melhor não é o que se possui, mas o que se busca." "Que mais frio do que a neve? e, no emtanto, Julia,, a bola de neve lançada por tuas mãos, inflammou-me o coração. Onde encontraria asylo contra o amor que até no gelo guarda o seu fogo? Está em ti extinguir a chamma, que me consome: mas não é com a neve, nem com o gelo que o alcançarás, e sim, queimando-me com um fogo igual ao meu..." "A mulher que deseja agradar, não ha de satisfazer-se com o que basta ao commum das mulheres. Os ditos finos, o espirito, a graça e a alegria sobrelevam aos mais caros dons da natureza; pois a arte realça a formosura, e sem desejo de agradar, perde todo o seu valor a belleza." "A pobreza é a mãe da industria, e a invenção das diversas artes deve sua origem á fome."

O autor, para compor o seu livro, recorreu ás fontes mais autorizadas, e principalmente a Tácito, cujas informações ácerca de Petronio, são as mais seguras.



Além do estudo sobre Petronio, ha outros estudos que merecem a atenção dos que cultivam a literatura classica, como a ironia da eloquência latina, os quatro grandes pensadores latinos, as mulheres de Vergilio, a educação entre os romanos, a psychologia pela semantica latina, a concepção romana da belleza, o desterro de Ovidio, os elegantes no tempo de Augusto.

O sr. Fernando Azevedo é um dos nossos mais notáveis escriptores. A sua obra 'Antinoüs', estudo da cultura athletica, é hoje classica, e não conhecemos outra em nossa lingua que se lhe compare.

AFONSO LOPES DE ALMEIDA — "Atravez da Europa" —
Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1923.

Na serie de obras que se publicaram em portuguez a proposito da Grande Guerra, ha que assignar-se logar de destaque a esta, do Sr. Afonso Lopes de Almeida. E' sobremaneira interessante e vasada em lingua de gente, de feito que sua leitura constitue prazer espirital. Trata-se de chronicas leves, mas chronicas em que diz coisas, não amontoado de logares-communs. Travez a phrase escorreita — idéa, noticia, informe...

Viajando a Europa após o cataclismo tremendo, relata-nos suas impressões, sem o cansado e quasi sempre estafante processo dos viajantes-escrevedores. Não nos diz como e quando chegou, si passou bem, si enjoou e outras despicencias minúcias. Conta-nos, sim, o que nos importa. Na Bélgica, por exemplo, põe-nos ao par dos acontecimentos que ensanguentaram o solo da pequena nação, dando-nos, em quadros vividos, impressão penosa. Avultam, então, em rosso coração os sentimentos de piedade e admiração pelo heroico povo que tanto soffreu sem ver arrefecida a flamma ideal que o animava, e ganham fóros de lenda, as figuras de Alberto I, Elisabeth, Mercier, Leman — typos de inconfundível escol. E não só. Estuda o povo, inteira-nos das questões como a de Wallonia e Flandres, que o scindia em duas nações, ou como a hollando-belga, que sempre preocupou os governos das nações lindeiras. E, para fechar, uma visita ao pintor Cardon e uma pagina de merecida homenagem ao nosso embaixador em Bruxellas. Nada lhe escapou, assim, á observação percuciente, predicado que, aliás, fal-o um dos nossos mais atilados jornalistas.

Da Bélgica passamos á Inglaterra e lá veremos Lloyd George, mister Thomas e toda a familia do "Times", ficaremos ao corrente dos planos de expansão do grande império, da sua crise economica e social, da transformação que se opera nos seus methodos de trabalho, da rivalidade allemã, sem esquecer o fausto da córte, posto em relevo por occasião do casamento do príncipe de York.

E é Portugal, é a Grécia, é a Chanaan dos judeus, a China, o Monte Líbano, vistos através da Europa, de Paris, capital do mundo, onde se fizeram e se desfizeram tantos paizes... E tudo escripto sobre o joelho para alcançar os vapores que nos deviam trazer as novas a uma por uma, mas longe de o revelar, pois que, limpa de erronias, a phrase é sempre bella, capaz de ros levar sem choque de cabo a rabo na leitura do volume.

OLIVEIRA VIANNA — "Evolução do Povo Brasileiro" —
Monteiro Lobato & Cia. — S. Paulo — 1923.

Num paiz como este, orde os livros publicados se constituem na mór parte de artigos de jornal, sem sequencia lógica e nos quaes apenas sobre-



nadam umas poucas de idéas, o presente volume bastaria para a consagração de um nome, o que não é, porém, o caso do Sr. Oliveira Vianna. "Populações Meridionaes do Brasil" e "Pequenos Estudos de Psychologia Social", tendo-lhe dado a primazia que de direito exerce na moderna geração de estudiosos das cousas brasileiras, já se tornaram a pedra angular da nossa sociologia. "Evolução do povo brasileiro" — não vem a mais de que confirmar o muito bem que delle se tem dito, ensejando opportunidade a que novos applausos lhe coroem a obra.

Alentada monographia em que se esmiuçam os processos de nossa formação como raça, sociedade e nação, seu conteúdo se repleta das mais sãs idéas. Nada a extirpar. Peça inteiriça que subsiste por si. Idéas novas e claras, phrase tersa e limpa de pedantesca terminologia, explanação isenta de divagações e toda ella obedecendo a plano logico em que, preliminares estabelecidas por conhecimento proprio, não se arreceia de avançar, esgotando o assumpto até onde possível. E, assim, sociologia que não enfara.

Aliás, é esta a qualidade característica do Sr. Oliveira Vianna-escritor: na sua limpidez de lympha, corre-lhe a expressão por entre rumas de argumentos sem o escachoar fragoroso dos campanudos termos com que outros intentam exhibir sabença. Tem galas seu estylo, que não o contaminou a simplicidade que é desleixo. Não galas de rebarbar, mas de amenisar, de duetilisar, de afeiçoar as phrases tornando-as bem-soantes, sem prejuizo da idéa. Está o autor em que sociologia não admite estylisação, pede estylo.

Ahi, um dos segredos de sua victoria, com a victoria dos estudos sociologicos, até então olhados de sosláio. Fossem suas obras entestadas de estranho rôr de nomes scientificos, mesmo com as idéas que as ornam, não ganhariam essa incondicional manifestação de applauso, traduzida não só no mercado livreiro como na intensificação dos estudos nacionaes, que está a resultar verdadeira escola. Entenda-se, porém. O autor não abomina a sciencia. Acompanha-a pari-passu. Suas observações coincidem ponto por ponto com as ultimas revelações da critica scientifica franceza, que condemnou irremissivelmente a afoiteza com que, emparedados no seu gabinete, certos escriptores se comprazem em formular leis e engendrar schemas, nos quaes lia de caber por força a evolução de todos os povos. Recorde-se, a proposito, o caso de Le Bon com relação ao povo brasileiro...

Julgando, com muito acerto que o que se ha mister é a observação directa das realidades, da qual se induzirão depois as leis a que obedeceu a evolução, refoge o Sr. Oliveira Vianna á só sciencia dos livros. Admitte-os, acata-os, mas quando suas affirmações conferem com as conclusões pessoasas a que é levado. E seu conselho vem a pello: "E' preciso evitar o escolho (as idéas preconcebidas e as "arriéres-pensées"), e o melhor preventivo é a confiança na nossa própria intelligencia, isto é, a certeza de que todas as vezes que, defrontando a realidade, a interrogamos com insistência, ella sempre acaba por nos revelar o seu segredo".

"Eu não faço senão applicar os velhos processos de observação e experiencia, de comparação e inducção, que vêm desde os tempos de Aristóteles e que, systematisados e accrescidos na sua efficiencia por incomparáveis meios de pesquisa, formam a base da investigação scientifica contemporânea. O que ha de propriamente novo nos meus estudos, o que ha nelles de propriamente original, é o Brasil".

De facto, no presente volume fartamente se comprova a exactidão dessa auto-critica. O Brasil está em todas as suas paginas, de tal feitio que se sae de sua leitura com a impressão de que "algo nuevo" nos penetrou o entendimento.



E' de destaque a posição que na "rua das letras" occupa este autor. Bagagem vultuosa a sua, não se apequena por outro lado, ante o que de melhor tem produzido a geração actual. Reconhece-o o publico.

"Dente de Ouro" vem reafirmar taes fóros. E' novella que interessa como poucas. Nada de recheio. Acção, movimento — diálogos vivos, paisagens em espatuladas largas, figuras medalhadas em dois toques, tudo disposto a causar ao leitor o máximo de emoções, exactamente como num film cinematographico.

Isso, parece-nos, basta a recommendal-a, uma vez que a moderna orientação da novella fal-a approximar-se cada vez mais do cinema.

Resumamos-lhe, pois, o entrecho:

"Dente de Ouro", bandido famanaz nas bandas de Rio Preto — o primeiro conhecimento de um bacharel de 20 annos feito delegado de policia... Maria Luiza — o seu primeiro amor ahi... Um e outro esquivos, porfia o rapaz em conquistal-os. Mas, inutilmente: elle continua a matar; perfidias se insinua sobre o procedimento delia... Derivativo final — uma viagem a S. Paulo, de licença.

Em S. Paulo, reencontrando velha conhecida, reaviva-se-lhe a saudade da outra. Regressa logo, reassume o exercicio. Mas o soldado Marcolino dá o alarme: — "Dente de Ouro", na cidade!... "Junto da chacara de Maria Luiza, amarrada a um moirão da cerca, encontrara a besta que "Dente de Ouro" montava!"

Entretanto, Maria Luiza envia-lhe flores, recebe-o em sua casa, e toda se lhe entrega. Uma noite, na estrada, longínqua cavalgata susta-lhe a "loucura de beijos" com que o inebriava. Era simplesmente um colono...

Mas a duvida ganha vultito. "Todas as semanas, em dias como determinados, recebia de Maria Luiza uma carta na qual, por um motivo imprevisto ou por um mal estar subitaneo, me rogava, cheia de angustia, que não a procurasse..." Como solução, elle propõe casamento, ao que, chorosa, ella se recusa.

Nessa noite, na estrada, nova surpresa: o ordenança espionava-o... Inquirições tiradas, narra o cabo: — "O "Dente de Ouro" foi visto varias vezes entrar na chacara. Todo o mundo fala que entre o bandido e essa mulher..." Deflagra-se-lhe a cólera. A deshoras, eil-o que se apresenta de súbito aos grandes olhos marasmados de Maria Luiza. Ella confessa: "Elle é mais forte; vem..." Mas, accrescenta, fizera-o jurar respeitaria a pessoa do delegado. Elle se acalma, mas a tantas a porta é abalada. "Dente de Ouro" penetra e sua garrucha brilha num disparo. Um gesto delia impede-lhe o segundo; o bandido chora e diz: — "Moço, vá-se embora!..." "Humilhado, vencido", o bacharel se retira... No quintal, porém, turba-lhe a passagem o cadaver do soldado espião. "Dente de Ouro", esse já levava sumiço...

Epilogo: Maria Luiza, á frente duma diligencia, indica a furna em que o bandoleiro se atocaia. Cercam-na. Desafios petulantes delle, a prudência da escolta e, afinal, um tiro que fulmina a bella mulher. Resposta — outra bala. Elle cáe e, "preso dum delirio heroico e supremo", esquarteja as próprias visceras, que, da altitude em que se encontra, vae jogando, em molambos sangrentos, á face dos soldados... Até que rola de bôrco...

OSIVALDO BARROSO — *Memorias de um recruta* — Monteiro
Lobato & Cia. — São Paulo — 1923.

Nunca nos pareceu — e com quanta gente se não dará o mesmo! — que o estagio de caserna a que se obrigam os moços de hoje apresentasse tantos e itão variados episodios como os de que nos dá conta, nestas suas memorias, o Sr. Oswaldo Barroso. A instrucção — um horror para os bisonhos jéas, cujo supplicio começa, aliás, pelas botas, que lhes callejam os esparramados artelhos... Depois, as evoluções, o manejo do fuzil, as manobras, todo o fadario emfim que torna o exercito esse temido "inferno amarello..."

Destacam-se ademais vários perfis de officiaes que, feitos com graça e originalidade, calam em nossa mente, corporificando-se em vultos que todos conhecemos e a que servem como carapuça para elles talhada...

Grotescos e risíveis uns, tristes e lamentaveis outros, os episodios todos interessam sobremaneira, dando-nos a impressão exacta dos caminhos que percorre o soldado iniciando, cae aqui, levanta alli, tropeça acolá... Não se esqueça, porém que a característica primeira do relato é o chiste. Ha risos, em todas as suas paginas, por vezes é certo mixto de piedade, mas quasi sempre desembaraçado e capaz de resultar estrondeante gargalhada.

Aliás, a capa que lhe poz J. Prado é suggestiva...

MOACYR PIZA — *Roupa Suja* — 3.ª edição — S. Paulo
— 1923.

"Roupa Suja" foi a ultima obra publicada por Moacyr Piza, o jornalista brilhante que ha pouco desapareceu no vórtice de uma paixão. Foi a confirmação de seu talento. Volumoso libello contra "alguns homens honrados da politica republicana", não se alcandorou á discussão de pontos de vista nem de princípios. Ateve-se ás "faces gaiatas do assumpto", pois "a politica é, no geral, uma farça; e o commentario de uma farça não pôde ser feito, naturalmente, com palavras sisudas"... E com isso fez satyra, satyra ferina.

Moacyr Piza, conhecendo bastante a lingua, colligia dos clássicos e do vulgo, a um tempo, as expressões fortes que lhe traziam á phrase uma graça nova e um cunho pessoal. Pode-se discrepar de suas idéas, pode-se acoiimar de injustas as suas accusações, pode-se abominar tal arma de combate, que uma convicção dominará o leitor: a de que o escriptor era dos bons, dos que não fastidiam, dos que sabem prender na trama da narrativa a attenção mais rebelde á leitura. Romancista, elle daria de si muito e do melhor em matéria de satyra, como o deu Hilário Tácito. Mas, elle não foi apenas esse jornalista valente de tantas campanhas. Foi também poeta. E, como poeta, não compoz madrigaes nem epopéas, mas poemas satyricos como o fariam Tolentino e Gregorio de Mattos: "Vespeira", no prélo, revelar-nos-á essa face de sua intelligencia.

"Roupa Suja", "impresso, sem licença do Santo Officio, no mez de julho do anno da graça de 1923, na mui leal, catholica e governamental cidade de S. Paulo", já se encontra, em tão poucos mezes, na terceira edição. O que quer dizer que é obra de truz. O leitor, se a não conhece ainda, aprecie este trecho, colhido ás primeiras paginas do volume:

"A moral de meu pai, ao invés de mandar-me para a escola do



Partido Republicano, mandou-me para a escola do "seu" Vieira, em Sorocaba, onde aprendi as primeiras letras. Este "seu" Vieira era um homem como meu pai. Não acreditava muito em Deus, por lhe não poder, com bôa lógica, attribuir os desconcertos do mundo; mas acreditava ingenuamente na Virtude e, fazendo religião da Virtude, perdeu-me sem remédio, ensinando-me cousas que só me têm servido de transtornar a vida.

"— Sê sempre ativo, recommendava-me. A subserviência não é senão uma modalidade da irfamaia.

"E, quando eu, na minha incompreensão dos phenomenos sociaes, candidamente lhe notava que os "meninos aduladores" eram, no geral, os mais estimados, os que se lambiam com melhor sobremesa, os que obtinham melhores notas nos collegios, os que abiscoitavam mais prêmios no fim do anno, retrucava-me, com azedume:

"— Imita esses meninos e, depois, compreenderás que mais vale viver em paz com a consciência do que cumulado de honrarias. A humilhação interessada é de almas rasteiras...

"Primo vivere, deinde philosophare"! Tempos depois, quando logrei alcançar o sentido epicurista desta grande maxima, vi que o meu santo mestre, com os mais que rezavam pela mesma cartilha, estava destinado á justa execração dos futuros homens de bem da Republica, fazendo hypostase na gaiata figura que Eça debuxara na severidade do Conselheiro Acácio. Tive dô do "seu" Vieira; e procurei reagir contra a nefasta influencia que exercera na formação do meu character. Mas já era tarde. A tara da educação lá estava indelevel. Cada esforço que eu ensaiava para romper com os preconceitos hauridos na infancia, era um esforço vão. As rancidas sentenças do velho, placitadas por meu pai, reavivando-se-me r.a memoria, empeciam-me qualquer movimento para a libertação do meu espirito. E mais que todas me torturava esta prescripção horrivel:

"— Dize sempre a verdade, nua e crúa, que a hypocrisia, encolhida na dissimulação, é como a vibora que morde traiçoeira. Perde-te antes pela franqueza do que pela hypocrisia.

"Era simplorio o "seu" Vieira. Suppunha que, por ser hypocrita ou mentiroso, podia perder-se alguém. Simplorio e ignorante; porque, professor que sempre fóra, conhecendo a fundo as letras tanto sagradas, como profanas, deveria saber que, nestas paragens sublunares, muito mais medram os falsos do que os sinceros. De resto, não só para o bem proprio, mas até para o alheio, maior virtude que a Verdade é, ás vezes, a Mentira, como nos mostra o exemplo daquelle santo eremita, de que nos fala Bernardes. O qual, interrogado por uns soldados que iam r.a pista de certo fugitivo, destinado á forca, sobre se o tinha visto passar — tendo-o visto, mas não querendo denunciá-lo, por lh'o não soffrer a própria bondade, apontou, surrateiro, para dentro da manga do habito, e respondeu, os olhos no céu, como a invocar o testemunho do Altíssimo:

"— Por aqui não passou..."

Recebemos ainda as seguintes obras sobre as quaes opportunamente falaremos :

El divorcio y la religion, Carlos Alberto Codazzi, volumen IV, Editorial Nuevos Rurnbos, Buenos Aires, 1923.

Historia Natural, suas applicações á alimentação, commercio e industrias, por Emilia de Oliveira Freitas, professora cathedratica Municipal. Rio de Janeiro, 1923.



Tinieblas, cuentos de Elias Castelnuovo. Editorial Tognolini, Buenos Aires, 1923.

O ensino profissional, em torno de um projecto. Rio de Janeiro, 1923.

Poesie atlantiche, versos de Leopoldo Dé Rocchi. Casa Mayença, S. Paulo, 1923.

Castillos en el aire, versos por Carlos Maria de Vallejo. Editorial "Agencia Novidades", Santos, Brasil. 1923.

Aves viajeras, poesias por Alfredo Gomez Jaime. Bogotá, Libreria Santa fé, 1923.

El libro de la cólegiala, versos de Ildefonso Pereda Valdés. Editorial Renacimiento, Montevideo, 1923.

La casa iluminada, versos por Ildefonso Pereda Valdés, segunda edición. Editorial "Los Nuevos", Montevideo, 1923.

Almanach do Correio do Povo, 9.º anno, 1924. Literatura, sports, agricultura, actualidades, variedades, charadas, anedotas. Porto Alegre, R. G. do Sul. *

El traje maraviloso y outros cuentos a Chalito, por Arturo Lagorio. Buenos Aires, 1923.

Boletim do Musco Nacional do Rio de Janeiro. Director dr. Arthur Neiva. Rio, Imprensa Nacional, 1923.

Valorisacioncs, humanidades, critica y politica. Revista editada por el Grupo de Estudiantes "Renovación". La Plata, 1923.

Chacayaleras (impressions dei lacar) por Miguel A. Camino. Buenos Aires, 1923.

Problemas de educação nacional e de instrucção publica, pelo dr. Egas Moniz, da Academia de Letras da Bahia. Imprensa Officiai do Estado, Bahia, 1921.

Rosas malditas, drama em 4 actos, por Innocencio Romero, Off. Gr. da Liv. do Globo. P. Alegre, 1923.

Calidoscopio, versos de Flausina Rodrigues Valle. Typ. do "Diário de Minas", Bello Horizonte, 1923.

A ronda dos vicios, (livro da mocidade) por Jarbas Andréa. Typ. da "Revista de Petropolis", 1923.

Poeira de sonhos, por Pedro Vergara. Casa Editora Rotermund & Comp., S. Leopoldo, 1923.

Buenos Aires grotesco y otros motivos, versos por Pedro Herreros, Buenos Aires, 1923.

Lo senda pensativa, versos por Guilherme Stock. Libreria Cervantes, Buenos Aires, 1923.

Música en verso, por Mayorino Ferraria, ilustraciones de Romilda Ferraria. Imp. L. C. López & Comp., Buenos Aires, 1923.

Fénix, sonetos por Carlos E. Keymer. Santiago de Chile, 1922.

Marmóles y bronces, versos Alfonso Espino. San Salvador, Centro America, Imprenta Nacional, 1920.

Amar... e amar depois, poema por A. J. Veiga dos Santos. A. Campos, editor, S. Paulo, 1923.

El triumpho dei dolor, versos por Lins Mallol, Buenos Aires, 1923.

Las acéquiás y otros poemas, por Roberto Mariani, ilustraciones de Agustin Riganelli. Edición de la revista "Nosotros", Buenos Aires, 1923.



El himno de mi trabajo, cauciones, baladas, romances y poemas, por Ernesto Maria Barreda, Buenos Aires, 1923.

El indio ecuatoriano, contribución al estudio de la sociología nacional, por P. Jaramillo Alvarado. Imprenta de la Editorial Quito. Quito, Ecuador, 1922.

Ncfclibal, versos por Ezequiel Martinez Estrada. Editorial Tor, Buenos Aires. 1923.

O litro de Tilda, por José Vieira, edição do "Anuario do Brasil", Rio,

Oeio, poesias, por Pedro Gonzalez Gastellú. Edición de la revista "Nosotros", Buenos Aires, 1923.

Suplicados, versos por Julio Ferreira. Livraria do Globo, Pelotas, 1923.

Carne al sol, cuentos, Nicolás Olivari, Editorial Tor, Buenos Aires.

Páginas ao vento, contos de Lilia Coral. Ribeirão Preto, 1922.

Miséria, Leon Federico Fiel (Noel de Lara) Ediciones Sol, Buenos Aires, 1922.

Naturaleza, cuentos y relatos, de X. Jaime Molins. Estab. graphico "Cuenca", Buenos Aires, 1922.

El vertigo y otros cuentos, Arturo G. Mom. Buenos Aires.

Alta gracia, novela por Marcelo Peyrot. Editorial Self, Buenos Aires, 1922.

La vida victoriosa, novela, por Carlos Alberto Luman, Buenos Aires, 1922.

El matadero, novela por Ismael Moreno. Editorial "Selecta", Buenos Aires, 1922.

El divorcio y la religión. Editorial Nuevos Rumbos. Buenos Aires, 1922.

Castillos en el aire, poemas de Carlos Maria de Vallejo. Editorial "Ag. Novidades", Santos, 1923.

Inicial, revista de la nueva generación, redigida pelos srs. Roberto A. Covello, Brandán Caraffa, Roberto Smith e Homero M. Guglielmini, Buenos Aires, Anno 1, numero 1.

Sciência medica, revista brasileira de Medicina e ciencias affins, sob a direção dos drs. Arthur Neiva, Olympio da Fonseca Filho e Cesar Pinto. Rio de Janeiro.

Ariel, revista de cultura musical, dirigida por Antonio de Sá Pereira, ilustrada por Paim. S. Paulo.

A sericultura no Brasil, Ministério da Agricultura, Industria e Comercio. 6.ª edição, 1923.

Revista Agricola Ilustrada e Commercial Mineira, organ da Sociedade Mineira de Agricultura.

Um folheto celebre, ou o livrinho do coração, por André Jensen. 2.ª edição.

Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Director dr. Arthur Neiva.

Revista de la Universidad Nacional de Córdoba, director interino dr. Ernesto Gawer. Republica Argentina.





QUINZE DE NOVEMBRO

Numa das suas óptimas comédias, Aristophanes o letrado grego que foi cumulativamente irrisor, pensador, actor e auctor oomo, cerca de vinte séculos mais tarde, o foram o inglez Shakespeare e o francez Molière, sentenciou ser sempre "mais fácil cozinhar uma pedra do que abrandar a credor". Dessa sentença, concisa como um axioma e irrefutável como um dogma, não houve, que se saiba, appellação até hoje; como a recente lei de imprensa, entrou ella em immediato vigor affectando variadíssimos direitos e innumerous interesses. Na pratica, porém, lhe foi annexada uma observação sobremaneira accetivel: a de que mais persistente e exigente do que um credor, é uma credora.

Que o diga a Justiça da Historia! Inflexível, sençoeira-, documentadamente lógica, quanta vez ella revoga condemnações, desapprova apotheoses, reguiarisa encomios, derruba ídolos, destróe certezas e reclama glorias! A verdade é o seu programma, a prova é o seu dever. Panegyricos de hontem passam do silencio ao esquecimento; em compensação, quantos vultos deslembados, obedientes a súbitos reclamos da Justiça da Historia, começam a occupar, no applauso da posteridade, o posto que lhes compete!

Colas rehabilitado por sentença ditada pela generosidade intellectual de Voltaire; Royer-Collard reoolocando na fama e no respeito a memoria do pro-

prio pae; Barthez, o vitalista, resurgindo do quasi olvido e recebendo, na opinião dos scientisfas e na conaactnação da moderna sciencia, o acatamento correlativo ao seu mérito excepcional: são exemplos mais que frisantes de que a Justiça da Historia, quando credora, não perdoa, nem mesmo abate dividas. Quando cobra, recebe. Quando quer, não desiste. Exemplo ainda a referir — especialmente interessante á actualidade nacional, agora que os armamentos sul-americanos ensaiam o descarrilamento da via-ferrea de Assumpção a Santos — é o desse estadista Bartholomeu Mitre, alvo de nossas desconfianças durante a guerra do Paraguay e victima de nossas accusações de responsável pelos sanguinolentos desastres de Curupaity e Humaytá, mas que dia a dia, á proporção que os archivos diplomáticos esclarecem os factos da época, cresce no conceito dos brasileiros sinceros de coração e de competência por haver impedido que perdessemos, em 1865, as províncias fronteiras de Rio Grande e Matto Grosso.

Vieram-me ao raciocinio esses casos a proposito da importante data de 15 de Novembro e do olvido a que, desde mezes após sua entrada criteriosa e nobre nos nossos annaes de povo livre, foi ella gratidão da recente ex-colonia.

K' já tempo que isso acabe. Povos que se não orgulham do seu passado mal podem confiar no porvir que ambicionam.

Urge, quando menos em cortezia á



Justiça da Historia, urge repôr na preminencia que teve, e da qual só o erro conseguirá desthortalla, a grande data de 15 de Novembro.

Foi em 15 de Novembro de 1825 que L. João VI, integrandocom magnanima obediencia o espirito do tratado em que a metropole desanimada reconhecera, dezeseite dias antes, a independencia do Brasil, em carta cuja leitura jamais desaconselhei, declaradamente desistiu de suas posses, todas, no Novo Mundo. Dessa desistencia — ponto final ás apprehensões do nosso patriotismo numa phasinçada de estorvos — dessa desistencia que proporcionou á nossa autonomia o caracter de definitiva, quanta segurança, quanta tranquillidade o Brasil recebeu! A carta do velho rei ao moço imperador, do pai ao filho, encerrou difficil e perigoso ajuste de contas. A data de 15 de Novembro de 1825 incluiu nos fastos humanos a paz duradoura, desejada, lealissima entre dous povos irmãos. E' digna de estudo. E' digna de lembrança.

Falta-lhe o brilho da de 7 de Setembro; faltam-lhe^ mnegavSI mente, o entusiasmo tumultuoso da de 7 de Abril

e a sensibilidade collectiva da de 13 de Maio; não lhe é, porém, inferior no numero de resultados práticos e de germens, proveitosos porque productores do nosso funcionamento de nação livre. Muito foi o peso de sua influencia durante os noventa e oito annos que já nos separam delia. Em vespuras do seu inevitável centenário cital-a, e explica-la, celebra-la firmam attestados de civismo. Mereço-os? Parece que sim.

E' o que penso em data de hoje.

Martini Francisco

S. Paulo — 1923

P. S. — No meu ultimo artigo, no subtítulo "Aguapeby", pensei escrever: "A respeito dos doze mil e cem kilometros quadrados, etc."

Devolvo, portanto, ao território paulista as dimensões de suas terras devolutas, aliás já duas vezes assignaladas em anteriores artigos, e, não sei a quem, o accento agudo com que me iniciou a phrase. — M. F.

("Jornal do Brasil", Rio)

UMA CONFERENCIA SOBRE O BRASIL

O dr. Otto Maull, notável scientista allemão, a convite da Sociedade Brasileira de Geographia, realisou, ha dias, no salão nobre daquella sociedade uma conferencia muito interessante.

Filho da cidade de Frankfort, o dr. Otto Maull faz seu estudo ahi, em Munchen, Marburg e Berlim, tendo se especialisado em Geographia, Geologia, Historia e Philosophia, elementos indispensáveis para que seja possível abranger todo o dominio da vasta sciencia geographica. Teve para mestres e guias os conhecidos sábios Erich von Drygaslskis o Albert Penck.

Fez o estudo geographico sob o ponto de vista politico dos "limites bavaro-alpios" e mais tarde passou a investigar a fundo a região mediterrânea especialmente a Grecfã, tendo, sobre essas regiões, publicado vários trabalhos geomorphologicos e antrogeographicos. Estudou também a região de Marburg.

Em 1914 foi docente de geographia na Escola de Commercio de Munich: em 1917 a 1918 fez serviço de guerra como cartographo, sendo hoje professor extraordinário de geographia na universidade de sua cidade natal. Decidiu-se finalmente a vir ao Brasil para conhecer "de visu" uma região tropical tendo visitado no nosso paiz o Espirito Santo, Minas Geraes, São Paulo, Goyaz, Matto Grosso, além do Rio e Districto Federal.

Na conferencia a que nos referimos o sábio allemão se occupou primeiramente da Grécia, estudando-lhe a historia e a geographia physica e politica.

Acerca desse paiz, o professor Maull fez-se notar pela sua grande e solida erudição.

Quanto ao Brasil, que foi a parte mais interessante de seus estudos, analysou a evolução dos aspectos geomorphologicos das suas diversas regiões, mostrando como se



parecem todas as feições physicas da Serra do Mar, quer no Espirito Santo, como no Rio como em Santos. Foi até ao rio Doce, cujas florestas, percorreu até o rio Pancas. Na segunda grande viagem ao interior do Brasil, teve de empregar os mais variados meios de transporte, viajando em trem, a cavallo e a pé por aquellas regiões monotonas sob o ponto de vista physico, mas curiosíssimas quanto á geographia ethnographica que era o que mais o interessava nessa segunda viagem. Chegou ao rio São Francisco, passando por Bello Horizonte, Sete Lagoas, de um lado e até Goyaz de outro: voltando pelo Triangulo Mineiro para São Paulo, de onde então empreendeu a terceira excursão a Matto Grosso, indo a Corumbá e Porto Soares, na fronteira com a Bolívia.

Depois dessa excursão pelo nosso paiz, chega o prof. Maull á conclusão de que é no planalto central — e não no café — que o Brasil deve repousar suas seguranças. Só elle fará a ligação do Norte e do Sul, tão dissemelhantes sob tantos pontos de vista: só o Planalto Central poderá ser o solidificador da Unidade Nacional e da nossa hegemonia continental. E' que acolá existem as condições para que a região se torne um núcleo politico — ou como se diz em allemão — "ein politisches Kernland".

— Quem quiser comprehender o Brasil, exclamou na sua conferencia o sábio allemão, — precisa analysar a região central. A Serra do Mar é uma barragem que evita mais ou menos o acesso do mar,

como mostra a sua evolução geologica e a sua actual geomorphologia.

Passou então a detalhes sobre cada uma das zonas percorridas, evidenciando que a melhor ligação entre a Serra do Mar e o Planalto Central deve ser naturalmente por São Paulo. Em Minas é que o nosso "hinterland" (rêgio interior) se mostra mais accentuado em suas formas de zona mineira ao passo que o Oeste de Minas, o interior de S. Paulo, Goyaz e o Sul de Matto Grosso são muito mais monotonos, excepto perto de Aquidauana onde o relevo é um pouco mais notado. Ahí paisagens ha de enorme extensão, destinadas a um evidente desenvolvimto futuro, mas vastas de mais para poderem ser exploradas de modo intensivo. No Oeste, estão as terras de que mais pode esperar o Brasil.

Seria falsa, diz ainda o prof. Maull, a explicação que se quizesse dar justificando o desenvolvimento anthropogeographico e as possibilidades de progresso do Brasil unicamente nas formas geomorphologicas. Foi por isso que dei grande valor ao reconhecimento das formações vegetaes que são indícios seguros de um possível desenvolvimento agrícola. O terceiro grande é o homem — disse. Este mereceu-lhe também uma acurada observação.

E, concluindo a parte da sua conferencia sobre o Brasil, diz acreditar ter a chave de muitos dos nossos segredos geographicos baseando-se nos estudos a que se entregou na região mediterrânea e seus effeitos sobre o homem.

("O Estado de São Paulo")

A PROTO-MARTYR ACADEMIA

Em toda parte, as Academias são victimas da irreverencia letrada.

A nossa é um thema constante do "humour" do jornalismo.

A Academia defende-se dessas coarctadas com a lisonjeira fabula de Phedro:

Nondum matura est

A defesa é excessiva, porque a vinha académica nem por fabula dá vinho generoso, e, quando muito, pode gabar-se de um carrascão encorpado, que enton-tece e emborracha as raposas famintas.

O exame imparcial das coisas convince-nos de que na Academia ha culpável excesso de expoentes como na literatura, cá fóra, ha exaggero de pretensões descabidas.

No Brasil, a literatura, por enquanto é uma funcção inactual, sem meios para sua finalidade civil. O melhor delia é imprensa e jornalismo no que tem de visível e aproveitável.

Os homens que escrevem livros, cultivam certo amor-proprio de superiorida-



de; equívoco tão desastroso como o da superioridade acadêmica que só embauca os papalvos.

Nem uns nem outros resistem ao mais leve exame.

Escrever é apenas a ocupação dos que não dispõem de outra eficiência.

Em geral, na maioria, pelo menos, os nossos homens da penna não passam de seres intemperantes, tagarellas indiscretos e incontinentes, que se propõem influir no curso dos acontecimentos. São críticos voluntários da política ou das letras, que ganharam certa elegância automática da expressão.

A sua literatura delles é um sacerdotício ou uma picareta; quasi sempre é sacerdotício por que a picareta exige certo allôr de braços e de embocadura.

Esse idealismo forçado é sempre um "pis aller", uma achega economica comparável ao silencioso "jeton" de certa companhia letrada.

Do lado opposto, o academicismo é uma literatura larvada e subentendida, sciencia occulta, divina e imperceptível. E' o melodioso "jeton" sans paroles".

Grande coisa ser acadêmico! e por essa gloria ferve o odio, inventam-se pendencias gratuitas, apparecem e desaparecem os Renans (!) incríveis que soffrem de almorreimas, coisa funesta mesmo a um Renan tropical. Com os seus sphincteres desgovernados oompromettem a bonhomia inalteravel do modelo francez que ridiculamente adoptaram.

De que accusam a Academia?

Accusam-n'a cá fóra (e até exdruxlamente lá dentro), de não escolher verdadeiros homens de letras...

Ora, esta escrupulosa academia dos quarenta, não conta, sequer, dez literatos, no sentido proprio da palavra.

E' certo que ha ali quarenta formosass possibilidades, algumas em estado nascente; mas o literato profissional, é um secundário elemento naquella companhia, e é, talvez, o ingrediente menos desejável.

Quanto a mim, que presumo ficar desclassificado, não tenho receio de votar num ministro com ou sem livro de ver-sos ou sem algum romancete mediocre.

Os homens de Estado, sob o estado de sitio, não me podem fazer maleficio algum. É muito pelo contrario, dos proprios literatos, é que tenho apanhado alguns respingos dentro da ordem e das garantias constitucionaes.

Isso vae como resposta á jovial perversidade de um folliculario que não li, mas entrevi por uma referencia do "Correio da Manhã", de que eu voto sempre em qualquer candidato que leva para a Academia uma pasta ministerial.

A perversidade é ainda maior, quando me attribue a intenção de lançar o des-crédito sobre a Academia e promover a dissolução do cenáculo.

O caso, sendo pessoal, não tem importância; mas, em verdade, é muito geral. O Ministros têm tido sempre mag-nifica votação. Não ha exemplo de ministro derrotado nem malferido nesses pleitos. Tanto pôde o meu voto!

O grupo reduzido e incoherente que na Academia, por vezes, cultiva a "literatice" incondicional (sem, aliás, represental-a na opinião commum), finge-se indignado, mas, na occasião da prova, põe sebo aos calcanhares, e os que ficam de resistencia, não passam de dois ou tres que, em todas as catastrophes, são sempre os bastantes para contar a historia...

Entretanto, é louvável a independencia mesmo quando não passa de falsa carêta de independencia.

Com boa exegese, chega-se á conclusão de que em taes casos a unanimidade é real, a máo grado das apparencias...

A's vezes, a entrelinha diz mais que o texto.

Eu não comprehendo que se possa hostilizar um ministro, por ser ministro; seria estupidez monstruosa e inqualificável.

Se nelle concorriam as qualidades que distinguem os intellectuaes, claro está que mereceu o premio que lhe deram.

Mas, entre nós floresce uma planta cheia de perfumes e de vaidades. E' a da literatura improfissional.

Literatura?

Ou "literatice?"



Fantasia, imaginação, versos, prosa de estylo, contos, novellas, romanes, dramas, comedias, pairam acima de todas as coisas.

A Academia, que está abarrotada de notável jurisprudência, medicina, folhetins e não sei que mais, não possui decentemente o direito de estimular qualquer resistencia em favor da literatura que ali brilha por eclipse parcial ou total.

O caracter e a feição que me parece dominantes na Academia, não é, sequer, a intellectualidade, é o mundanismo.

Não faço aqui censura alguma, verifico apenas o facto.

Nos últimos tempos tivemos sessões ornadas de lanterna magica, visitas diplomáticas, discursos de intercâmbios, sem falar nos chás com torradas; e dado o elogio á indumentária, feito pelo meu collega Augusto de Lima, presumo que falta apenas um passo para cairmos no tangô, no fox-trot, no "rag-time" e no delicioso "schimmy".

Não danço (felizmente para os outros), mas na qualidade de amator do "folk-lore" nacional suggero o "maxixe" e o "cateretê", já lacrimosamente estilyzado por um acadêmico.

Essa verdade da alteração de antigos hábitos pôde ser, talvez, um progresso que excede a minha cegueira...

Uma verdade é patente. Cada vez mais o poder é o poder, o dinheiro é o dinheiro, e a posição social é a única que nos premune contra o desequilibrio e a queda.

O mundanismo é o indice desse estado d'alma.

Mesquinha indigna de homens de espirito é collocar acima dos discursos politicos e dos relatorios officiaes o caqueticinho livrinho de versos ou alguma novella desenxabida e vagabunda.

Se a questão é do sentulo proprio e exacto das coisas, não temos Academia porque não temos literatura.

Se a França escolhe quarenta, o Bra-

sil sem immodestia poderia escolher quatro.

Mas, como acreditava Nabuco, o metro académico é um só e invariavel.

E, se concessivamente temos qualquer literatura, ostão-lhe fechadas desde muito tempo as portas da Academia elegante e mundana.

A ellas têm batido os nossos poetas, que não alcançam mais de tres ou quatro votos displiscentes, talvez sem collocação util. A ellas bateu, ao que disseram, por ahi, o maior dos nossos romancistas, que logrou "um voto único"!

Muita da nossa literatura não passa de certo narcisismo doentio e desordenado, quando não resulta de algumas daquellas cócegas de fogagem espiritual. Essa brotoeja é essencialmente anti-academica.

A Academia, emfim, é uma das filiaes do "High-life" carioca; tem ella apenas o defeito de conservar por misericórdia alguns seres antiquados e inadaptaiveis ao novo teor do cenáculo.

Esses fosseis, com grande gáudio da companhia, mineralizam-se tranquillamente, e, graças a Deus, estão por pouco.

Porque não perdoar a esses que pertencem mais á sua geologia que á sua historia?

O de que a Academia necessita é definir-se claramente, como o logar geométrico, que é já, dos trezentos de Gedeão, em disponibilidade.

Todas as nossas instituições estão a reclamar reverendissimas reformas e eu creio que a primeira revisão a fazer no regimento académico (e já foi tentada por uma das columnas do tabernáculo) é a da eliminação summaria dos palradores descontentes.

Respeitamos e amemos a Academia pelas suas altas virtudes frumentarias. Ella dá o "jeton" alimenticio que refresca os mais fartos, e aos mais famintos parece bem melhor que a pouco azotada immortalidade.

João Ribeiro.

("O Jornal". Rio)



JOAQUIM NABUCO E MACHADO DE ASSIS JULGADOS POR GRAÇA ARANHA

Sobre a correspondência entre Joaquim Nabuco e Machado de Assis, que a família do nobre diplomata e estadista resolveu dar à estampa, escreveu Graça, em admirável prefácio, algumas páginas que devem ser pesadas e meditadas pelos homens novos do Brasil.

Graça Aranha tem o privilégio, em nosso país, de não pertencer exclusivamente à sua geração, de não se haver estratificado na rocha inerte dos preconceitos de um momento determinado, como a generalidade dos nossos escriptores. Seu espirito possui a frescura das águas livres e eternas, pois, no turbilhão das formas encontradas, sabe orientar-se generosamente, "dominando a matéria universal". Graça Aranha é, em si mesmo, na larga expansão do seu rythmo criador o mais bello espectáculo da intelligência brasileira contemporânea. É o único homem, entre nós, que vive realmente as suas idéas que as representa, que vai, por ellas, ao encontro do sacrificio, que não as esconde, por temor ou calculo, e as joga, apaixonadamente, no tumulto das coisas.

Desde o "Chanaan", a sua trajectória é um só impeto. Impeto de energia, de força concentrada, que não se desvia do objectivo, e não diminua a velocidade inicial, para conservar intacta a velocidade restante. Nelle, o artista se desdobra no plúctico. Pareça-lhe, embora, artificioso, nem por isso será menos verdadeiro tal juizo. Filho do norte do Brasil, descendente, portanto, da aristocracia que formou o esqueleto da nossa raça, que lhe deu resistencia e solidez, não poderia seu inconsciente desligar-se dos elementos imperativos que o geraram. O que nos depára a sua obra não é somente a penetração esthetica, mas também a fé, não é apenas o estylo, mas a irradiação do génio poético.

Apesar da admiração literaria que lhe vota, não pôde Graça Aranha nutrir ardente sympathia pelo desencantado engenho de Machado de Assis. A indecisão, a timidez, o desconsoo fácil dos que se contentam com as raízes amargas da ex-

periência, o temor, a resignação, o espanto da realidade, eis o que elle condemna e repelle. Graça Aranha tem horror aos que negam. A Renan, a France, a Thackeray, a Aristophanes. São esses os que mais facilmente se submettem, os que se alimentam daquella desarticulada ironia, mas humilhante que a escravidão.

"O humorismo e o sarcasmo são coisas passageiras. Pertencem a uma época, vão-se com ellas. . . A sorte dos escriptores humoristas é precaria. Só pelo génio se libertam do esquecimento. Ou ás vezes é o assumpto que mantém imperecíveis as obras satíricas ou humorísticas. Se o theatro de Aristophanes ainda nos interessa não é pelo que ha nelle de satira, mas porque o assumpto é a sociedade de uma Grécia immorredoura e os personagens são Sócrates e outros da mesma projecção. Nas satiras de Juvenal reflectem-se os costumes de Roma: são documentos da historia intima de uma grande civilização. Voltaire não envelhece no "Candide" e no "Ingénu", porque a satira é de ordem tão geral e tão humana, tão profunda e tão fresca sobretudo que é uma alegria permanente. Swift também allia ao seu "humour" uma satira tão genial e pittoresca que a eterniza. Ao passo que mil outros humoristas foram-se, como Thackeray com a sua famosa "Vanity Fair". EW de recejar que o mesmo aconteça com Eça de Queiroz, cujo humorismo é de uma certa época, de uma certa terra, de uma certa gente. Não será entendido em outra época, em outras terras e por outras gentes. O espirito de Machado de Assis é mais geral, mais humano, porém, não tão intenso que perdure. A's vezes, falta-lhe graça ao "humour" e nada mais mortífero que a insipidez. Um titulo como "Dom Casmurro" traz a pretensão de impressionar ironicamente, mas, sem sabor, não faz rir nem chorar."

O pensamento de Graça Aranha está voltado para a acção. A sua "Esthetica da Vida" é um conselho para criar, para transformar a substancia de realidade em valores affirmativos e práticos. Porque práticos, perguntarão? Porque elle faz da



vontade o eixo de todo o seu systema. Que é o "Chanaan", por exemplo, se não o poema da vontade? Ha, ali, uma raça ameaçada, colhida de improviso, na phase embryonaria dos primeiros caldeamentos, por elementos perturbadores da sua formação normal. Do proprio perigo, entretanto, sêem as armas para combatel-o... O artista não se satisfaz com a plasticidade infinita do espectáculo universal, mas intervém neste, a cada passo, plasma-o voluptuosamente, sonda-o, penetra-lhe os segredos mais íntimos, até sobrepujal-o, transformando-o num instrumento capaz de obedecer ás energias que o devem dirigir".

Tia no "Chanaan", como na Tavola Redonda, na Canção de Rolando ou na Divina Comedia, além do interesse artistico, um fundamental problema humano e sociologico. Desenha-se, ali, o conflicto do homem antigo, preso a categorias moraes e religiosas, com o homem moderno, acima do bem e do mal, producto ainda informe das massas volúveis, em busca de novas formulas de fixação. A moralidade dessa fabula transcendente é clara, é a mesma que se encontra na "Esthetica da Vida", é a mesma desse tão profundo quanto incompreendido "Malazarte": vencer a natureza pela intelligencia. Ora, está aqui a superioridade manifesta de Graça Aranha sobre todos os nossos escriptores de ficção. O alimento do seu estylo é a própria vida. Seu estylo não se baseia na ossatura rija do raciocínio nem na carne palpitante da imaginação. Equilibra-se entre esses dois factores, realizando o milagre de uma arte que é, ao mesmo tempo, activa e contemplativa.

Para não recorrer a outras fontes, basta, afim de apoiar as minhas considerações, revelar certas passagens desse prefacio mencionado, em que, por vezes, teu espirito projecta, na rembrandtesca penumbra que atravessamos, uma luz pura e promissora. Deante de Nabuco e Machado de Assis, Graça Aranha esquece os indivíduos, para justificar, pela excepção, a regra geral. "A essencia intellectual de Nabuco provém das suas origens e é por isso que nelle se accentua, mais do que o artista o pensador politico. E' uma tradição espiritual que elle conserva e eleva a um grão superior, ainda que a essa vocação absoluta se allie a

tista absoluto e exclusivo; a sua atração pela historia e o culto do passado são manifestações de um temperamento politico. Nos estudos historicos Nabuco considerava sobretudo a evolução social, a directriz politica das sociedades. Herdou do pae o amor da perfeição, o gosto do conceito, a formula expressiva e graphica, a que elle ajunto» a modernidade do espirito, a curiosidade cosmopolita, o sabor da xiovidade e o ardor romântico.

"Machado de Assis não tem historia de familia. O que se sabe das suas origens e impreciso; é a vaga e vulgar filiação, com inteira ignorância da qualidade psychologica desses paes, dessa hierarchia, de onde dimana a sensibilidade do singular escriptor. E por isso accentua-se mais o aspecto surpreendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Ha um encanto nesse mysterio original, e a brusca e inexplicável revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto attractivo que sentimos por tão estranho espirito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? Que legados de gênio, ou de imaginação, recebeu elle? Ninguém sabe. De onde essa amargura e esse desenoanto? De onde esse riso fatigado? De onde a meiguice? A volúpia? O pudor? De onde esse enjão dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psychologica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser attribuida ao estudo, á observação própria".

Quereis, agora, a explicação politica e socioologica do antagonismo entre esses dois grandes homens do século passado? Entre o que, ante o escravo acuada, se commove e se apieda, ainda infante, na fazenda solarenga, e o que ri do sofrimento humano, e sopra, como bolhas de ar, as almas inquietas? Eil-a:

"O heroísmo de Joaquim Nabuco foi o de separar-se da aristocracia e fazer a abolição. O heroísmo de Machado de Assis foi uma marcha inversa, da plebe á aristocracia pela ascenção espiritual. Ambos tiveram de romper com as suas classes e heroicamente affirmar as próprias personalidades".

Graça Aranha, nota-se bem, prefere o



sensibilidade artística. Elie não foi ar-heroísmo de Nabuco ao de Machado de Assis. Por que? Por estar mais de acordo com o seu génio político. O heroísmo de Nabuco é uma afirmação generosa do espirito que, numa synthese arrojada, submete todos os factores secundários á idéa principal. Fazer a abolição seria salvar o Brasil, moralmente, mas talvez perdê-lo, materialmente. Nabuco, entretanto, fecha os olhos aos argumentos economicos, para só ver os psychologicos. A paixão foi a sua lógica.

Machado de Assis, ao revés, é o heróe do desdém. Seu heroísmo é o do ser que se compara, mas não se considera. E' o homem que analisa, e a analyse é uma opração atrevida, onde a physionomia das coisas se decompõe tristemente. Machado de Assis verifica, e sorri. A lógica foi a sua paixão.

Graça Aranha viu nesses dois heroísmos a própria tragedia da nacionalidade, pois, a ambos faltaria uma condição que se lhe afigura indispensável ao homem brasileiro: o sentimento da liberdade infinita, o desejo de provocar o destino C viver perigosamente. Ehes não quizeram "transportar os baluartes da fé religiosa e da duvida metaphysica. Não foram possuidos da tentação de ser Deus, não gozaram a aspera volúpia de criar o Universo, de commandar e serem obedecidos, de pesar sobre os destinos humanos. "Mais uma vez se observa, aqui, a marca do homem de acção cujo pensamento procura converter-se em actos, em forças que vão fecundar a realidade.

Ninguém definiu melhor esse pensamento, transformando-se em energia criadora, do que o autor da Esthetica da Vida nesta pagina, que é, simultaneamente, agua-forte, pela agudeza dos contornos, baixo-relevo, pelo volume da imagem, e symphonia pelo aereo rumor do rythmo. E' a legenda de uma raça, o que se lê nestas linhas soberanas, onde a historia deixa de ser descripta, para viver no movimento perpetuo do ímpeto vital: "Foi no Castello de Hatfield que lord Salisbury ao demittir-se de presidente do conselho, por occasião da coroação do rei, quando entendeu chegada a hora da retirada, fez as suas despedidas á sociedade e á politica, num "garden-party", a que convocou a Terra inteira.

"Hindús reluziam como enormes be-souros. O Castello estendia perfidamente a sombra negra sobre as mulheres, que escapavam á obscuridade atraídas pela fascinação da luz, onde os seus vultos esguios de galgas inglezas vibravam translúcidos. Não faltou ao festim a porcellana chinesa. Cabeças de mandarins, surgindo de uma apothose de sedas e de pinturas, oscillavam como pêndulos aborrecidos. Os occidentaes, em trajés monotonos e funerários, infestavam a alegria das formas e das cores. Mas sobre o gramado indeciso Ras Markonen, abyssinio faiscante, de cannella fina, dentes agudos, barbinha em caracol, segurando a adaga, arrebatava tudo para o deserto, numa correria louca de cavallos arabes. Os escossezes não cavalgavam nessa imaginação, ficavam, como grandes meninos de saiotos escossezes, bo-nézinho capadocio, a tocar pifano. O velho lord assentara-se á sombra do Castello, cercado de chérubins inglezes que eram os seus netinhos, e presidiu aos seus antefuneraes. Desfilaram as gentes familiares e as gentes estranhas, principes, princezas, lords e ladies, atrizes e clowns, diplomatas e traficantes; desfilaram roxos monsenhores, brancos cheiks, variegados marajahs, negros pagés da Africa. E o velho avô misturava a sua infantilidade octogenaria á curiosidade inquieta e séria das crianças. Era um magnifico e raro divertimento inglez, em que se brincava com o mundo inteiro e os bonecos eram variados e singulares. Cafres de cabellos tintos de ouro, atados com immensos pentes de tartaruga, invadiam o Castello com vacillantes passos infantis... Os Cafres sorriram para os meninos de lord Salisbury. Estes approximaram-se e arriscaram os niveos dedos na negra pelle africana, espantados de não ficarem tismados. O folgado com as crianças despertou nos negros os ancestraes appetites cannibalescos. Os dentes ficaram-lhes mais brancos de desejos estranhos. Os dourados chérubins sentiram a gula preta e aconchegaram-se ao avô. O olhar do urso inglez, diante do ataque, relampejou. As duas selvagerias, a da terra branca dos gelos e a da terra rubra do sol, enfrentaram-se. O olhar inglez enfureceu-se. Os negros recuaram e recolheram o riso. O velho Marquez de Salisbury sorriu nos seus dentes postiços. As subjugadas gentes continua-



ram a adormecer na incommensuravel bea-
titude britannica".

Ha, em tal painel, o movimento de Michelet, do Michelet que descreveu o despertar das communas, no século XIII, r as lutas normandas do século XV; e naquelles "dentes postiços de lord Salisbury", o sal de Carlyle, do Carlyle cruel da *Revolução Franccza*. Mas a combinação dessa dôr e desse riso, dessa piedade e desse sarcasmo só a intuição politica do artista seria capaz de conseguir. Essa intuição politica, própria dos grandes criadores, é o fermento activo da ima-

ginação energica de Graça Aranha. Eis porque a sua metaphysica é o mais bello instrumento para comprehender e amar a realidade. Por essa metaphysica está elle mais perto dos homens que affirmam, e, portanto, de Nabuco, de que de Machado de Assis, o mais caprichoso e insinuante dos homens que negam. Entre Rabelais e Montaigne, Graça Aranha ficaria com o riso numeroso de Gargantua, com a vida, em summa.

Ronald de Carvalho.

("O Jornal", Rio)

AMOR A' NATUREZA

Escreve-nos o sr. Rodolpho von Ihering:

"Os reparos feitos ultimamente em torno da questão — Dendroclastia — puze-ram mais uma vez em evidencia quanto é diminuto, para não dizer nullo, no espirito brasileiro, o que se costuma abranger sob a denominação "Amor á Natureza".

Historicamente o facto se explica de modo muito simples e, comprehendida esta causa histórica, não ha razão para recri-inações.

Eis, em poucas palavras, o que motivou a actual indiferença.

Os portuguezes do tempo do descobri-mento, ao aportar aqui, fortemente se impressionaram com as maravilhas da floresta tropical — elles que vinham da reg'ão do frio e da parcimônia. Quando emprehenderam . as primeiras incursões ainda se extasiavam, ás vezes, diante da riqueza florestal, mas, para seus intuitos de exploração, uma região menos selvagem lhes teria facilitado muito a tarefa. Já transparece portanto um motivo de certo rancor contra o gigantesco emmara-nhado de troncos e cipós.

Os descendentes destes forasteiros ti-veram de sustentar lutas omnimodas — contra o selvagem, contra as feras e, por serem os melhores alliados de todos estes inimigos, contra as próprias florestas. A moradia precisava ser rodeada de amplas clareiras: as plantações medravam melhor nas terras recém-desbastadas — emfim tudo obrigava o colonizador a diminuir sensivelmente o gigantesco manto verde,

que lhe tolhia o horizonte e o êxito na luta.

Por fatalidade nossa a melhor terra para o café é justamente o viveiro das perobas e dos jacarandas; estes naturalmente cedem o espaço que a mina de ouro paulista requer.

Habitou-se, pois, o povo a raciocinar da seguinte forma: a floresta dá abrigo aos nossos inimigos e portanto, avançando resolutos de machado em punho e invocando o auxilio do fogo, não só desalojamos o contrario como preparamos a melhor terra para colheitas abundantes.

Quem tem um programma assim traçado e quer vencer, não se detem e não serão os cipós do sentimentalismo que lhe embargarão o passo. Arvores bellas, grandiosas, seculares — que importa? O machado precisa vencer!

Aos descendentes de tal raça de lutadores naturalmente não coube na herança o minimo quinhão de amor ás arvores. Ser da linhagem dos Anhangueras, Gagos ou Borba Gatos significa, senão desprezo, pelo menos orgulho de vencedor para com a barreira verde. Além disto o brasileiro de hontem, acostumado desde a infancia á riqueza e á opulência mesmo das manifestações grandiosas da flora e da fauna, acabou por considerar essa mesma opulência como coisa naturalissima.

Muito outro é o pensar do europeu, do ziorte principalmente, daquelle que desde a infancia ouviu contar e soube depois pela

experiencia, que sem a arvore não se passa o inverno o que, para a ter no futuro, é preciso plantal-a. A influencia dos fceculos passados nesta luta contra o frio, tendo a floresta como alliada, ditou o provérbio de que "a floresta é o manto do pobre". Ajudado por uma propaganda cada vez mais intensa e intelligente vae-se enraizando no espirito do povo a verdade de que "não se deve cortar uma arvore sem ter plantado dez". 33 aos que não se persuadem, a lei obriga a agir de accôrdo com o interesse da comunidade.

A melhor prova dessa grande diversidade entre o brasileiro (digamos melhor, do tropical) e o europeu (ou habitante das regiões de neve e gelo) no modo de sentir a Natureza temol-a diariamente no Corcovado ou nos planos inclinados da Serra do Mar — o forasteiro extasiado a contemplar a nossa "natureza"; e é principalmente o manto sempre verde, revoltado, grandioso, que o empolga e as abobadas gigantescas com seus ornatos superabundantes de epiphytas e seus entrelaçamentos de mil modos variados; e esse verde que é tão nosso e que, bem analysado, revela todas as gammas do arco-iris e no emtanto é verde, de um verde tão diverso da mesma côr, mas uniforme e sem nuanças, dos pinheiraes ou dos soutos, constituindo povoaementos florestaes, utilíssimos, porém pouco emotivos.

Perguntamos agora: podemos permitir que subsista a influencia herdada do conquistador, do desbravador do sertão?

A resposta, por mil motivos, é evidente.

Na larga facha do nosso territorio, onde a população se adensa e onde a cada momento surgem fabricas com seu núcleo de operariado e sua inevitável necessidade de combustível, devemos agora, muito ao contrario do explorador, conservar e defender a riqueza que a arvore nos proporciona. Um compendio, amplo que fosse, não abrangeria todas as razões que o autor deveria invocar, baseando-se em preceitos de hygiene, de hydrographia, de climatologia e de economia.

Como, porém, conseguir a modificação deste modo de sentir innato, desta herança, repetimos, dos Anhangueras, cujo san-

gue corre nas veias dos governantes de hoje? Tão diminuta e lenta é a infiltração de sangue propicio (de clima frio) que não será desta forma que se poderá operar em tempo util a transformação desejada neste sentido.

Só a "Escola" nos poderá valer. Só ella, pela sua influencia exercida sobre o espirito infantil, desde a mais tenra idade e usando carinhosa insistência ao invés de simples acção persuasiva ou mero ensinamento.

E' ridiculo até, esperar resultado de um "arbor-day", isto é, de um acontecimento annual a que a criança assiste tres ou quatro vezes em sua vida escolar. Sem outro preparativo fazem-na tomar parte numa festa cuja significação para muitas delias vae pouco alem do "não ha aula", e depois tudo passou. Para o anno, nova festa — outra vez alguns momentos com recitativos e quando muito uma conferencia (arte oratoria, até) e novo olvido.

Persistem as arvores plantadas, dirão.

E' contraproducente, ás vezes, dizer a verdade; arrisquemol-a comtudo: vimos taes arvores; as que evidenciavam carinhoso trato eram... pés de café! Sim, elles lá estão, plantados no "Dia da Arvore"; digníssimos symbolos do trabalho, da riqueza que este proporciona, homenagem portanto ao vegetal util. Mas será exactamente isto que deve significar o "arbor-day"? Neste caso o "Dia das aves" é obrigado a gallinha... de papo cheio.

Se tudo esperamos da acção salvadora da escola, devemos escolher com habilidade os melhores estratagemas didácticos, visando sem o mesmo objectivo e usal-os de modo variado, afim de que inconscientemente a criança torne suas as idéas do mestre.

Não faremos aqui a enumeração de taes estratagemas, mas não nos furtamos ao prazer de relatar um delles, usado por um distincto professor (F. L.) hoje mercedamente elevado a categoria muito superior no ensino. Em horas de recreio elle "brincava" com os alumnos de "Tempo será" e quando chegava a vez de "Onde o sr. mestre nos mandar iremos todos com gosto" elle pedia que lhe buscassem no campo uma folha sagittada, cordiforme ou lobada; ou seria vencedor quem,



primeiro voltasse com uma flor labiada ou papilionacea.

A correria, a espezteza e "também" (como se fosse incidentemente) a applicação dos conhecimentos adquiridos em classe, faziam daquillo um divertimento constantemente reclamado.

Se taes entretenimentos, variados, mas tendendo sempre para o mesmo fim, não conseguem despertar na criança qualquer sentimento de aproximação entre o homem e o vegetal, é porque tal criança é de natureza apathica e quando crescida, também a patria nada poderá esperar de sua actividade.

E' sem duvida esse o caminho a seguir.

Antes de tudo urge, no emtanto, apparelhar as escolas para que ellas possam corresponder a esta orientação pedagogica.

Onde porém o material didáctico indispensável? Antes de tudo, qual o livro em que o professor possa reavivar a memoria? Se elle quer falar do Jacarandá, ou se pretende buscar informações mais detalhadas sobre qualquer mamífero ou passaro nosso, ou sobre o mosquito ou o "barbeiro", a que autor recorrerá? Talvez nas escolas centraes encontre algum livro; mas quantas vezes o bello compendio, tratando minuciosamente de tudo quanto é estrangeiro, se limita a dar o nome scientifico da excelsa especie brasileira e portanto nada valeu a busca e, pelo contrario, só conseguiu desencorajar o professor bem intencionado.

Os grandes grupos do interior, para não falar em escolas menores, estão inteiramente desprovidos de qualquer auxilio literário que neste sentido se preste a uma consulta rapida.

K applicando critica severa, devemos ainda condemnar algum esforço empregado por autores nacionaes, que emprehendam a elaboração de livros didácticos desta categoria; é preferivel não ter livros na estante, a tel-os inçados de erros.

Para o uso dos alumnos nada temos, bem adequado, que favoreça esta orientação biologica. Iyivos de leitura em que sobressaia essa mesma directriz, devem ser escriptos á mão de boa base de conheci-

mentos da matéria, para que se evitem erros palmares, como os temos lido, e para que seja dado o necessário relevo ao que de facto é util e digno de ser gravado na memoria infantil. Carregando um pouco nas cores, facilmente se deturpa a compreensão geral, vindo a impressionar mais o que deveria figurar apenas como accidental.

Outro material didáctico, que as escolas modernas não podem mais prescindir, são quadros coloridos, onde, em se tratando de biologia, figurem em grandes dimensões os especimenes typicos a que o professor deve alludir em suas conversas com os alumnos. Voltando ao "brinquedo" acima alludido, é obvio que o professor, antes de encaminhar o ensinamento para a pratica no campo, teve de explicar aos alumnos o que seja uma folha cordiforme ou lobada e quaes as plantas que as possuem. Aquelle, como emerito desenhista, prontamente esboçou os contornos na lousa — mas nem todo bom professor é bom desenhista e além disto nunca o desenho a giz equivale a uma boa lithographia; sem falar no tempo precioso perdido.

Ainda aqui a mesma observação quanto á deficiencia do que se encontra á venda. Da França importam-se quadros cuja perfeição commercial vae até os dize-res em portuguez — nullo porém é o seu valor didáctico para nós, pois das 10 ou 15 especies representadas em cada quadro, apenas 2 ou 3 são brasileiras ou sul-americanas e quanto ao texto... o melhor é dar alguns exemplos: papagaios e gallinhas são mencionados como "passaros" (oiseaux), o nosso Tamanduá figura com a legenda "Formigueiro", o Sagüi passou a ser "Mico", etc., etc., cm abundancia tal que a quasi cada uma das especies brasileiras vem a caber um ou dois erros desses.

D é sabido quanto é perigoso deixar perceber aos alumnos que o compendio contém erros; a criança logo generalisa e o desprestigio é fatal e irremediável.

Ao Estado de S. Paulo cabem as honras e também os encargos de "leader" da agremiação brasileira. A sua instrução



está servindo de modelo á dos irmãos menores e o que o nosso Estado conseguir para si, não tardará em ser levado, em copia mais ou menos fiel, para o Norte « para o Sul do vasto territorio, povoado

por brasileiros patriotas, mas que não sabem ainda amar a nossa incomparável Natureza".

("O Estado de S. Paulo")

PROBLEMAS SUL-AMEUCANOS

A proposito dos "Problemas americanos", do nosso collaborador sr. dr. Alberto Seabra, publicamos estas duas cartas que valem por um attestado de valor daquella obra:

Rio de Janeiro, 28 de Novembro de 1923

Sr. dr. Alberto Seabra,

Saudações cordiaes

O livro "Problemas americanos" com que a sua bondade me honrou, enviando-me um exemplar, é desses que não se lêem, sem experimentar a benefica influencia das idéas generosas, da elevação moral, da confiança nos destinos humanos, a que elles dão vigorosa expressão. E, se o leitor é, como eu, jurista, mais do que a qualquer outro lhe ha de falar ao espirito a eloquência, com que o livro salienta a sagrada função social do direito. Por isso, me conte entre os que mais fortemente sentiram o valor de suas predicas leigas.

Não vale a pena dizer-lhe até onde vae a nossa communhão de pensamento quasi completa na parte politica internacional. Mas faça votos, como americano, que não

exclue os Estados Unidos do Norte, como brasileiro, e como homem, para que ninguém de idéas de justiça internacional que o bem propaga.

Do patricio e admirador

Clóvis Bevilaqua.

Rio, 25 de Nov. 1923.

Caro collega sr. Alberto Seabra.

Muito me commoveu a sua gentileza, em enviar-me os dois preciosos mimos da "Alma e o sub-consciente" e os "Problemas sul americanos".

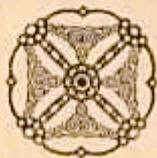
Muito aprendi lendo as substanciosas paginas, mórmente do segundo dos dois livros, naturalmente pelas novidades que encerra.

Quero aqui testemunhar-lhe a minha admiração com os agradecimentos que lhe devo.

E* menos ao doutor em medicina e muito mais ao homem de letras que envio as minhas saudações.

Do collega obrigado.

João Ribeiro.





NOTAS DO EXTERIOR

RECORDAÇÕES MEDICAS DO JAPÃO

A "Sciencia Medica", no presente artigo, rende sentida homenagem ao grande povo do Oriente a braços com a immensa calamidade que o enluta em consequência do terremoto que tão grandes destruições occasionou.

Por suggestão de collegas e que veio justamente ao encontro de nossos desejos, traremos o concurso de algumas observações pessoasas feitas não ha muito por um de nós em viagem ao grande paiz.

Quando cheguei a Singapura o medico de bordo do *Tosa Maru* approximando-se, disse-me impassivel e muito cortezmente: "Dr., eu tenho vaccina contra cholera-morbus; o Sr. e os seus não desejam vaccinar-se?" Respondi-lhe: Porque? retrucou-me: A *Nippon Yusen Kaisha*, isto é, a companhia a que pertencia o vapor, mandou vaccina preparada no *Instituto Kitasato*. E proseguindo deu informações sobre a epidemia reinante em Kobe, porto para onde me dirigia.

Sobreestive-me, o cholera-morbus sempre constituiu motivo de sérias attribuições para a hygiene occidental e confesso que lá me sobresaltei por mim e pelos meus.

Ao descer, a noite, para o jantar, verti fiqueti grande copia de cartazes em vários pontos do navio e observei ainda pessoas da tripulação lendo attentamente impressos que eram objecto de comentarios.

Procurando indagar do que se tratava, porquanto tudo estava escripto em japonéz, fui informado de que, os cartazes, coimo também os impressos, occupavam-se dos conselhos dados á tripulação sobre o cholera-morbus, sua transmissão, o papel que a mosca representa e a maneira mais effizaz de combatel-o.

Tudo fóra realizado por iniciativa da Companhia a que pertencia o vapor, seguindo instrucções do governo e isto, dez dias antes de se chegar á Kobe, cidade flagellada pelo mal.

O prazo que separa as duas vaccinações, é de cinco dias; sendo usado um 1 cc. na primeira injectão e 2 cc. para a segunda. O medico de bordo, porém, depois de ter feito vaccinar toda a tripulação, vaccinou-me e aos meus, aconselhando-nos que reduzissemos o período entre as duas vaccinações á metade do prazo, ao que nos submettemos.

Vou reproduzir algumas das impressões

que anotei no meu diário a respeito das coisas medicas observadas no Japão. Será mais interessante, penso eu, para o leitor, surprchender as impressões transmittidas á medida que iam sendo recolhidas, guardando todo o sabor original porquanto não desejo retocal-as:

"Bordo. Tosa Maru 25-8-1920.

Tomamos hoje segunda d09e vaccinan-te. Tive algumas dores em resultado da injeção dada pela primeira vez á tarde do dia 22, dores essas que mais se accn-tuaram no dia 23. A injeção é feita no dorso sempre com a mesma agulha ape-nas limpa com algodão e álcool. Sobre o peito injectado collocam um frag-mento de esparadrapo. Referiu-me o medico que, de Junho até a ultima in-formação recebida pela agencia da Com-panhia em Singapura, deram-se mil e muitos casos de cholera em varias cida-des do Japão; accrescentando que os ia-poneses soffrem incursões dessa doença quasi annualmente proveniente da China e das indias.

Já então em territorio japonese, escr* via: "Visitei o hospital de tuberculosos de Kobe com 70 doentes podendo com-portar 100. Em varias cidades ha es-tabelecimentos semelhantes construido3 com 25 % dado pelo governo central e 75 % pela municipalidade. O de Tokio tem 500 enfermos e o governo pretende legislar para obrigar a construcção de um hospital para tuberculosos em toda a cidade de 50 mil habitantes para cima; já se vê que, com a cooperação da mu-nicipalidade e do governo central. O hos-pital de Kobe tem dois annos de funcio-namento e custou 400 contos; a installa-ção é modesta mas dá a impressão de ordem, asseio e eficiencia. Nos hospi-taes o visitante tem de mudar o calçado. Visitei também o matadouro que é da municipalidade a qual também explora a luz eléctrica e viação urbana. Informa-ram-me no matadouro, que a trichilnose é muito rara. Quando a tuberculose ata-ca mais de um orgão toda a rez é regej-tada".

"Visitei o Hospital de Isolamento em Kobe, onde se acham recolhidos os cho-lericas. Este anno o primeiro caso foi observado em 2 de Junho, tendo se da-do até hoje, 1 de Setembro, 340 casos;

a doença ataca principalmente os esti-vadores e isto pelo facto de estarem em contacto directo com as tripulações dos navios infectados. A vaccinação tem da-do excellentes resultados; foram apenas observados 5 casos de cholera entre as 200 mil pessoas já vaccinadas. Informei-tado, o permanganato de potássio tão pre-me sobre os metuodos de tratamento; ainda não foi encontrado qualquer que satisfaça. O Hospital de Isolamento em-pregou ha 4 annos passados, sem resul-conisado por Castellani e Chalmers na ultima edição do seu livro, o que muito me surpreendeu. Como insistisse sobre o assumpto, o Director do Hospital dis-se-me que ia mandar buscar as papelle-tas, o que fez demonstrando-me ser a novidade preconizada pelos inglezes, coisa verificada inccficaz peios japonezes."

Actualmente empregam no tratamen-to do cholera-morbus quatro methodos: o primeiro é uma solução com alguma se-melhança com o liquido de Ringer, addicionado de glicose e outras substancias. Usa-se cm injeções intravenosas de 500 cc. O segundo methodo consta de sôro phy-siologico a 8,5 0/000 contendo glicose e bicarbonato de potássio; é usado em in-jeção intravenosa de 500 a 2.000 cc. quantidade, o que deveras me surpre-hendeu. O terceiro methodo consiste na in-jeção de sôro physiologico a 8,5 0/00 em doses elevadas. O quarto methodo em-pregado é a utilização do sôro antichole-rico em doses de 40 cc. repetidas du-rante dias e que é injectado na veia e debaixo da pelle. A mortalidade é de 50 % com qualquer dos methodos.

Parece que o primeiro methodo é o que dá por emquanto melhores resultados. Havia algumas crianças cholericas; não tinham dado entrada no Hospital crianças abai-xo de 5 annos. O Hospital posBuiã 50 cho-lericos. O edificio é velho, as installações são modestas; mas o que se observa aqui é de que tudo funciona como um relógio. Os casos de cholera são permittidos tra-tarem-se em domicilio quando este se en-contra em boas condições hygienicas. Os convalescentes ficam reunidos cm uma sa-la. Para o isolamento dos vibrões cho-lericos emprega-se o methodo de Dieu-donné. O doente tem alta somente uma semana depois do ultimo exame de fezes



negativo. Cada quarto do Hospital passue um dispositivo especial onde fica collocado o urinol de maneira a permittir sua retirada pelo lado externo. Os doentes de cholera entram por uma porta especial e são levados para os pavilhões a elts destinados.

Somente uma parte de Kobe possui cax-gottos e abastecimento de agua corrente e tem, por isso, sido poupada pelo mal. Os médicos tranquilizaram-me a respeito da agua e do gejo que se encontravam devidamente resguardados, affirmando-me que podia, sem receio, usal-os no Oriental Hotel onde residia o que comecei a fazer de tal forma me impressionaram os serviços e a efficiencia dos trabalhos effectuados contra a epidemia e os resultados obtidos pela vacinação em massa.

Duvido que em outro qualquer paiz possuindo população e edificação nas condições de Kobe, se pudesse conseguir mais. Hamburgo teve que tomar medidas extremamente energicas e, assim mesmo, o cholera-morbus offereceu grande resistencia. Lembro-me ainda da transformação que os allemães levaram a cabo na parte velha de Hamburgo".

Todos os meus diários estão cheios de informações que se relacionam com a hygiene e a medicina. Colhi, ao acaso, entre as primeiras que se me depararam, após alguns dias de estadia no Japão e que julgo serem interessantes dado o pouco conhecimento que temos sobre o cholera-morbus.

Posso acrescentar que o mal conseguiu contaminar duas ou tres outras cidades porém foi completamente jugulado ao cabo de alguns mezes. Quando deixei o Japão, não existia mais caso nenhum de cholera-morbus: a epidemia fora extincta e a hygiene daquelle paiz registrava sem alarde, mais uma victoria.

As notas que possuo bem aproveitadas e desdobradas convenientemente, dariam alguns livros e talvez me sinta tentado um dia a publicar qualquer coisa aproveitando tão oopioso e interessante material colhido.

Nunca pude deixar de admirar sem limites a organização do povo japonez cujo extraordinário progresso se deve tão somente ao ambiente scientifico que os detentores do poder publico souberam crear

e desenvolver naquelle pais. A titulo de amenidade passo a narrar um episodio que dá bem ideia da incrível rapidez com que aquella gente de mentalidade tão differente da nossa, soube assimilar o processo e o espirito scientifico occitental.

Actualmente, em substituição ao Prof. Miyajima do Instituto Kitasato e muito conhecido entre nós porquanto percorreu o Brasil durante 6 mezes, acha-se representando o Japão na Liga das Nações o Dr. S. Uchino do Serviço de Saúde Publica e que me prestou relevantes serviços durante a minha permanencia ali, mostrando-me o que de mais importante havia na organização sanitaria de sua terra, tendo-me narrado, ao historiar o inicio da medicina e hygiene no Japão, ter sido seu pae um dos primeiros moços destacados pelo Japão, afim de estudar a medicina occidental.

Como sabem, por occasião da revolução japoneza por elles denominada de *Msji*, a nação se convenceu de que para viver livre, sem se transformar em colonia, a exemplo do que se passou em toda Asia, seria imprescindível abandonar para todo o sempre os velhos methodos nacionaes alguns datando de milheiros de annos.

Para se dar uma resolução pratica ao assumpto, o governo imperial convidou as provincias para que estas fizessem um appello ás municipalidades afim de que fossem seleccionados entre a mocidade de cada uma delias, os elementos julgados mais capazes e que seriam subsidiados por todos, afim de partirem para a Europa onde se dedicariam ao estudo de varias ramos das sciencias occidentaes transplantando-as depois para o Japão.

Entre os jovens que partiram na primeira turma para estudar a medicina, fora indicado pela municipalidade a que pertencia o progenitor do meu collega e amigo Dr. Uchino. E' bom salientar que o Dr. Uchino actualmente tem pouco mais de 50 annos. E' portanto, rm₆ pagina de hontem e os resultados colhidos foram de tal fôrma espantosos, que o Japão na actualidade está collocado entre as grandes potencias do mundo por qualquer prisma que seja considerado.

Quem se recordar do novo caminho aberto á mediaina pela Chimotheapia com as investigações de Ehrlich em tor-



no do celebre 606, não deve olvidar-se de que ao lado de um dos grandes cliimicos modernos de que a Alle-nanha se ufana, estava o seu collaborador flata que, juntamente com Ehrlich, apresentou ao mundo o celebre livro em que ainbos dão noticias das investigações e dos resultados colhidos com a nova substancia obtida, a qual abriu tão dilatados horizontes á medicina mundial.

O espaço não permite entrar em outros pormenores, bastaria, porém, salientar o nome de Kitasato e dos seus discipulos que trabalham no grande Instituto que tem o seu nome e que não receia o confronto com os maiores centros de investigações medicas do mundo.

Não queríamos, porém, encerrar estas linhas sem recordar que, entre as personalidades do ministério formado para acudir a reconstrucção do Japão assolado por um cataclysmo sem precedentes, encontra-se um medico occupando a pasta do Interior. Refiro-me ao Visconde de Goto com o qual tive a honra de travar relações; foi elle o grande saneador de Formosa, ilha que os chinezes perderam na guerra e que foi permittido ser retirada pelos vencedores tão somente devido ao facto da sua insalubridade ter desafiado as organizações sciencificas dirigidas por hol-

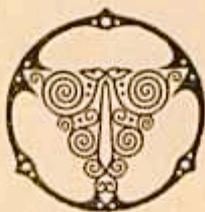
landezes e inglezes e á crença de que igual resultado iria caber aos japonezes.

Estes, orientados pelo actual Visconde de Gôto nomeado governador de Formosa com os amplos poderes que os norte-americanos, talvez aproveitando a lição, souberam dar a Gorgas no Panamá, transformaram a grande ilha tropical em um dos mais importantes celeiros do Japão; encontrando-se hoje apparelhada com industrias modernas, tendo usinas de asucar sem rivaes e gozando de uma salubridade perfeita em toda a zora. explorada.

A catastrophe que enluta a patria japoneza encontra na sua desmesurada extensão um povo de energia e capacidade também illimitadas. Para quem subscrive estas linhas repassadas de emoção, existe a certeza de que, amparado pelo espirito sciencifico tão desenvolvido no Japão moderno e que preside quanto alli se faz e que tem sido a causa única do seu progresso sem similar em toda a historia, a nação japoneza, irá dar mais uma vez ao mundo a oportunidade de ser admirada na obra de rapida reconstrucção que prevejo.

Arthur Neivu-

("Scienaiia Medica", Rio).





DEBATES E PESQUIZAS

AS VITAMINAS E O CÁLCIO

No artigo anterior procurei evidenciar a importância da vitamina "A", ile preponderante influencia reguladora e coordenadora do metabolismo". Além desta existem ainda as vitaminas "B", "C" e "D".

VITAMINA "B" — A falta de alimentos providos deste typo de "factor accessorio", quando não é completa, determina perturbações de pouca monta: se, porém, cila perdurar por certo tempo, a saúde resente-se, o individuo enfraquece, desuutre-se, alterando-se-lhe o estado nervoso. Se os alimentos, ao invés de serem pobres, forem completamente desprovidos desta vitamina, a situação agrava-se: o individuo emagrece, edemacia-se, as suas pernas se naraly-sam, surge o mal denominado beriberi ou polynevríte, como se verificou, commumente, e ainda se verifica, entre marinheiros e seringueiros alimentados, sobretudo, com arroz polido.

Também as crianças soffrem, nas mesmas condições, perturbações idénticas: a principio ficam fracas, pallidas, perdem o appetite e apresentam

desordens gastro-intestinaes. Como a vitamina "A", também, a "B" concorre para o crescimento normal.

A vitamina "B" é encontrada particularmente no embryão e na cutícula dos grãos de cereacs e das leguminosas. Em muitos alimentos ricos da "A", existe também a "B", como no olco de figado de bacalháu, na gemina do ovo, no leite, 110 espinafre, na alface, 110 tomate.

O beneficiamento do arroz, como é feito, tem a desvantagem de desvalorizal-o como alimento, porque o polimento faz despregar não só a pellicula, (cuticula ou perisperina) a que me referi, como o embryão, mais rico da vitamina referida, como em phosphoro e ferro. Eis por que o farelo é um optimo alimento para es aiiimacs.

A carne é pobre em vitaminas, sendo, no enitaito, um alimento de primeira ordem quanto ás proteínas, gorduras e saes. Quem se alimenta principalmente de carne não se abastece dos dois importantissimos "factores accessorios" em questão.

Acreditam certos autores que a vi-

tamina "li" resiste á temperatura de 100° durante uma hora e a de 120° durante 20 minutos, podendo ser impunemente dessecada na temperatura ordinária. São condições essas que muito nos valem, do contrario seríamos obrigados a nos alimentar principalmente de frutos e cereas crús.

VITAMINA "C" — A falta deste principio nos alimentos é de effeitos rápidos e patentes, installando-se o mal denominado escorbuto, muito frequente, actualmente, entre as crianças allemãs, devido á miséria na Allemanha. O escorbuto se denuncia pela pallidez, anemia, edemas, dôres nos membros, echymoses, gengivite hemorrhagica; as gengivas se inflamam e se ulceram, e os dentes podem, mesmo, cair. Basta dar ao doente vegetacs frescos e sobretudo frutos para desaparecerem essas manifestações mórbidas.

São muito communs os casos de individuos com a forma benigna de escorbuto, com as manifestações attenuadas, seguintes: anemia, gengivas que sangram facilmente, debilidade. Basta o individuo receber alimentos ricos em vitamina "C" para desaparecerem essas perturbações. Estão nestas condições a laranja, a uva, o nabo, a cenoura, o limão gallego, a alface, o mamão, os legumes frescos em geral.

VITAMINA "D" — Não está, ainda, sufficientemente, estudada. Julga-se ser dotada de acção anti-rachitica e existir em abundancia no oleo de fígado de bacallião e, em menor quantidade, no leite.

METABOLISMO DO CÁLCIO — Como complemento direi que ha intima dependencia entre as vitaminas e o metabolismo do cálcio. Pesquisas a respeito do intercambio nutritivo demonstraram que o oleo de fígado de bacalhão facilita a retenção de saes de cálcio no organismo. E este elemento é de inestimável papel biogenetico, quer sob a forma inactiva,

para a constituição de esqueleto e demais tecidos, quer sob a fôrma activa, colloidal, em relação á excitabilidade muscular, á coagulabilidade do sangue e ás funções immunisadoras do organismo contra as infecções, especialmente contra o bacillo tle Koch.

O cálcio é imprescindível ao organismo que deve recebê-lo sob a forma "organizada", em quantidade bastante para equilibrar a perda diaria, num adulto, de 20 a 50 centigrammas por dia (CaO); e as crianças não só o precisam porque o eliminam, como necessitam delle na razão de 12 a 13 centigrammas para a consolidação do esqueleto. Recebido em quantidade insufficiente, resulta as "osteopathias da fome", como se tem registrado na Allemanha e Áustria ultimamente. Em menor gráu determina múltiplas perturbações, cutâneas e glandulares.

A calcificação para ser efficiente deve fazer-se sob a forma de alimentos ricos em saes de cálcio, cálcio esse "vitalizado" e não de cálcio mineral, cujo aproveitamento é menor.

A alimentação racional, a boa mastigação, o regime ordinariamente usado no nosso paiz, não esquecido o uso constante do leite, legumes, (alface, espinafre), ovos, manteiga, creme, coalhada, queijo, (laranjas, bananas.), previne as doenças de carência, as avitaminoses, com suas múltiplas manifestações.

E' preciso não esquecer que alem dos alimentos que satisfazem o prazer gastronomico e dão ao estômago a sensação de plenitude, são indispensáveis os alimentos "protectores", "complementares", "accessorios", ou vitaminas, e tres delles são insuperáveis: o leite, os ovos e frutos. Se quiserem, accrescente-se o oleo de fígado de bacalhão. Quanto aos tonicos, adeus com elles!

R. K.

(Gazeta de Noticias, 1Uo).



A PREVISÃO DOS NAUFRAGIOS E DOS INCÊNDIOS NO MAR

Uma revista que se publica em Paris. "Le Correspondant", inseriu um artigo assignado pelo sr. Edgard de Loeffroy, sobre as causas mais frequentes dos incêndios no mar e dos naufragios, e meios que, com vantagem, podem ser postos em pratica, para impedil-os ou dominal-os.

Traduzimos a seguir alguns tópicos interessantes dessa publicação:

"As estatísticas dos incêndios no mar demonstram que os navios podem ser destruidos pelo fogo ou pela agua. Se os naufrágios são agora quasi tão frequentes como dantes, os incêndios tendem ainda inais a multiplicar-se.

Assim como um navio pôde sosso-brar repentinamente, dando apenas o tempo indispensável para preparar o salvamento dos passageiros, o incêndio também ás vezes é quasi instantâneo, como o de "Vinh-Log" de que se occupou o conselho de guerra de Toulon. Foi devido somente á imprudência de um marinheiro que fumava perto das caixas dos films, que explodiu violento incêndio e causou a morte a alguns metros da agua de muitos passageiros entre os quaes uma senhora e todos os seus filhos menores.

E' portanto melhor evitar que o fogo ou a agua appareçam no navio a ter que combatei-os quando já o invadiram.

E' necessário pois, descobrir a causa do fogo ou adivinhar o obstáculo invisível que ás vezes se levanta na rota do navio. E' indispensável prescindir do emprego a bordo de tudo quanto possa ser causa, embora remota, de incêndios e de naufragios.

O espirito humano deve dedicar-se, de preferencia a melhorar o que já temos, que a criar o que ainda não existe.

O signal precursor do fogo é incontestavelmente a fumaça, sendo cila acompanhada de um cheiro particular.

E' muito raro que o fogo irrompa sem que o ponto inicial não esteja es-

condido e delle se desprenda fumo com cheiro suspeito.

Afim de descobrir-se os menores vestigios da fumaça ou do odor, nos mais reconditos logares do navio, acaba de ser applicado um processo norte-americano denominado "Rich", que termina numa installação perto do logar onde se acha um guarda permanente.

Uma rédc de pequenos tubos liga a uma cabine perto do logar onde se acha o guarda, todas as dependencias do navio.

Na extremidade de cada tubo, no interior da cabine, encontra-se uma chaminé vertical pela qual passa uni possante jacto de luz.

Quem observar essas pequenas chaminés só perceberá o facho luminoso quando o ar estiver misturado com alguma porção de fumaça cujas particulas brilharão fortemente.

A chaminé de onde parte esse cone de faiscas deixa saber immediatamente o logar do navio de onde parte a fumaça suspeita, sendo o apparellio tão sensível que denuncia a fumaça de um cigarro.

E' a presença invisível do capitão por toda a parte. A imprudência de certos fumantes pode ser immediatamente descoberta.

Afim de augmentar a efficacia do systema a cabine denunciadora é preparada de forma a fazer passar para a propria camara do vigia o ar aspirado pelo vcntillador nos compartimentos por intermédio dos pequeno* tubos; o olfato pode vir a corrigir qualquer falta da vista.

O emprego desse systema pôde entender-se ás organizações terrestres.

O ULTRA-SOM

Qual é o signal precursor dos incêndios senão o eco submarino que reproduz o obstáculo invisível que se lavanta diante dos navios?

E' preciso, pois, que o navio em marcha lance uni som sob as aguas que se propague diante delle e que só



lhe seja devolvido quando a sua propagação seja impedida em qualquer parte por um obstáculo sobre o qual reflectira como a luz em um espelho.

O som, porém, assim lançado e depois reflectido, volta muito amortecido, deformado pelo duplo percorrido sob as aguas e em todo o caso de difficil percepção no meio de outros ruídos produzidos pela maquina etc.

Assim, para se distinguir no meio desse barulho, é necessário lançar uma nota muito clara e que se perceba entre esses ruídos de forma a exceder os limites de percepção do ouvido humano e que somente possa ser apprehendida porapparelhos muito especiaes» — é o ultra-som.

Quando um prisma de vidro descompõe a luz branca produzindo o arco-iris, a vista percebe a escala do vermelho ao violeta. A physica nos ensina que a cada uma dessas côres corresponde um numero differente de vibrações de ether, substancia que serve de vehiculo d luz, como o ar e a agua, meios materiaes, conduzem o som. Assim o vermelho corresponde a 430 milhões de milhões de vibrações por segundo do ether, o amarelo a 550, o verde a 600, o azul a 650, o violeta a 750. Aquém do vermelho e além do violeta, a vista não percebe mais nada, mas é um instrumento incompleto, porque ha ainda alguma coisa, a escala continua. Existe o ultra-violeta, cujo numero de vibrações ultrapassa a 750 e vela as chapas photographicas, esses são os "raios chlmicos"; ha o ultra-vermelho, cujo numero de vibrações é inferior a 450 milhões de milhões e cae até 3 milhões de milhões e que certos thermometros particularmente sensiveis denunciam; estes são os "raios calorificos". De todo esse campo immenso de vibrações de ether, a vista só abrange uma zona muito restricta.

De todos os campos de vibrações sonoras do ar ou da agua, o ouvido só percebe uma zona limitada. Passando de 0.000 vibrações por segundo, o som torna-se por tal forma agudo, que o ouvido não consegue apprehal-o, e comquanto o ar ou a agua continuem a vibrar, o silencio começa.

E o "ultra-som", o "ultra violenta sonoro" que se propaga, em silencio, com a mesma velocidade que o som ordinario 330 metros por segundo no ar, 1.430 metros por segundo na agua, e que obedecendo as mesmas leis que elle reflectira particularmente sobre os obstáculos, tornando-se um éco.

Como produzir o ultra-som, fazendo-o perceptivel ao ouvido?

O ouvido está no ar; as vibrações electricas ou luminosas do ether não podem attingil-o directamente, mas graças aos trabalhos de liraully, as ondas electricas do telgrapho sem fio não lhe escapam.

De outra parte, as ondas electricas tem um campo de vibrações cuja frequencia por segundo estendem-se de 10.00 a 300 milhões e mesmo a 50 bilhões. Em outros termos, é possível encontrar, no ether, a mesma frequencia de vibrações que a do ultra-som no ar ou na agua.

Esta possibilidade de transformar as ondas electricas em ondas sonoras de uni lado, esta concordancia de frequencia entre os movimentos vibratlvos nos dois meios, embora tão differentes das ondas electricas e das ondas ultra-sonoras, levam o problema á concepção de um transformador dessas vibrações.

O professor Lagevin acaba de tcl-a utilizando a descoberta de I e Z. Curie sobre a "piezo-electricidade". Piezo provem de uma palavra grega que significa "fazer pressão" porque as pressões ou deformações elasticas exercidas por certos corpos, como o crystal e o quartzo, engendram plienonios elctricos e vice-versa.

Ora, as compressões e tracções alternativas podem ser directamente realisadas pelas ondas ultra-sonoras e um condensador constituirá um transformador de energia mecanica oscilante em energia electrica oscillante da mesma frequencia da qual tirar-se-ão as oscillações pelos processos ordinários da T. S. F.

Ima vez submerso na agua, esse apparellio muito robusto de quartzo e aço, alimentado por um gerador de oscillações electricas idéntico aos da T. S. F. e cuja frequencia é compre-



liendida entre 40 e 100.000 vibrações por segundo, desempenhará o papel de "uma antena de emissão de ondas ultra-sonoras da mesma frequência" que se propagarão na água com uma velocidade de 1.130 metros por segundo.

Inversamente, este aparelho poderá servir de "antena de recepção, transformando as ondas ultra-sonoras em ondas eléctricas" perceptíveis pelos processos actuaes.

Ainda mais. A enorme frequência das vibrações do ultra-som lhe dão a vantagem considerável de poder "dirigir" a sua emissão em fachos analogos aos fachos luminosos dos reflectores. Um projector de ondas ultra-sonoras pôde varrer o espaço submarino á procura de obstáculos, como no tempo da guerra os liolophotes procuravam os aviões inimigos no céu; pode fazer signaes entre submarinos e explorar os abysmos do mar e descobrir os recifes pelo eco.

Se alem das notas mais altas da escala musical existe o "ultra-violeta sonoro", silencioso, susceptível de ser utilizado para a prevenção dos naufrágios, poderemos encontrar em um "infra vermelho sonoro" aquém das notas mais baixas, outro recurso contra os perigos do mar?

Somente os menos de 16 vibrações por segundo é que o ouvido apenas percebe choques isolados e perde a noção da continuidade do som. Por baixo está a "zona dos abalos silenciosos que o ouvido não percebe, mas que podem sentir-se pelo contacto".

Dezeseis vibrações por segundo representa quasi o movimento dos motores rápidos. Entramos, pois, na zona industrial, na zona dos gestos rápidos do homem e de suas machinas.

Enviemos á água essas sacudidas pouco frequentes como se enviam ao ether as oscillações extremamamente rápidas das ondas luminosas ou eléctricas, e na água ou no ar as do ultra-som e as menos rapidas do som, é sempre "transmittir energia sem fôrma ondulatoria por intermedio de um apoio mais ou menos material".

Essa energia porém transmittida de

um centro de agitação, diffunde-se no espaço em outras concêntricas como as circulares que produz o choque de uma pedra ao cair na água! Eslu diffusão é tal que no posto de recepção apenas se recolhe uma fracção infinitissima, tanto menor quanto maior é a distancia.

A fracção recolhida torna-se importante quando se pôde concentrar a emissão em um feixe com o auxilio de um projector ou aparelho acústico. Recolhe-se a quasi totalidade da energia emittida, quando esse feixe é substituído por um apoio mais material, por exemplo, quando as ondas electricas são guiadas por um fio conductor. O transporte de força a distancia pelas canalisações electricas é um exemplo diário.

Portanto, temos o direito de perguntar-se, por analogia uma canalisação de água não poderá transmittir o infra-som, por exemplo, os choques possantes e rápidos de um motor.

Um engenheiro rumaiço, o sr. Constantincseu, em 1914, fez transmittir, com o auxilio de uma columna de água, a energia de uma machina motriz a uma machina receptora, como um dynamo produtor de electricidade pôde em movimento a distancia um motor que absorve a corrente e a transforma em força mecanica.

A analogia entre uma instalação infra-sonora e uma instalação eléctrica é patente.

Contrariamente ao que geralmente acontece, a applicação terrestre do infra-som precedeu á marítima. O seu emprego a bordo so pode servir para augmentar a segurança dos navios contra os riscos de incêndio e de naufragio.

O infra-som já substituiu com vantagem installações de transporte de energia electrica para a direcção a distancia das machinas, por exemplo, para mover os ventiladores, os aparelhos de perfuração nos trabalhos das minas, onde devido ás difficuldades que offerecia o emprego de circuitos electricos já se tinha utilizado o ar comprimido embora com péssimos resultados.



A bordo dos grandes aviões, próclise empregar o infra-soni para dirigir a distancia as hciices collocadas sobre as azas. Tal maneira de agrupar 110 centro ile um avião todos os motores facilita a inspecção. A suspensão ile uni grupo desses motores não acarretará mais como a suspensão ile uma helicc, o risco do desequilibrio brusco durante um vôo, cujas consequências podem ser funestas; so causarão certa lentidão nos movimentos de todas as lielices ao mesmo tempo.

O infra-som applicailo aos navios

não offerece nenhum dos perigos das installações electricas, curtos circuitos, aquecimentos, etc. mas é ao mesmo tempo, simples, economico, veloz e seguro. O unieo inconveniente de uina caiialisação do infra-soni só poderia ser a ruptura do cano conductor lia agua, mas, como segundo o systema, o liquido é immovcl, apenas vibraria no logar. A substituição do pedaço de tubo quebrado seria uma operação simples e rapida.

("O Estado de S. Paulo")





CURIOSIDADES

NYMPHAS E SATYROS

Serão ficções ou realidades estes seres assim chamados? E haverá, em verdade, taes existencias? Por certo que não se trata de episodios phantasticos, a que a imaginação poética empresta o colorido, a graça ou os traços monstruosos, como quando nos pinta os Satyros, os Egipans, etc.

Não se pôde imaginar nada fóra da realidade. O elemento frustro da graça ou da belleza, é tão substancialmente real, em se tratando de unia ondina ou de uma orcade, como em se tratando de uma Hcloisa ou de uma Virgínia.

O que cumpre é resalvar a unidade classica da belleza para que nos não percamos em um ambiente a que falte o numen creador. Crêa-se em tudo: na poesia, na philosophia, em todas as artes e sciencias, em summa.

Na própria irrealidade, no proprio sonho, na própria phantasia, existem o homem e a paysagem. A paysagem animando-se ao calor do sentimento, á capacidade Intrinseca da idéa.

Os poucos dextros na interpretação do fabulismo grego-romano, não atinam, naturalmente, com o seu scenario ou-

colico. E' mister applicar á concepção, apparenemente phantastica, um metliodo que nos habilite a julgal-o como constituido de factos reaes.

As mulheres, tão bellas, que apparecem d'entre as flores, ou as que espreitam por entre os sarcaes e galhada florente; as que revêm do pinturesco dos quadros occultos ao nosso olhar; as que insurgem da agua dos lagos e dos rios, todas apalpam aquella realidade intangível; revelam aquelle mundo, assoberbado ainda por uma natureza que refoge e se lurta á nossa curiosidade e exame.

As puras representações fabulisticas são transportes de cousas invisíveis para o scenario material.

Chamam Fabulas puras representações significativas das cousas, porque todas as cousas materiaes representam as espirituaes e lhes correspondem.

Não lia Fabulas. O que lia é a penetração de uma vista especial em um mundo que não é o nosso.

Nymphas e Satyros, duas cathogorias diferentes do mesmo principio vital.



Uma vez que se saiba que ha um mundo por traz do em que nos achamos, e que esse mundo é em tudo a elle equal, não lia que admirar surjam taes monstros e deidades em logares só habitados muitas vezes por feras e selvagens.

Os Satyros são homens que não completaram a sua evolução. Sae-se da terra, ainda animal, por exemplo; não é possível deixar de continuarmos o nosso desenvolvimento intellectual e moral, visto que a animalidade é, apenas, um estado transitório e, alem disto, só o é, nas camadas exteriores que constituem o corpo physico. Quem diz desenvolvimento moral, diz espirtual. Ora, este implica, forçosamente, uma mudança de estrutura. Sendo o Satyro um mixto de homem e de animal, é, por isso mesmo, uma aspiração á racionalidade.

Se participa, portanto, das duas categorias, é porque o seu estado não melhorou, de modo a desfazer as irregularidades que resistiram á acção do progresso.

Esta não se exerceo, efficaçzmente, em todo o conjuncto physico.

No mundo espirtual essas transformações são fataes. A pliilogene-se não é, apenas, um gráo comportável ás vicissitudes da especie no plano das transformações materlaes. Assume, também, o seu papel transitório e efficientisslmo quando transpomos os limites da vida planetária. Acompanha o individuo e opera do mesmo modo. As camadas mais crasas da estrutura cedem á lei das transformações com a morte. Mas as que seguem o individuo não resistem á mesma influencia mysteriosa que caracteriza e define em toda parte os estados evolutivos.

Quer diser, esses monstros, sorprendidos pelos videntes nas montanhas e bosques da Grécia ou de Roma, são, effectivamente, individuos que pas-sam por uma larga transformação no mundo espirtual. São homens em crysalida, cujo esforço intrínseco não attinge o gráo necessário á eliminação completa dos que ainda permanece

na sua forma exterior e que só o tempo será capaz de desfazer.

E', de facto, o Satyro um bode em evolução para o homem. Se os espiritos dos animaes, que o têm, c seguem a mesma trajectória que elle, não deparassem no mundo em que vão viver, elementos de progresso, a obra de Deus seria imperfeita.

Mas não; uma vez desfeita a massa organica, que os prendia á terra, surgem na outra existencia, e, como a crysalida, aguarda o momento fatal em que se transformará em borboleta, isto é, em homem.

O scenario espirtual, sendo naturalissimo, não deixa de ser interessante para os que se alheiam por completo a essa ordem de phenomenos.

Onde ha uma floresta natural, ha outra espirtual. Nesta é que se revelam á nossa vista interna.

A vida é uma successão de manifestações occorridas em ambientes cada vez mais puros, caso os acompanhemos em uma escala ascendente. Perde, porém, o caracter de pureza, se retrocedermos e olharmos para os mundos onde o mal impera. Ahí, as visões são acerbas, desalentadoras, horríveis.

Não pertencem os Satyros a outro mundo senão áquelle no qual a desordem impermeou a constância do bem, e tornou Irreductiveis os que inverteram a ordem, entregando-se á pratica do mal.

Emquanto ha vestgios de animalidade no corpo humano, não pôde o elemento retrogrado obrar sinão de accôrdo com o instincto que nelle predominou sempre.

A forma é a reflexão da idéa, não lia duvida.

Mas esta, no caso, é a manifestação de um poder que failio e degenerou. E' mister o esforço sobre-humano da rasão, aviventada pelo principio universal do bem, para que todas aquellas irregularidades desappareçam.

Uma vez desaparecida a deformidade do estagio secundário, homem já, reencarna para suscitar na



própria desordem moral, que ficou do longo periodo transitorio da animalidade, o com que affirmar-se na cathogoria que lhe vae dar ensanchas a novas manifestações de caracter puramente espirital, por não ser então, matéria o que está em jogo, mas o espirito.

A transição, pois, do Satyro para o homem, é absolutamete real. Não ha visões irreaes ou falsas: lia homens, deturpados, embora, na sua conformação plicsica pela deficiencia do gráo em que ainda se acham. O painel occulto da natureza não é vedado á vista de ninguém: pôde ser visto por todos. Como, porém, perdemos o orgáo que nos podia relacionar com elle, nem todos logram attingil-o. Os que affirmam, desde a mais alta antiguidade, a existencia de indivíduos nos bosques, nos campos e nas montanhas eram dotados dessa faculdade atrophada na maioria dos homens. Taes factos são, em verdade, importações orientaes, pois nos paizes do Oriente foram frequentissimas e normaes essas aparições. As nymphas, as orcades, as amarylís, as nayades, etc., são também, lindas mulheres que se aprasem em viver, não rusticamente, nesses logares, ermos e distantes, mas pessoas que, passando por ellas, são vistos pelos olhos dos que podem abarcar taes contingências. O plano espirital, de repente, surge da inassa terrena e se nos revela a meio. Sem desfigurar, comtudo, o scenario natural, deixam perceber a relação existente entre as duas naturezas — a visivel e a invisivel.

l'óde faltar a paysagem completa, como no caso que nos preocupa: apenas uma parte logrou romper os obstáculos creados pela matéria, tornando-se accessivel. Mas esta pequena porção bastaria a revelar-nos todo o conjuncto se esse, por innumeras veses, se nos não apresentasse.

Não ha visões, repito: ha aspectos

ou formas reaes, apropriadas a outras revelações menos instáveis e retrogadas. Consideremos, pois, taes manifestações como capazes de nos erguerem a espheras menos pesadas e, por isso mesmo, mais inaccessiveis. Deusas que passeiam nas vagas; dessas que se transplantam ou vivem mesmo nos bosques e campos, são mulheres tão reaes como as que adornam e enfeitçam os nossos salões ou nos seduzem e encantam pela sua belleza. Não ha abusões no affirmarem que foram vistas e que até nos fallaram. Ila, ás veses, por traz da paysagem normal, um recanto aprasivel em que se delectam em permanecer algumas horas. Nunca, ou mui raro, a realidade completa da paysagem se nos revela. Contingências insuperáveis inçam de difficuldades a manifestação visual e torna-se impossivel descrevel-a. De modo que o que vemos, soffre as consequências de uma incapacidade organica, por que nos faltam os attributos que nos poderiam transmittir o phenomeno na sua maravilhosa complexidade.

O que é preciso reconhecer é que os povos da antiguidade não afflrmavam cousas vans ou não existentes. Viam realmente e descreviam o que viam. E' possivel que lhes faltassem os meios verbaes de nol-os apresentar, taes como de facto, eram. Mas nunca duvidemos do seu testemunho. A duvida e esquecimento do que já presenciámos, e a falta de um orgáo, adequado ao commercio do mundo espirital, foram em grande parte a causa principal da nossa inferioridade moral, do deficientissimo estado de nosso apparellio sensorial, que nos isolou do conjunto das cousas que a razão devia apreciar e considerar como indispensável á nossa cultura e á nossa orientação.

Luis Murat

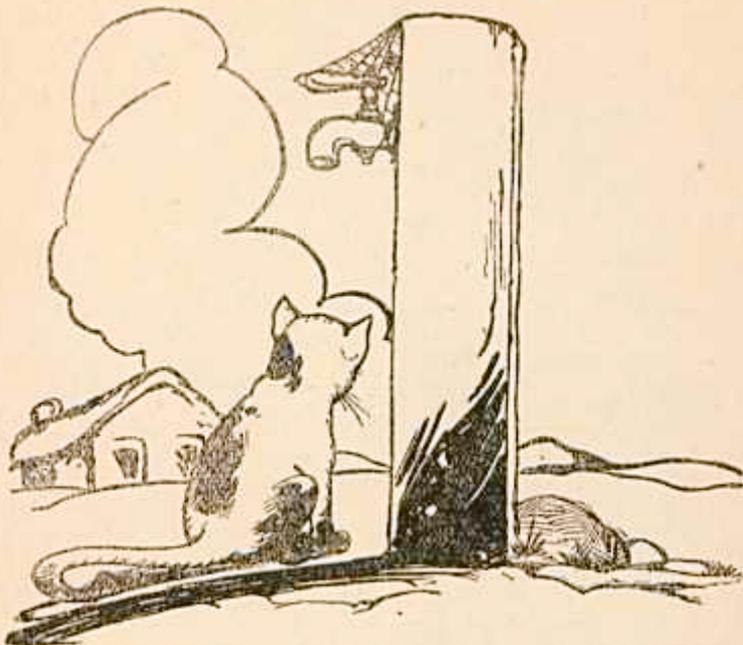
("Jornal do Brasil", Rio).



AS CARICATURAS DO MEX

ZOMBANDO

Já foram apresentados os planos para melhorar
o abastecimento de água á cidade.



Gato : — Preciso descobrir outro lugar para dormir onde não haja risco de me molhar. Pelo que dizem, aqui já não é muito seguro.

"D. Quixote" — Rio

PROGRESSOS DO FEMINISMO



— Responde-me, agora, velho gato, si nós somos criaturas de cabellos compridos e idéas curtas!

"D. Quixote" — Rio





Ah! Si a temperatura regulasse o cambio! !!

"D. Quixote" - Rio

LITERATURA AMENA



— O Sr. está espantado? Pois olhe: não achamos nada de mais nesses romances escabrosos; só achamos de menos...

"D. Quixote" - Rio

Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudos de Contabilidade, obra em quatro volume», em brochura. 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nas principaei escola» de commercio do paiz. Util ao» que de»cjam adquirir conhecimento» profundo» em contabilidade. Em brochura. . . 10\$000

Explicações Praticas de Escripuração Mercantil. Livro indicado ao» que de»ejarem adquirir o» primeiro» conhecimento» de contabilidade. Em brochura. 6\$000

Arithmica Commercial e Financeira. Obra indi»penavel para »e adquirir conhecimento» profundo» em mathematica commercial e financeira. Em brochura. . . 10\$000

Noções de Cálculos Commerciaes e Financeiros. E* indi»pen»avel ao» que não tenham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura. . . 6\$000

Problemas de Escripuração. Obra necessaria aos contadore» e guarda-livro», poi» trata de todo e qualquer caio de abertura de eicripta» e balanço». Em brochura. . . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Seguros de Vida. Como indica o titulo do livro, »er-

ve para a contabilidade do» »eguro» de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em dez volume», tendo »ido já publicados os seguinte»:

Contabilidade Mercantil, em brochura 10\$000

Contabilidade Bancaria, em brochura 10\$000

Contabilidade Industrial, em brochura 10\$000

No prelo: *Contabilidade das Empresar.;*
Contabilidade Publica; *Contabilidade Domestica;* *Contabilidade Theorica;*
Contabilidade Agricola e Pastoral;
Mathematica Commercial; *Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura 10\$000

DO Dr. FRANCISCO EUGENIO DE TOLEDO

Manual de Direito Ciuil, Dal peuo», em brochura . . . 4\$000

Analyse da Constituição Federal, cart 1\$500

Attentado ao Pudor, em brochura. 10\$000

5 *Livrinho do Coração*, em brochura 2\$000

Únicos depositários :

Monteiro Lobato & Cia.

RUA VICTORIA, 47

S. PAULO



PASCO

DELICIOSO REFRESCO

DISTRIBUIDORES

Pernambuco
Bahia
Victoria
Pioire Janeiro
S. Paulo
Kirito Alegre
Pelotas

Boatuu Vita
Boatelli Vita
Fabrica Ypanema
Lamp Gama
Zanotta Lorenzi q. G.
b. F. E. V. R. C.
Cuepa Ritter



ftUAHILARK)RIBEI&O,20
TelepK.VILLA.123V



EDUARDO CARLOS PEREIRA

As grammaticas até hoje mais diffundidas e usadas no Brasil são as deste autor.

GRAMMATICA EXPOSITIVA. — CURSO ELEMENTAR.

Para os cursos complementares e 1.^o anno dos Gymnasios. 23.* edição com um appendicc sobre composição 3\$500

CURSO SUPERIOR. Para Escolas Normaes, Gymnasios e Escolas de Commercio. 14.* edição com um appendice sobre estyllistica . . . 8\$000

GRAMMATICA HISTÓRICA. Para as Escolas Normaes e Gymnasios. 3.^o Edição . . . 10\$000

A critica nacional consagrou estas obras e o largo uso que delias se faz, confirmou o que dissemos.

PEDIDOS AOS EDITORES :

MONTEIRO LOBATO & CIA.

RUA VICTORIA N. 47 - A

Desconto de 30 o/o aos revendedores e aos collegios e professores.

" P É G A S O "

REVISTA MENSUAL

Calle San Salvador, 2309

MONTEVIDEO

U R U G U A Y

Monteiro Lobato & Cia.

tem no prelo, prestes a sahir, utilíssimos livros escolares e jurídicos, dentre os quaes destacamos os seguintes, que se recommendam pelo só nome dos seus autores:

Olavo Freire	Chorographia do Brasil.
Alvaro J. Rodrigues .	Geometria Descritiva.
J5 5. J .	0 Ensino Profissional.
Synesio de Faria. . .	Lições de Álgebra: Decomposição em Factores.
> >> >>>	Calculo Differential.
Dr. Moncorvo Filho .	• Calculo Integral.
Othoniel Motta . . .	Hygiene Infantil.
Dr. Reynaldo Porchat.	Anthologia Portugueza.
>> >y)) .	Direito Romano.
>> . >> >>	Da Retroactividade das Leis Civis.
	Pessoa Physica e Direito Romano.

Deste já acceitam-se pedidos.

Rua Victoria N. 47

CAIXA, 2-B

S. PAULO



ESTUDINHOS DE PORTUGUÊS

Brasil ou Brazil

Infelizmente, o Brasil é um povo que não sabe escrever seu proprio nome !...

Em notas do Tesouro, em moedas, em selos e em todos os papeis officiais, o Estado manifesta o seu requintado indiferentismo pelas cousas da patria lingua, escrevendo erradamente o nome do país, o que é, positivamente, um crime de leso-patriotismo; na imprensa, no commercio, em toda a parte, nota-se, com tristeza, o lamentavel descaso dos brasileiros, que se não importam de conhecer ao menos a exata ortografia do nome de sua terra!...

Os que pintam *Brazil*, com *z*, sustentam que a palavra vem de *brasa*, como escrevem; outros entendem que o vocábulo tem a origem no sanscrito *bradschita*, adjetivo que significa *brilhante*.

Ora, é sabido e incontestável que a denominação de nosso pais vem da afamada madeira, muito empregada na tinturaria e cujo conhecimento remonta ao século IX, — *brasil* —; este substantivo, conformemente a opinião autorizada de *Du Cange*, (*Gloss. me. et inf.*, vb. *brasile*), vem naturalmente de *brasa*, por alusão á côr avermelhada do *pau brasil*.

Dizem, alguns etimologistas de pechisbeque que *brasa* tem origem no grego *brázein*, palavra já transfigurada em *brásis* no moderno grego e que significa *fervura*. *Brasa* diz-se *pruna*, em latim clássico, *antrakis* em grego clássico, e em grego moderno, *carbunia*, assevera o padre Teofilo Bento.

Brasa vem do antigo alto alemão *bras*, (fogo), segundo os mais eruditos etimologos, como F. Adolfo Coelho, Candido de Figueiredo, etc., não obstante Wilson, *Diccionario Sanscrito-Inglês*, ter affirmado a sua origem do sanscrito *bhrasa* (*luzir*), ou ainda de *bhras*, (*resplandecer*), conforme Bopp, em seu *Glossário Sanscrito-Lathw*.

Brasa, carvão ardente, escreve-se em português com *s*, assim como o é em provençal e castelhano; escrever *braz*, com *s*, é grande pequice, que sempre deve ser evitada.

Si *Brasil* vem de *brasa* claro é que não admite a intromissão do *z*.



Em francês, escreve-se *Brésil*; em italiano, *Brasile*; em espanhol, *Brasil*; em provençal, *Bresilh*; em latim, *Brasília*; em latim barbaro, *Brasile*; em alemão, *Brasilien*; em inglês, *Brasil*; em holandês antigo, *Brasyll*; em sueco, *Brasilien*. O inglês e o holandês também admitem a grafia com *s* intervocalico.

Candido de Figueiredo, *Lições Práticas da Língua Portuguesa*, vol. III, p. 164, ensina: "... e temos, além de tudo, a nossa primitiva ortoepia, conservada nas provindas do norte, onde o beirão e o transmontano nunca disseram *Brasil*. Transmontanos e beirões, lidimos representantes do nosso falar antigo, nunca pronunciaram como *Z o S* intervocalico. E' difficil representar essa pronuncia, mas imaginem o *S* intervocalico, igual a um *S* final. De maneira que, em *rosa*, o *S* sóa como o *i* è *dois*; e assim diríamos: *rós...a*. E' o que lá sucede com o *Brasil*, que se pronuncia *Bras... il*.

Ora, esta ortoepia é um grandíssimo elemento para dirimir duvidas no emprego do *Z* e do *.S* intervocalico."

Escreveu Pero de Magalhães de Gandavo, em 1576:

"Por onde nam parece razão, que lhe neguemos este nome, nem que nos esqueçamos delle tam indiuidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pao da tinta começou de vir a este reino. Ao qual chamaram *brasil*, por ser vermelho e ter semelhança de *brasa*, e daqui ficou a terra com este nome *Brasil*." (*Historia da Província de Sancta Crus*, p. 7, r. e v.).

Além de Pero de Gandavo, escreveram *Brasil*, com *s*, escritores eminentes e eruditos filólogos, como frei Luís de Sousa, Domingos Vieira, Amador Arraiz, Constancia, Rui Barbosa, Silvio Romero, Simão de Vasconcellos, Antonio Vieira, Gonçalves Viana, Julio Moreira, Heraclito Graça, Eugênio Vernek, Gaspar da Madre de Deus, Inocêncio da Silva, Meilo Morais, Frederico Diez, A. Herculano, Adolfo Coelho, Aureliano Pimemel, etc.; adotam atualmente a mesma ortografia os seguintes filólogos e respeitabilísimos mestres: José Leite de Vasconcellos, Alfredo Gomes, Carlos de Laet, Mario Barreto, Silva Ramos, Laudelino Freire, Carlos Góis, Said Ali, d. Carolina Micaelis de Vasconcellos, C. de Figueiredo, Basilio de Magalhães, Lindolfo Gomes, Maximino Maciel, Paulino de Brito e tantos outros que longo fôra enumerar.

A grafia correta do nome de nosso país é consequentemente, *Brasil*.

CARECER

Erra-se costumadamente o emprego do verbo *carecer*, do baixo latim *carescerc*, incentivo de *carcerc*., dando-lhe a significação de *precisar*, *ter necessidade*. Embora alguns lexicógrafos autorizem tal emprego, infelizmente generalizado entre nós, a filologia moderna condena-o, taxando-o de barbarismo, não obstante o tivessem perpetrado escritores de primeira agua, como Herculano, Camilo, Arnaldo Gama, J. de Alencar, etc.

O verdadeiro sentido do verbo *carecer* é o de *não ter*, *estar fulto*, *estar sem*, e nunca se constrói prescindindo da preposição de que indica o que se não tem.

Dizemos, acertadamente *Minas carece de um porto de mar*; *a casa do pobre carece de conforto*, etc.; o que significa dizer que *Minas não tem um porto de mar*, *a casa do pobre não tem conforto*, etc.

Emprega-se *carecer* de sempre que possa ser substituído por *não ter*. Seja ou não seja *precisa* uma coisa *carece* dela quem a não possui.

Oçamos o que dizem os mestres, amigos que em nossa casa topam sincero galalhado:

